



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO -PPGCR

SALVADOR DO NASCIMENTO FILHO

**ALTARES, IMAGENS DO SAGRADO: A REPRESENTAÇÃO
SIMBÓLICA NA PRÁTICA DA BENZEÇÃO**

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2024

SALVADOR DO NASCIMENTO FILHO

**ALTARES, IMAGENS DO SAGRADO: A REPRESENTAÇÃO
SIMBÓLICA NA PRÁTICA DA BENZEÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jeane dos Santos
Alves

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
2024**

SALVADOR DO NASCIMENTO FILHO

APROVADA EM ____/____/____

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da
Universidade Federal de Sergipe, em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. Dra. MARIA JEANE SANTOS ALVES
(Orientadora/PPGCR/UFS)

PROF. DR. DARTAGNAN ABDIAS SILVA
(Membro Interno/PPGCR/UFS)

PROF. DR. ILZVER MATOS OLIVEIRA
(Examinador Externo/DDI/UFS)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Nascimento Filho, Salvador do
N244a Altares, imagens do sagrado : a representação simbólica na
prática da benzeção / Salvador do Nascimento Filho ; orientadora
Maria Jeane dos Santos Alves. – São Cristóvão, SE, 2024.
141 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) –
Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Religião - Simbolismo. 2. Bênção. 3. Orações. 4. Altares. 5. Cura
– Aspectos religiosos. I. Alves, Maria Jeane dos Santos,
orient. II. Título.

CDU 2-526.6

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em suas várias manifestações.

Agradeço e dedico ao Pai Xangô, Kaô Kabecilê.

Aos meus irmãos da comunicação Exus.

Aos benzedores Benedito de Quenquelê e Maria de Angola.

A minha mãe Vandete (in memoriam), benzedeira da família Nascimento, ao meu pai Salvador (in memoriam), guardião do silêncio, ainda ouço seus sete apitos na vigilância de rua. Muito obrigado pelo sinal. Saudades eterna de vocês dois. Eram tão unidos que retornaram para Aruanda no mesmo ano.

Enquanto eu subia os degraus dos hospitais, enfermo, sem ar, esperando as agulhas salvadoras da respiração, dilatadoras dos pulmões, oxigênio no nariz, vontade de desistir, voltar mais cedo para Aruanda, eu ouvia seus sete apitos na rua escura. Você não estava guardando a vigilância da rua, você estava mim dando os sinais que estava comigo. Enquanto as mãos, dela, do sagrado feminino da minha benzedeira, rezavam por mim, meu guarda noturno de capote escuro, apitava a data do meu nascimento. Vida!

Aos meus irmãos, Acácio, Jorge, Ruy e César (in memoriam) e aos meus sobrinhos e sobrinhas.

A minha mulher Sandra Vieira, sob o auspício dos 33 anos místicos de elo conjugal.

Ao meu filho Salvador Neto, advogado criminalista e militante dos direitos humanos, sempre acreditando em melhores dias. Minha neta Luísa de Maria, nova geração, que possa fazer bom proveito dos textos que passarão por sua visão e entendimento. A minha nora Yse, doula, monasticamente fazendo nascer novas esperanças dos ventres.

A minha madrinha Greycy Amaral e família, de uma simples conversa sobre japamala, nasceu a oportunidade do Mestrado. Cristalina tal qual a Espiritualidade. Uma peregrina da paz, espírito evoluído e ecumênico na essência. João Marcos, que muitas vezes mim disse: você vai conseguir. Gratidão pelo pão que alimentou minha fé e espiritualidade. Com poucas palavras definiu tudo! A Marconeide, muito obrigado pelo café quente, aqueceu minhas esperanças em dias caóticos.

Aos meus professores: Dr^a Maria Jeane, alquimista de almas, clarividente, carrega em sua espiritualidade a energia, a coragem, a fé e o acolhimento, é uma guerreira de São Benedito. Salve, São Benedito e sua linha espiritual do jongo. Ao Dr.^o Dartagnam

Abdias espiritual por natureza, mineiramente detentor de enorme sabedoria, mestria em conhecimento, sacerdote guardião da natureza, de uma energia fenomenal. Drº Ilzver Matos, símbolo de resistência, carrega no astral a Espada de Ogum, o Oxê de Xangô e a simplicidade dos Erês. Incansável portador do archote dos Direitos Humanos, abrindo caminhos contra o racismo religioso e o preconceito racial. É uma Luz nos portais dos Terreiros de Candomblé e Umbanda.

Aos colaboradores da UFS: desde a secretaria, biblioteca e seguranças.

A minha primeira professora Hosana, jardim de infância e a minha professora Sildnês Cariri onde o dom do rádio foi despertado.

Ao meu professor de rádio Fred Ferreira, homem de Deus. Sua benção é luz no caminho dos que lhe ouvem nas ondas sonoras.

A minha colega Wanusa, pesquisadora das benzedadeiras, em cada visita: uma iniciação. Uma pessoa persistente em manter viva a história das benzedadeiras e nisso um exemplo a ser seguido pela nova geração. Nos caminhos que a vida oferece, a experiência é adquirida com a persistência.

Ao amigo ex-deputado e ex-prefeito de N.S.Socorro, José do Prado Franco Sobrinho, Zé Franco. Gratidão pela oportunidade e confiança sempre.

A minha amiga Beth, cerimonial, da Prefeitura Municipal de N.S.Socorro, gratidão pela paciência e a todos da Secretaria de Comunicação.

Aos Colégios: Colégio das Freiras e Colégio Diocesano de Propriá – Sergipe.

A Associação de Capoeira Sete Quedas, N.S.Socorro-SE, Mestre Edson Coragem, onde fui iniciado com o nome de Inhô. Nela, aprendi os fundamentos, as mandingas da Capoeira Angola e Regional ouvindo e praticando com meus irmãos. A vida é uma roda. Feliz daquele que sabe onde está a metáfora da RODA DO MUNDO. O mundo dá voltas camará. Axé!

Ao Mestre Leandro, professor de Thai Chi Chuan, Ki Gong, acupunturista e acadêmico em fisioterapia- UFS, que mim auxiliou bastante na concentração.

Gratidão aos meus irmãos da Ordem Rosa Cruz, Templo, Aracaju/SE.

Ao Centro de Umbanda Iemanjá no loteamento Marivan, Bairro 17 de Março, Aracaju. Pai Givanilson, um dom especial em benzer e integridade nos trabalhos voltados aos Orixás e entidades sagradas. Um Terreiro e um dirigente de paz e acolhimento.

A ARLS Clodomir Silva, 1477, trabalho, silêncio, estudos, nos 33 degraus alcaçandos, a pedra bruta continua sendo polida. A cada dia novos conhecimentos e desafios internos e externos. S .'. F .'. U .'.

Muito obrigado aos integrantes da Igreja Luterana, Aracaju-SE.

Ao Centro Hare Krishna de Bhakti Yoga, ISKCON, Projeto Lapidar, São Paulo pelos ensinamentos, meditação e o cantar do mantra sagrado. Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna, Krishna, Rare, Rare. Hare Rama, Hare Rama. Rama, Rama, Hare, Hare.

A todas as benzedadeiras, benzedores, curadores, curadoras, parteiras, rezadeiras, rezadores.

Eu, caçador de mim ! (Milton Nascimento).

É preciso saber viver! (Erasmo Carlos).

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a estudar e compreender dentro da prática do benzimento das benzedeiras, a representatividade simbólica dos altares e consequentemente os efeitos que os objetos alcançam nas pessoas que estão sendo beneficiadas pela prática da benção. Ressaltar que, a importância do local onde ocorre a prática ritualística, tem relevante papel no processo de cura. Entretanto, mesmo àquelas que realizam o benzimento em área aberta, seja em alguma praça ou na natureza, hospitais, dentre outras, essas localidades, também exercem uma interação no momento e durante todo o processo realizado; entre as orações ritmizadas, a gesticulação, os aconselhamentos, a prescrição de chás existem o ambiente que interage com a dinâmica do ritual. utilização dos galhos das ervas, a postura do sentar, terço, bíblia, imagens diversas, garrafas de remédios naturais (garrafadas), a linguagem empregada, banco, cadeira, velas, tesoura, vassoura, espiga de milho, o diálogo com a pessoa que está sendo atendida, o abraço fraternal que simbolicamente é um acolhimento de agradável conexão de comunicação com a forma de ouvir, olhar e falar e enaltecer a cura, fortalecendo a fé da pessoa. Os altares, físico e espiritual, da benzedeira são repletos de simbolismo, representantes de sua fé prática e vivida de uma atmosfera mística, de muito valor devocional. Na simplicidade das palavras ritmizadas das preces e no objeto que está sendo manipulado, o conforto para quem está no processo de cura, certamente é inevitável. Nessa trajetória, ressalta-se, que esse dom, também é encontrado no sexo masculino. Os benzedores, que são em minoria, também mantêm a tradição em curar e conforta quem necessita.

Palavras chaves: benzedeiras, benzedores, altar, simbolismo, cura.

ABSTRACT

This research aims to study and understand, within the practice of blessing faith healers, the symbolic representation of altars and consequently the effects that the objects have on people who are benefiting from the practice of blessing. It should be noted that the importance of the place where the ritual practice takes place plays an important role in the healing process. However, even those who carry out the blessing in an open area, whether in a square or in nature, hospitals, among others, these locations also interact at the time and throughout the process; between the rhythmic prayers, the gesticulations, the advice, the prescription of teas there is the environment that interacts with the dynamics of the ritual. use of herb branches, sitting posture, rosary, bible, various images, bottles of natural medicines (bottles), the language used, bench, chair, candles, scissors, broom, corn cob, dialogue with the person who is being attended to, the fraternal hug that symbolically is a welcome of pleasant communication connection with the way of listening, looking and speaking and praising healing, strengthening the person's faith. The altars, physical and spiritual, of the healer are full of symbolism, representatives of their practical faith and filled with a mystical atmosphere, of great devotional value. In the simplicity of the rhythmic words of the prayers and the object being manipulated, comfort for those in the healing process is certainly inevitable. In this trajectory, it is highlighted that this gift is also found in males. The healers, who are in the minority, also maintain the tradition of healing and comforting those in need.

Keywords: faith healers, healers, altar, symbolism, healing.

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Símbolo judaico (Menorá)	41
Figura 2: Símbolo islâmico (Alcorão)	41
Figura 3: Símbolo budista (Bhodi)	41
Figura 4: Símbolo espírita kardecista (vidreira)	41
Figura 5: Símbolo cristão (Cruz)	41
Figura 6: Símbolo das religiões de matriz africana (orixás)	41
Figura 7: Pedras da benzedeira 1	69
Figura 8: Cadeira de atendimento da benzedeira 1	69
Figura 9: Local de atendimento da benzedeira 2	71
Figura 10: Espada de São Jorge (entrada da casa da benzedeira 3)	73
Figura 11: Atendimento da benzedeira 3	73
Figura 12: Terreiro de atendimento da benzedeira 4	75
Figura 13: Altar 1 da benzedeira 4	75
Figura 14: Altar 2 da benzedeira 4	76
Figura 15: Altar 3 da benzedeira 5	76
Figura 16: Galho de vassourinha da benzedeira 5	78
Figura 17: Altar da benzedeira 5	78
Figura 18: Figura e desenho da benzedeira 5	79
Figura 19: Altar 1 da benzedeira 6	81
Figura 20: Altar 2 da benzedeira 6	81
Figura 21: Altar 3 da benzedeira 6	82
Figura 22: Firmeza da benzedeira 6	82
Figura 23: Parede da sala da benzedeira 7	84
Figura 24: Estante com santos da benzedeira 7	84
Figura 25: Altar da benzedeira 8	86
Figura 26: Cocar indígena da benzedeira 9	88
Figura 27: Altar da benzedeira 9	89
Figura 28: Detalhe do altar da benzedeira 9	89
Figura 29: Galho de vassourinha da benzedeira 10	91
Figura 30: Altar da benzedeira 11 (imagem coberta com tecido roxo)	93
Figura 31: Quarto/altar da benzedeira 12	94
Figura 32: Detalhe do altar da benzedeira 12	94
Figura 33: Ervas na entrada da casa da benzedeira 12	95
Figura 34: Folha da planta comigo-ninguém-pode e doces para erês)	95
Figura 35: Altar do benzedor 13	97
Figura 36: Sala de atendimento e gira do benzedor 13	98
Figura 37: Vassoura para rezar nos animais	98
Figura 38: Sala do benzedor 13 (imagem de Santa Bárbara)	99
Figura 39: Sala do benzedor 13 (imagem de Santo Antônio)	99
Figura 40: Altar de Cosme e Damião do benzedor 13	100
Figura 41: Altar do benzedor 14	102
Figura 42: Mesa de atendimento do benzedor 14	102
Figura 43: Quintal de benzimentos do benzedor 14	103
Figura 44: Quintal de benzimentos do benzedor 14	103
Figura 45: Altar do benzedor 15	104
Figura 46: Altar do benzedor 15	104

Figura 47: Altar Entrada do terreiro do benzedor 15	105
Figura 48: Altar “firmeza”de Ogum do benzedor 15	106
Figura 49: Altar de Nossa Senhora da Conceição do benzedor 15	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I SÍMBOLOS E RELIGIÕES.....	21
1.1 Símbolos no judaísmo.....	30
1.2 Símbolos no islamismo.....	32
1.3 Símbolos no budismo.....	32
1.4 Símbolos no espiritismo kardecista.....	33
1.5 Símbolos no cristianismo.....	33
1.6 Símbolos nas religiões de matriz africana.....	36
1.7 Símbolos religiosos citados anteriormente.....	41
1.8 A benzedeira negra de pertença religiosa das religiões afro.....	42
1.9 Símbolos nas religiões: um contato com a espiritualidade.....	46
 CAPÍTULO 2 A BENZEDEIRA E SEU OFÍCIO DE BENZEÇÃO.....	 53
2.1 A linguagem da benzedeira.....	54
2.2 A influência do simbolismo nos benzimentos.....	55
2.3 O sagrado feminino nas mãos das benzedadeiras.....	56
 CAPÍTULO 3 BENZEÇÃO E SEUS SÍMBOLOS EM ALTARES.....	 63
3.1 Quadro de benzedadeiras e benzedores.....	67
3.2 Os aspectos internos e externos dos altares e seus simbolismos.....	107
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 127
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICE I.....	140
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	140
APÊNDICE II.....	141
SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.....	141

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procedeu no âmbito dos altares, imagens do sagrado como representação simbólica na prática da benzeção.

Circulou na mídia; redes sociais, um pequeno pensamento reflexivo, que remonta qualquer um que deseje, à reflexão histórica, cultural e que abre um campo enorme para estudos e projeção ao passado. Essa reflexão tem fulcro objetivado na validação do ser humano, especificamente, a mulher, como ser integral dentro da sociedade e sua importância para o crescimento espiritual e material de qualquer civilização, diga-se de passagem, o homem, no substantivo masculino, não desenvolveria por completo qualquer empreendimento geracional e genealógico, sem a interferência, participação da mulher em sua caminhada histórica. Dentro desse pequeno pensamento: “não eram bruxas, eram mulheres”.

Peixoto, (2022)¹, as bruxas eram frequentemente culpadas por mortes inesperadas de crianças, desastres naturais e colheitas fracas. É sobre o paralelismo catalão, que perdoou mil pessoas acusadas de bruxaria, ou seja; quatrocentos anos depois de terem sido mortas pela inquisição catalunha que dizimou mulheres sob a alegação de bruxaria, ocorreu a remissão com um atraso enorme de tempo. Nesse caso, abre-se um leque de possibilidades interpretativo, espaço amplo para a reafirmação do empoderamento feminino, seu indubitável caminhar histórico e sua participação consolidada nos direitos humanos. Mas, sabe-se que na “caça às bruxas” não a observava como mulher, um ser humano, útil à comunidade, participativa em atitudes, fé, espiritualidade.

Não eram bruxas, eram mulheres! Nos séculos XV e XVI, a voz patriarcal e ações, preconceituosas sob a ótica ideológica marcante, era teocêntrica, Deus no centro de tudo, capitaneada pela Igreja, detentora de poder, governo e de “salvação”. Não havia outra forma de quem quer que seja, se situar no espaço ocupado pela matéria, em busca de evolução, sem antes, forçosamente a acreditar, que o livre-arbítrio não existia, e que Deus, já tinha um destino traçado o destino de todos.

Em contra partida, o indivíduo, ser participativo social, tem livre arbítrio, questiona ser guiado por um ser divino e começa a acreditar que é agente do seu próprio destino desde as mudanças sócio-histórico e culturais. Ele começa a ter mobilidade individual, a ter atitude de livre escolha, participação social. No sistema de tomada de poder, a “Santa Inquisição” fora

¹ Adriana Peixoto, matéria vinculada dia 30/01/2022.

instalada e inúmeras pessoas foram caçadas, torturadas, levadas à fogueira; dentre elas, a mulher rezadeira, benzedeira, curandeiras, parteiras, classificadas como bruxas pela igreja, devido às práticas naturais de seus dons em manusear as ervas sagradas, em fazer chás, ungüentos, beberagens, em saber rezar, abençoar, realizar partos, conjurar, rezar, acolher e amar; e pela sabedoria adquirida na alma: sabia interpretar o tempo, as fases da lua, a posição do vento, sabiam as horas pela posição do sol e sabiamente utilizar da palavra em forma de prece que restabelecia o ânimo e realizava a cura. Toda perseguição era voltada para a mulher, justamente por ser ela um elemento chave da relação de comunicação, interação com o meio ambiente em que vivia e sabia lidar com essa relação utilizando a natureza, a palavra, o acolhimento como altar principal da sua participação na comunidade.

Muraro, (2000), diz que:

A caça às bruxas começa no século XIV e já está no auge no século XV, quando as cruzadas voltam. E quem denunciavam as bruxas? São os grandes donos de terras, cujos feudos são cercados por pequenos feudos pertencentes a mulheres velhas e viúvas, que não tinham ninguém que as protegesse. Esses senhores querem anexar seus feudos. Olha como é diabólico!

A igreja era a instituição mais poderosa – e foi a instituição mais poderosa de todos os tempos, porque tem autoridade para manipular os arquétipos mais profundos do ser humano.

(...) Ao contrário, 85% das pessoas foram queimadas nas fogueiras, foram mulheres. E foram alguns milhões! É um número monumental. Havia cidades que tinham 800 mulheres, e num dia só, perderam 798, como cidade de Trier, na Baviera, por exemplo. (Muraro, 2000, p. 38-39).

A caça às bruxas durou mais de quatro séculos, iniciando em 1450 e finalizando em 1750 com o advento do Iluminismo. Muito embora, mesmo dentro desse movimento de iluminuras, a mulher não foi levada a usar sua comunicação e participação feminina em seu contexto geral. O silêncio imposto a ela foi um marcante exemplo de sociedade patriarcal sob a luz do elemento masculino, bem relata, Muraro, (2000), sobre a ensandecida violência:

[...] A história da igreja é uma violência enlouquecedora. Por exemplo, era comum desenterrem papas, reis, amaldiçoarem os ossos e enterrarem outra vez. É algo absolutamente louco. Lembro-me também do caso de Inês de Castro, a que depois de morta foi rainha... Eles faziam coisas que seriam impensáveis[...]. [...] E quem denuncia as bruxas? São os grandes donos de terra, cujos feudos são cercados de pequenos feudos pertencentes a mulheres velhas e viúvas, que não tinham ninguém que as protegesse. Esses senhores querem anexar esses feudos. Olha como é diabólico!

Naquela época, ela podia mexer com as fronteiras dos países, como se mexe com um jogo de xadrez. E é então que a igreja cria a Santa Inquisição, uma instituição diretamente ligada ao papado, para reprimir o pensamento dissidente [...]. (Muraro, 2000, p. 38-39).

Sobre o desempenho das mulheres perseguidas como bruxas, Muraro, (2000), assim observa:

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parterias; enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. (...)

As mulhres camponesas pobres não tinham com cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e e tão pobres quanto elas. Elas a curadoras eram as cultivadoras ancestrais das ervas que desenvolviam saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parterias que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças. .(Muraro, 2000, p.70).

Apesar da historicidade da mulher e das perseguições e mortes sofridas no passado, chega-se aos tempos atuais, onde surge a benzedeira que conviver com a natureza e com o mundo simbólico, utilizando recursos próximos de utilidade para a cura e alívio do sofrimento dos indivíduos. Dos seus altares, os remédios extraídos de plantas, chás, compõem parte dos itens utilizados para a cura. A benzedeira, mesmo com toda perseguição existente na atualidade por setores religiosos, ela não deixou de existir. Resiste ao racismo e a desigualdade racial.

Frente aos recursos da natureza e o mundo simbólico que ela frequenta e utiliza, exerce em cada pessoa atendida certa interpretação pessoal sobre a forma em que recebera o benzimento. Para José Castellani (2004), a interpretação de um símbolo envolve características pessoais e graus de cultura que variam de indivíduo para indivíduo, fato este que, necessariamente, produz formas diferentes de entendimento de um mesmo símbolo.

A liderança feminina sempre foi um marco na história da humanidade, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 10 de dezembro de 1948, no artigo 1, afirma que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. A mulher tem seu reconhecimento, notadamente, e tem direito de ser reconhecida como ser humano. Dalari, (2016), faz um comparativo lógico, entre a Declaração dos Direitos da Mulher², de Olimpya de Gouges e a Declaração Universal Direitos Humanos e do Cidadão³:

-No artigo I da Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão consta que os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos e no texto de Olimpia está dito que a “a mulher nasce livre e permanece livre igual ao homem em direitos”.

- No artigo V da Declaração consta que a lei não tem direito de proibir a não ser as ações prejudiciais à sociedade: tudo o que for proibido por essas leis, sábias e divinas, não pode ser impedido e ninguém pode ser obrigado a fazer o que elas não ordem.

- O artigo XI, da Declaração de 1789 proclama a liberdade de expressão, dispondo que a livre comunicação e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem e todo cidadão pode falar (...) (Dalari, 2016, p.121).

² Declaração dos Direitos da Mulher, França, 1791, autora Olympe de Gouges, França.

³ Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 10/12/1948, pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

É um contexto geral que reflete a história da mulher na luta por seus direitos, antes não vistos, mas hoje, adquiridos e objetivados.

Assim, quando se trata de benzimento, benzedeiras, no Brasil, atualmente, o SUS, através das práticas integrativas e complementares as têm reconhecido, a exemplo da matéria escrita pelo jornalista Jäder Rezende⁴ (2022): Rezadeiras Cumprem importante papel na saúde pública, esse artigo jornalístico, trata exatamente sobre o dom da benzeção em uma unidade de saúde básica 1 do Lago Norte, em Brasília. Em um evento comunitário, que ocorre toda sexta-feira, voluntárias benzedeiras, atendem o público de forma gratuita toda população que as procuram pela prática salutar, restabelecadora da saúde e da reconquista da autoestima que resulta em cuidar do indivíduo reequilibrando sua saúde mental, espiritual e material.

E a benzedeira e seus altares, são complementos de referências para o restabelecimento da saúde, do reavivamento da esperança através das preces, imposição das mãos, além dos itens que são utilizados durante o benzimento.

Alves, (2017):

Na atualidade diante de uma sociedade onde é imperativa a predominância da técnica, no cuidado com a saúde, benzeção se apresenta como uma prática de cuidados ligada à tradição e à historicidade do ser humano, que sobrevive na sociedade atual. Mesmo nos grandes centros urbanos, pode-se encontrar benzedeiras, em pleno exercício de seu ofício. (Alves, 2017,p.09).

Contextualizando sua participação direta em seu caminho devocional, elas contribuem para a manutenção e restabelecimento da saúde de outrem através de sua prática simples e eficaz. A ciência a considera em muitos momentos como sendo uma prática supersticiosa, a igreja católica desorienta aos seus fieis a buscar uma benzedeira, mas as rezadeiras têm espaço em alguns seguimentos protestantes e recentemente, eis que surgem as benzedeira pelas redes sociais. Essas mulheres do benzimento, são as residentes nas comunidades periféricas das grandes capitais ou em localidades mais afastadas das cidades.

Assim classifica Alves, (2017), a definição é:

Benzedeiras são mulheres que realizam a arte da benzeção. Elas trazem na sua historicidade a tradição de cuidar da saúde das pessoas por meio de orações. Possuem profunda ligação religiosa e uma vivência espiritual permanente, através da prática das diversas devoções.” (Alves, 2017,p.09).

⁴ Jornalista Jader Rezende, 06/2022, Correio Brasiliense, www.correiobrasiliense.com.br

Em alguns locais, estão ligadas às religiões da matriz africana, umbanda, candomblé, bem como aquelas oriundas das religiões pentecostais, neo-pentecostais, católica, wicca, gnósticas, onde se demonstra que a realza da prática está no objetivo de curar a quem solicita ajuda. Benzer é um ato benéfico que resulta em cura, seja de algum mal físico, espiritual ou material, utilizando de preces, orações repetidas que parecem mantras⁵ e de símbolos religiosos ou da natureza que permitem melhor conexão no ambiente de quem está praticando para com quem está recebendo.

Benzeção, benzer, abençoar, rezar, orar, têm uma mística e solene simbiose, neste caso, em quem está transmitindo para com quem está recebendo. É um poder em saber louvar, falar com Deus, com a ancestralidade, com os orixás, o cosmo, deuses, deusas, e ter a certeza de que está sendo ouvido e que as respostas virão em forma de cura, conselhos, mensagens simbólicas que trarão salutares respostas ao que se está pedindo, é um contato com a espiritualidade.

A exemplo do *reiki*,⁶ que antes da prática de transmissão é necessário fazer uma prece sagrada para que a conexão com o sagrado seja realizada, dando sentido direto com a religião do ser criado ao criador. A ninguém é dado o momento de estrar no campo magnético do sagrado sem pedir licença.

No dicionário crítico de teologia, (1981), o significado de abençoar está explícito:

O conceito de abençoar se pode ver nas ligações etimológicas entre o Heb, barak e a raiz ugarita brk e a palavra acadiana karābu. Basicamente, bārak significa dotar de um poder benéfico. Esse significado abrange tanto o processo de dotar como de ser dotado (Dicionário, 1981, p.282).

Seguindo essa reflexão, o mundo seja objetivo ou subjetivo, esteja onde estiver o indivíduo, é permeado de valores simbólicos e de símbolos. No caso ritualístico da benzedeira, das expressões gestuais, do terço, ramos de ervas, água, do altar sagrado à natureza, essa ferramenta chamada símbolo, tem enorme efeito na prática da cura, porque serve de conexão entre o exterior e o interior e esse último em consonância com a esperança e a fé reverencia o poder da cura pela divindade através da benzedeira e sua prática.

Existem símbolos no indivíduo que internamente representam a si mesmo, sendo o centro de uma teia impulsionado pelo íntimo da pessoa e que acaba influenciando em sua saúde, em suas atitudes, em sua vida cotidiana, que se instala em sua consciência e alma, trazendo-lhe alguma consequência, seja positiva ou negativa, destarte até em seus sonhos que representam

⁵ Mantra, palavra ou expressão repetida com objetivo de alcançar o estado de relaxamento e conexão com a divindade.

⁶ Reiki, significa energia universal, técnica desenvolvida no Japão por Mikao Usui, em 1922. É reconhecido pelo SUS, como prática integrativa complementar.

grande parte de sua interação consigo mesmo, ou melhor, em sua intimidade. Jung, (1991), expressa como sendo a intimidade pessoal, “pois os sonhos, às vezes tocam a intimidade da vida pessoal do sonhador.

No ritual do benzimento existe uma interação simbólica entre a benzedeira, os elementos utilizados e a pessoa que está sendo benzida. Serão abordados alguns aspectos na pesquisa empírica em um dos capítulos desta dissertação. Observa-se que a benzenção tem vários elementos simbólicos desde a oração, gestos, expressão corporal, que geralmente fazem parte da transmissão de energia, além dos dias, periodicidade, instrumentos e na complementariedade, a simbologia dos números. O homem convive com o simbolismo a todo instante, faz parte da vida cotidiana, social, e sem ele não há como sobreviver socialmente,

Quintana,(1999), escreve:

(...) O homem não consegue sobreviver sem os sistemas simbólicos. Por isso, qualquer coisa que coloca esses sistemas em xeque, que ameaça sua unidade e sua coerência se torna por demais angustiante, intolerável. Nos momentos em que a coerência desses códigos culturais fica enfraquecida, o ser humano se depara com sua verdadeira condição de fragilidade diante do mundo. (Quintana, 1999, p.29).

Na prática popular do benzimento existe o simbólico, o ritual, a utilização de elementos complementares, o altar dos santos, a vela acesa, a vegetação que estimula os sentidos e dentro desse mundo, o indivíduo que busca a si mesmo pelo auxílio de outrem que o recolocará na harmonia do seu ser, repleto de simbologia abstrata ou concreta, que em determinado momento lhe deixou enfermo. Nessa desarmonia, o sujeito passa a ter preocupações variadas, mas, que convergem para o mesmo centro: o centro de si mesmo. A doença leva o indivíduo a estar em sentido de autculpa por alguma coisa que deixou de fazer, ou que fez, e lhe trouxe consequências diferenciadas de ter realizado o correto; dentro dessa perspectiva, passa a ter preocupações e acumular culpas em seu centro psíquico, que logo lhe acarreta em preocupações e alucinações, que lhe refletem em seu corpo material de forma psicossomática, para Jung, (1991):

Numa interpretação materialista poder-se-ia afirmar que o “centro” nada mais é do que aquele ponto em que a psique se torna incognoscível, por ser lá que se funde com o corpo. Numa interpretação espiritualista, inversamente, afirma-se-ia que o Si-mesmo nada mais é do que o que espírito, o qual anima a alma e o corpo, irrompendo no tempo e no espaço através desse ponto criativo. Recuso-me expressamente entrar em tais especulações físicas ou metafísicas e me contento com a constatação dos fatos empíricos; acho que isto é infinitamente mais importante para o progresso do conhecimento humano do que ir atrás de modismos intelectuais ou pretensas crenças “religiosas” (Jung 1991, p.233).

Relevante lembrar que o indivíduo fragilizado, passa a supostamente a ser, o centro de

qualquer tipo de situação adversa, e nesse caso, acredita estar contribuindo negativamente com a sua participação em qualquer tipo de empreendimento, e desse modo sua atitude é se isolar e não buscar um auxílio que lhe venha a mostrar novos caminhos de cura. Essa resistência é devido à sua capacidade de entender que as dificuldades devem servir de meio e não de fim para que ocorra sua cura. Ainda sobre esse tipo de carência, Jung, (1991), assevera: “ o alvo que se propõe à carência psíquica, a imagem que promete “curar” e integrar é, à primeira vista, bastante estranha à consciência, de modo que só é aceita com as maiores dificuldades”.

Nesse universo de complexidade, a benzedeira com suas preces, rituais, altares sagrados, dentre outros, torna-se a transmissora do equilíbrio, sendo o principal contraponto de qualquer situação adversa que esteja ocorrendo com a pessoa que a procura para receber a cura. Essa medicina popular não exige ciência que precisa de tempo para realizar a harmonia do enfermo, sua experiência terapêutica baseada no acolhimento e na confiança resulta em eficácia imediata do restabelecimento da saúde mental, espiritual e material. O indivíduo, em alguns casos, acredita que a enfermidade por erros cometidos é castigo de Deus, uma crença enraizada em seu modo de pensar e agir. Capossa, (2004), algumas das doenças, por que são vistas como castigo de Deus, certamente ninguém atrevia a curá-las, a não ser um curandeiro que seguia religião diferente.

Nos altares das benzederias estão repletos de símbolos, itens religiosos ou não, tais como copos d'água, tesouras, fitas, toalhas, velas, diversas ervas, santos católicos ou de religiões afro; em alguns, existem ambos secreticamente representados, bíblias, caderno de orações escritas à mão. Tanto, os altares pequenos ou grandes, são símbolos que supostamente contribuem para a cura. Surge diante desse aspecto a problematização, indagação de que os símbolos nos altares têm influência na cura, além de impactar o indivíduo que procura a benzedeira para um ritual com preces e elementos complementares.

Assim, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar os aspectos dos altares das benzederias, contextualizando-os, através dos teóricos que dialogam sobre a importância dos símbolos e do simbólico na sociedade. E como objetivo específico, encontrar onde as benzedieras residem; descrever o ambiente onde seus atendimentos ocorrem; fotografar os altares sagrados e por fim, analisar como são esses altares e em quais aspectos são classificados.

Em relação ao método utilizado, desenvolveu-se no capítulo quarto procedimento da fenomenologia utilizando da pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico, tendo como participantes, as benzedieras em seus locais residenciais ou onde forem encontradas, utilizando como instrumentos, as observações e fotografias dos altares e nessa perspectiva, a possibilidade de análise das fotografias.

Ele está dividido em três capítulos, além da introdução, onde há uma apresentação geral do tema; no Capítulo 1, Símbolos e religiões, onde explico sobre religiões diversificadas, seus símbolos e significados; no Capítulo 2, A benzedeira e seu ofício de benzeção, onde explico o que a benzedeira/benzedor fazem dentro da ritualística do benzimento e no Capítulo 3, Benzeção e seus símbolos nos altares, tratamos sobre os aspectos dos altares, através dos registros fotográficos.

Essa pesquisa preserva os nomes e imagens das benzedeiras e dos benzedores visitados e foram classificados como: benzedeiras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e benzedor 13, 14 e 15.

CAPÍTULO 1 Símbolos e religiões

As religiões têm seus símbolos como forma de identificar sua presença na sociedade, comunidade onde está instalada, geralmente eles transmitem mensagens que antes de serem interpretadas parecem ser enigmáticos, porém, contêm mensagem espiritual, Jung, (2007, p.87), é finalidade e aspiração dos símbolos religiosos dar sentido a vida humana (espiritualidade e transcendência). Percebe-se, então que religião, necessita do símbolo, como instrumento complementa para sua auto afirmação na sociedade onde se instala.

O sentido de religar o homem a um criador, dando-lhe significado de retornar, estado de intercâmbio entre o ser criado e seu criador, seja por culto, meditação, pautada pelo religioso e definido pela religião, tem historicidade um tanto quanto mais ampla, uma vez que o conceito de religião vai além da interpretação do religar o homem a uma divindade, nele existe o dado histórico de expansão, como assim observa, Kevin Schilbrack (2022):

O conceito de religião, entendida como um gênero social, foi cada vez mais utilizado pelos cristãos europeus à medida que procuravam categorizar a variedade de culturas que encontravam, enquanto seus impérios se moviam para as Américas, Sul da Ásia, Leste Asiático, África e Oceania. Nesse contexto, alimentado por relatos de missionários e administradores coloniais, ampliou-se a extensão do conceito genérico. (Kevin Schilbrack, 2022, p.207)

Diante do exposto, ter um conceito bastante definido sobre a palavra religião no sentido de religar o homem, ou seja; ligar o indivíduo a um ser criador, traz a reflexão de que seu sentido está ligado à devoção ou até mesmo de culto. Kevin Schilbrack(2022):

O conceito religião não se referia originalmente a um genus social ou tipo cultural. Foi adaptado do termo latino religio, aproximadamente equivalente a “escrupulosidade”. Religio também se aproxima de “conscienciosidade”, “devoção” ou “obrigação sentida”, pois religio era um efeito de tabus, promessas, maldições ou transgressões, mesmo quando não relacionados aos deuses. Na antiguidade ocidental, e provavelmente em muitas ou na maioria das culturas, havia o reconhecimento de que algumas pessoas adoravam deuses diferentes com compromissos incompatíveis entre si e que estas pessoas constituíam grupos sociais que poderiam ser rivais. Nesse contexto, às vezes se vê o uso de nobis religio para significar “nosso modo de culto” (Kevin Schilbrack, 2022, p.207).

Existem inúmeros conceitos sobre o que é religião, desde seu surgimento, história,

etimologia da palavra, interpretações diversas, no entanto, mesmo com tanta diversidade de pensamento, ela continua a fazer parte da vida cotidiana do indivíduo. O sentido religio, releger, ir ao encontro de, não trazem apenas em seu bojo, o pensamento filosófico, mas, percebe-se que existe uma necessidade de praticar algo onde o homem esteja inserido no mundo sobrenatural, mas, não necessariamente praticar uma religião no sentido natural de denominação religiosa. Na introspecção meditativa, um comportamento onde pode-se encontrar o sobrenatural sem necessariamente buscá-lo na instituição religiosa. Jung, (1978), contextualiza sua opinião sobre religião de forma bastante clara deixando a definição de que o indivíduo em sua espiritualidade tem essa necessidade em si de contato religioso, mas, não para com algum credo religioso propriamente dito:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo como emprego originário do termo: "religio", poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados (...).

(...) Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo "religião", não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa (...) (Jung. 1978,p.10).

Os indivíduos precisam da comunicação desde a classificada pré-história até os tempos modernos, o símbolo faz parte dessa linguagem de interação interior e exterior, é uma dimensão que se apresenta para o mundo através de interpretação lógica, ao mesmo tempo em que também tem um campo místico que o representa quando seu significado se insere em linguagem própria de um grupo. Ao observar a própria escrita antes de toda sua evolução, descobertas levam que sua criação advém de sofisticados traços simbólicos através dos chamados pictogramas⁷, que são desenhos figurativos que representam praticamente um conceito daquele ambiente de convivência. Esses símbolos codificam toda estrutura de comunicação com o ambiente e com o mundo exterior. Ele não é criado por acaso, representa sinais de diálogo interpretativo, vivência e apontam para um determinado intercâmbio de convivência local. O antropólogo Von Petzinger⁸ cita que são códigos de escrita e que revelam ser mais antigos e precedem os sistemas de escrita, podendo ser esses símbolos a matriz da

⁷ Pictogramas, símbolos que representam um objeto ou conceito por meio de desenhos figurativos.

⁸ Von Petzinger em entrevista à Valéria Perasso, BBC Mundo, revista online, 28/12/16.

linguagem:

São 32 traços que se repetem em diferentes cavernas de toda a Europa. Registros simples: apenas linhas em zigue-zague, pontos, triângulos inacabados, cruces retorcidas ou algo que lembra figuras geométricas. Nenhum deles é criação de alguém apressado ou de um mau desenhista: os cientistas acreditam que esse conjunto forma o código de escrita mais antigo de que se tem registro.

(...) Esses "desenhos ignorados", que estão ali desde a Idade da Pedra, são parte dos legados artísticos mais antigos do mundo, da fase final do último período glacial na Europa (por isso também chamada de arte da Era do Gelo).

(...) Silenciosos e inexplorados, esses traços podem falar de "uma mudança fundamental nas habilidades dos nossos ancestrais", diz a cientista. Isso porque a capacidade de articular um código é a mesma exigida para desenvolver uma escrita, como fez o homem moderno.

Em muitos casos, a existência desses símbolos não é nenhuma novidade.

(...) O que é inovador nesta descoberta, confirmam os especialistas, é que ela revela as habilidades básicas necessárias para a criação de um sistema de escrita:

capacidade de abstração, registro de marcas gráficas e sofisticados símbolos.

(Valéria Perasso, 2016, BBC Mundo).

Nesse contexto de estudos simbólicos da escrita tem-se a evidência de que o estilo linguístico e a comunicação em sua diversidade, que utilizam os símbolos para interagir, são de fundamental importância, uma vez que existe a linguagem, sem sombras de dúvidas, mas, essa linguagem para ter entendimento dialógico, necessita ter a decodificação para que o mesmo tenha uma mensagem de entendimento coeso e de interpretação lógica. O estudo constante dessa matéria perpassa que os símbolos têm expressividade nos anais históricos e, mesmo em perspectiva de análise dessa historicidade e evolução, deve-se naturalmente estudar os enunciados, sejam eles de qualquer tipo. Consequentemente, são os que demonstram em estudos linguísticos a evolução, diferenciação de diversos estilos de comunicação seja escrita ou oral onde, nestes dois, notam-se indubitavelmente, a predominância simbólica, para Bakhtin (2006):

O estudo do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionário ou de estilística da língua, etc- opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de lei, documentos de escritórios e outros diversos gêneros literários, científico, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas de diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc., de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Acharmos que em qualquer corrente de especial estudo é necessário uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciado (primários e secundários), isto é dos diversos gêneros do discurso (Bakhtin, 2006, p.264).

A humanidade desde seus primórdios, convive com os símbolos, eles são parte integrantes de sua história, e com suas imagens têm representação significativa e de alta relevância no sentido interpretativo e apontam para a realidade de sua existência, conduta e sentido espiritual. Toda historicidade humana tem caminhos simbólicos que representam momentos marcantes: da bandeira, dos livros sagrados, de um escudo de um time; os números, as logomarcas das grandes empresas, o carrinho de churros ou de pipocas, o trânsito, as contribuições pecuniárias simbólicas às vultosas, a linguagem da máquina, do computador aos corredores dos hospitais. E quanto ao campo da religião, torna-se evidente que a infinitude de estudos é ampla e bastante fértil. Em análise, sobre uma pintura de Leonardo Da Vinci, Jung (2000), trata de expor e analisar sobre as duas mães em Santana e Maria:

(...) Se Leonardo da Vinci retratou suas duas mães em Sant' Ana e Maria - o que duvido - ele exprimiu algo em que muitos milhões de pessoas acreditavam antes depois dele. O símbolo do abutre, tratado por Freud no mesmo ensaio, torna ainda mais plausível este ponto de vista. Ele cita com razão, como fonte do símbolo, a Hieroglyphica de Horopollo³, livro muito divulgado naquela época. Lê-se aí que os abutres são exclusivamente femininos e significam simbolicamente a mãe; eles concebiam através do vento (πνεύμα). Esta palavra pneuma recebeu o significado de "espírito", principalmente por influência do Cristianismo. Até no relato do milagre de Pentecostes, o "pneuma" continua tendo o duplo significado de vento e espírito. Na minha opinião, não há dúvida de que este fato indica Maria, virgem por sua natureza, que concebeu do Pneuma, como um abutre. Segundo Horopollo, o abutre também é o símbolo de Atená, gerada diretamente da cabeça de Zeus, e que também era virgem e só conhecia a maternidade espiritual. Tudo isto é uma clara alusão a Maria e ao tema do renascimento. Não há prova alguma de que Leonardo tenha pensado em algo diverso ao pintar este quadro. Se for correto supor que ele mesmo se identificava com o menino Jesus, provavelmente representava a dupla maternidade mítica e de modo algum sua própria história pessoal. E o que dizer de todos os demais artistas que representaram o mesmo tema? Será que todos eles tinham duas mães? (Jung, 2000, p.59)

É, portanto, inegável que o mundo opera por simbologia, bem como o campo religioso, que lhe traz alguns sentidos de interpretações variadas, rapidez em comunicação ou reflexivo em sentido metafísico. Para todos os setores que o utiliza, existe uma forte lógica e coerência que chega em forma de mensagem ao coletivo e que resulta em certa união interpretativa em volta daquela mensagem em forma de símbolo. Whitehead,(2022), a vida da humanidade pode ser facilmente sobrecarregada por seus acessórios simbólicos.

A influência simbólica e mística da linguagem é aceita pelo indivíduo de forma tão expressiva que influi qualquer camada social, inclusive os formadores de opinião. Whitehead,(2022.p 9), expressa sobre a linguagem: a linguagem escrita ou falada, é um tipo

de simbolismo. O simples som, de uma palavra ou sua forma no papel são artificiais. A palavra é um símbolo. E seu significado é consituído de ideias, imagens e emoções que ela suscita na mente do ouvinte. Se for tocada em rádio, canais de televisão, nas mídias sociais, exerce para quem a ouve uma reflexão de cunho teológico sobre deus, deusa, tamanho é o efeito cultural que uma canção causa, incluindo, simbiose entre a letra, o cancionista e o ouvinte.

O simbolismo chega ao indivíduo pelos sentidos e repetição, assim diz, Whitehead (2022), que, o simbolismo se ocupa, primariamente, do uso de nossas percepções sensoriais puras como elemento simbólico mais primitivo da nossa experiência. O cantor, poeta, músico popular; José Ramalho Neto (1981), em uma de suas músicas cita um livro sagrado, se auto denomina profeta, dando a entender que sua música tem um cunho futurista, místico e simbólico. Zé Ramalho, 1981⁹, se expressa de forma bastante reflexiva em Canção a galopada, ser conhecedor dos números bíblicos e que tem um livro que lhe inspira, essa música traz uma forma reflexiva de ouvir musicalmente termos simbólicos:

Sete botas pisaram no telhado. Sete léguas comeram-se assim. Sete quedas de larva e de marfim. Sete copos de sangue derramado. Sete facas de fio amolado
Sete olhos atentos encerrei. Sete vezes eu me ajoelhei, na presença de um ser iluminado. Como um cego fiquei tão ofuscado. Ante o brilho dos olhos que olhei (...)
Pode ser que ninguém me compreenda. Quando digo que sou visionário
Pode a bíblia ser um dicionário.
Pode tudo ser uma refazenda (Zé Ramalho, 1981).

Ainda sobre a difusão da linguagem simbólica e sagrada de livros sacros, que passam da leitura para a música popular, o músico Raul Seixas¹⁰, composição de Paulo Coelho, canta os versos do capítulo 10 do Bhagavad Gita¹¹, na música gravada em 1974, que se chama Gita, que é um livro, substrato do Mahabharata¹², compêndio sagrado da Índia:

Eu sou a luz das estrelas. Eu sou a cor do luar.
Eu sou as coisas da vida. Eu sou o medo de amar.
Eu sou o medo do fraco. A força da imaginação, o blefe do jogador.
Eu sou, eu fui, eu vou.
Eu sou o seu sacrifício. A placa de contra-mão.
O sangue no olhar do vampiro e as juras de maldição.
Eu sou a vela que acende. Eu sou a luz que se apaga.

⁹ Zé Ramalho, disco a Terceira Lâmina, gravado em 1981. Nele foi gravada a música, Canção a Galopada.

¹⁰ Raul Seixas e Paulo Coelho. Disco Gita, 1974.

¹¹ Bhagavad-Gita conta o diálogo entre Krishna e Arjuna em um campo de batalha. Arjuna deverá matar seus parentes.

¹² Mahabharata, poema extenso épico da história que culmina com a história do Bhagavad-Gita.

Eu sou a beira do abismo. Eu sou o tudo e o nada.
(Paulo Coelho, Raul Seixas, 1974)

Já a música cantada por Vinicius de Moraes e Baden Powell, composição de Baden Powell¹³, notadamente faz uma alusão a um dos orixás do panteão africano e da presença das religiões de matriz africana no Brasil. Seu toque musical com atabaque, até a letra da música Canto de Xangô (1966), que cita os sete dias da semana, o número sete como símbolo do arco-íris, as sete cores astrais dos orixás na umbanda, símbolos musicados:

(...) Xangô Agodô.
Salve, Xangô, meu Rei Senhor. Salve meu Orixá.
Tem sete cores sua cor.
Sete dias para a gente amar.
(Baden Powell, Vinicius de Moraes, 1966)

São diversas as músicas da classificada MPB, de variados cantores e estilos onde retomam saberes religiosos enfatizando a noção do sagrado, como forma de linguagem expressiva sobre determinado tema, mas que tem um cunho relevante dentro da simbologia de alguma religião, sem contar que hoje dessas vertentes, surgem as músicas gospel e católica que não precisam de termos rebuscados e vão direto à melodia religiosa, porém, têm suas bases simbólicas em seus respectivos seguimentos de fé. São inúmeros os setores sociais que recebem diariamente influencia dos símbolos religiosos, até na política, mesmo em um país onde se diz ser laico.

Os símbolos dentro do axioma histórico, cultural, religioso, seja ele o utilizado há milhares de anos e sua permanência, ou aos mais novos, que foram criados com seus respectivos objetivos, têm inúmeras formas de interpretação, tanto individuais como coletivos, e seu efeito, desde como se apresenta em sua forma visual, até sua interpretação racional ou pela imaginação, produz resultados imediatos a quem os observa, há uma identificação entre ambos. Berger, (2017), afirma:

(...) Símbolo e simbolizado pertencem a uma única relação, construção dentro de um mundo mais amplo, ou de um macrocosmo. A distinção aqui é trivial, uma vez que todas as palavras e todos os símbolos, visto que são pontos de referência, podem se considerados “nominações”. É evidente que ambos os modelos de abordar os símbolos, tanto como código quanto como analogia, possuem um certo potencial, é a construção de um microcosmo exploratório chamado “estrutura” cumpre apenas

¹³ Baden Powell e Vinicius de Moraes, Canto de Xangô, disco Afro-samba, 1966.

parte do seu potencial. A outra parte envolve um modo de construção que inclui símbolo e simbolizado na mesma expressão e pressupõe, entre outras coisas, que o simbolizado não é menos parte da cultura que o símbolo (Berger, 2017, p.19).

Livros sagrados que resultam em compilações bibliográficas como códigos de conduta; elementos de fé em inúmeras religiões, tais como a Bíblia, Mahabarata, Bhagavad Gita, Alcorão, Livro de Mórmon, Talmud¹⁴, Os Upanishads¹⁵, Compilação de Alan Kardec, muito embora sejam escritos materiais, esses livros sagrados compreendem e incorporam a linguagem que representam sua simbologia, pelo mundo. Mesmo as religiões que não têm um livro sagrado, elas têm símbolos, ritos, rituais que direcionam seus adeptos à sua doutrina: a flecha e o arco, o atabaque, e moldura com a fotografia, o altar, o respeito à mãe-terra, a força do círculo confiança coletiva, o chá, o charuto e cachimbo, *yin-yang*¹⁶, lua crescente com estrela, o sol, hansá, om, estrela de Davi, roda da vida, torii¹⁷, a dança, dentre outros são representatividades de infinitas riquezas de interpretação mística e simbólica. Ou seja, Mark O’Connel e Raje Airey. (2021), assim define, cada tradição sagrada tem seus próprios modos de conectar-se com o espírito e utiliza uma variedade de objetos simbólicos em seus rituais e cerimônias. Esses são quase sempre considerados objetos de poder e, algumas vezes, são tão sagrados que não podem ser vistos ou tocados.

Em algum lugar do mundo, ou até em alguma determinada região, pode não existir adeptos de alguma religião, mas, havendo algum símbolo dela, é o sinal de que ali está sua representação, que desperta curiosidade para quem tem um contato com aquele objeto. As religiões têm seus mistérios e ao adotarem símbolos criam em torno dessa representação algo místico, cosmogênico que segundo Blanc (2021.p.17), como as religiões abordam mistérios – incompreensível para nossa mente fina -elas lançam mão de uma linguagem dos símbolos. Estes inspiram e ensinam; são matéria-prima da arte, constituindo uma “gramática” atemporal que permite acessar verdades espirituais.

A representação simbólica de uma religião tem raiz inclusive no grupo que a adota como sendo o seu segmento religioso, em qualquer local onde estiver. Grupos religiosos pelo mundo, levam sua doutrina e seus livros sagrados, e influenciam em difundir os valores

¹⁴ Talmud (Talmude), manancial bíblico rabínico, significa ensinar, instruir.

¹⁵ Upanishads, livro hindu que fala sobre a compreensão da alma humana e o caminho para atingir a realidade absoluta.

¹⁶ Yin-Yang, é o positivo e negativo, princípio da dualidade, um não vive sem o outro.

¹⁷ Torii, é um portal erguido na entrada de cada santuário xintoísta.

existentes em seu credo religioso. Além de constituírem símbolos vivos ainda contêm em sua cultura, os símbolos religiosos. Concretizada ou não a ação deliberatória, tendo motivos político, religioso, recentemente, a Suécia, autorizou a queima livros sagrados, símbolos religiosos, onde houve pronunciamento de Israel classificando como antissemitismo essa atitude. Essa forma de liberação atingiu a um simbolo religioso que representa a espiritualidade dos que praticam. A matéria publicada em 14/07/2023, o G1.Globo¹⁸ expressa:

Polícia autoriza protesto na Suécia que queimará Bíblia e Torá. Houve protestos no país nos quais foram queimadas cópias do Alcorão. Agora, manifestantes vão colocar fogo em outros livros religiosos. Manifestação a favor da liberdade de expressão. O protesto será, na verdade, uma ação de apoio à liberdade de expressão, de acordo com a solicitação enviada para a polícia. A polícia afirmou que a autorização está em conformidade com a legislação sueca de conceder licença para atos públicos. "A polícia não emite licenças para queimar vários textos religiosos. A polícia emite licenças para reuniões públicas e para expressar uma opinião. É uma distinção importante", afirmou Carina Skagerlind, assessora de imprensa da polícia de Estocolmo. Israel diz que é antissemitismo O presidente de Israel, Isaac Herzog, foi uma das autoridades que rapidamente criticaram a decisão, assim como Yaakov Hagoel, presidente da Organização Sionista Mundial, que disse que esta permissão não é uma "liberdade de expressão, mas, sim, antissemitismo". No passado, queimaram o Alcorão Em junho, um refugiado iraquiano que reside na Suécia queimou algumas páginas do Alcorão em frente à Grande Mesquita de Estocolmo, coincidindo com a celebração do Aid al Adha, um feriado importante no calendário muçulmano. O Conselho de Direitos Humanos da ONU tinha adotado uma resolução, condenando a queima de exemplares do Alcorão e outros atos de ódio religioso. (G1.Globo 14/07/2023)

No programa de rádio Momento do Axé, Rádio Aperipê FM, foi lida a decisão judicial contra a Prefeitura de Aracaju, que deverá indenizar por racismo religioso um terreiro de candomblé, notícia do jornal Carta Capital¹⁹ através do jornalista Wendal Carmo, assim expressa:

Prefeitura de Aracaju irá pagar indenização por racismo religioso contra terreiro de candomblé. Em 2018, o Terreiro Rei Hungria, na capital sergipana, foi alvo de operação da Prefeitura para “resgatar” animais que seriam abatidos durante um ritual. O Tribunal de Justiça de Sergipe decidiu manter a condenação da Prefeitura de Aracaju por racismo religioso contra um terreiro de candomblé localizado na zona norte da capital sergipana. Durante a vistoria, acompanhada por seis policiais, uma fiscal da Prefeitura chegou a disparar insinuações racistas contra o Terreiro e afirmou que o templo “fazia magia negra”, termo preconceituoso utilizado em referência a coisas ruins ou negativas. A operação apreendeu alguns frangos, um bode e um pato,

¹⁸ France Press, G1 Globo, 14/07/2023, Polícia autoriza protesto na Suécia que queimará Bíblia e Torá.

¹⁹ Wendel Carmo, Carta Capital, 18/07/2023, Prefeitura de Aracaju que deverá pagar indenização por racismo religioso contra terreiro de candomblé.

que seriam oferecidos no ritual a Exu, divindade ancestral cultuada pelos adeptos do candomblé. Os agentes ainda proibiram a entrada de outros animais vivos no Terreiro. Esse tipo de ritual, vale dizer, faz parte das práticas cultivadas pela religião de matriz africana. Depois que os animais são abatidos, eles são preparados e servidos à comunidade, sem que haja desperdício. Depois de recolhidos pelos agentes, os bichos foram levados para um sítio na zona sul de Aracaju, mas morreram durante o trajeto devido ao sol quente a que foram expostos. O caso foi levado ao Ministério Público, que ingressou com ação civil pública por intolerância e racismo religioso. Na representação, a 4ª Promotoria dos Direitos do Cidadão pedia o pagamento de 50 mil reais em indenização por danos morais coletivos, mas teve a solicitação acolhida parcialmente. De acordo com a juíza Christina Machadode Sales e Silva, da 18ª Vara Cível de Aracaju, a Prefeitura de Aracaju agiu de forma “arbitrária” ao realizar a operação e não “foi capaz de demonstrar efetiva ocorrência de maus tratos a animais”. A magistrada ainda citou entendimentos de ministros do Supremo Tribunal Federal sobre as práticas religiosas. “Entendo que o exercício do poder de polícia exorbitou seus limites intrínsecos, na medida em que o ato administrativo não se motivou e nem causa legítima para a atuação da fiscalização ambiental, muito menos em indícios mínimos da suposta prática de crime”, escreveu. A Justiça ainda condenou, em 2019, a fiscal responsável pela ação ao pagamento de 2 mil reais à Mãe Quida, responsável pelo Terreiro Rei Hungria. Ela foi indiciada por crimes contra o sentimento religioso, perturbação de culto religioso e crime resultante de preconceito de raça ou de cor (Carta Capital, 2023).

O terreiro de candomblé, umbanda e outras religiões de pertença espiritual africana na comunidade onde estão devidamente instalados, além de terem seus ritos, rituais de forte influência simbólica que representam uma cultura, espiritualidade, liturgia, expressividade, assistência social, dentre outros; são marcadamente ativistas e símbolos de resistência e fortalecimento histórico e cultural. Ao serem atacadas pelo racismo atinge a uma comunidade que se faz presente aos seus ensinamentos religiosos e que seguem por opção religiosa. Em artigo institucional recente, a Conectas Direitos Humanos (2022)²⁰; que inclusive alude ao símbolo da palavra; reflete sobre o racismo religioso como sendo uma prática, assim diz:

De acordo com algumas concepções africanas, a palavra é regida pelo elemento fogo. Ela pode tanto queimar, quanto aquecer. É por isso que ativistas e defensores de direitos humanos ligados ao movimento negro reconhecem a importância de refletir sobre termos amplamente absorvidos pelo senso comum. No Brasil, país estruturado pelo racismo, o termo “intolerância religiosa” não é suficiente para descrever as violências sofridas pelas pessoas que cultuam orixás, povos da rua e outras entidades que não cabem no imaginário ocidental. Torna-se necessária a busca por outra expressão que dê conta de nomear essas violências de forma a não deixar dúvidas sobre a quem elas se direcionam. Nesse sentido, o termo “racismo religioso” parece muito mais adequado para definir uma prática que ameaça a liberdade e a existência dos povos de terreiro há séculos. Na definição da cartilha *Terreiros em Luta*, racismo religioso é um conjunto de práticas violentas que expressam a discriminação e o ódio pelas religiões de matriz africana e seus adeptos, assim como pelos territórios sagrados, tradições e culturas afro-brasileira. (Conectas, 22/07/2022).

²⁰ Conectas, 22/07/2022, revista online, tema: O que é racismo religioso e como ele afeta a população negra.

Além das religiões de matriz africana, muitas religiões que são símbolos de seus fiéis seguidores, desde a igreja católica, evangélica, seguimentos de religiões hinduístas, budistas, igreja messiânicas, dentre outros, têm passado por discriminação religiosa, pelo simples fato da falta de respeito a opção individual por qualquer religião.

1.1 – Símbolos no judaísmo

O judaísmo, religião monoteísta, derivada da Tribo de Judá, que é uma das 12 tribos, observa-se que o número doze é cabalístico e simbólico, tem como base a vida de Abraão que Deus fez uma aliança afirmando que seus descendentes é o povo escolhido e que para tanto que se cumprisse a promessa de seguir à risca todas as leis divinas, as mesmas que foram entregues a Moises no Monte Sinai. Também emprega inúmeros símbolos dentre eles está a terra prometida. Segundo Mark O’Connel e Raje Airey (2021), em estudos sobre simbolismos religiosos, explicam que:

A história do Judaísmo tem suas raízes em Israel, a terra prometida. Mais do que um simples local, é um dos símbolos mais importantes do Judaísmo, parte da identidade étnica do povo judeu. Jerusalém, a cidade de Davi, o maior rei de Israel, é particularmente importante. Foi ali que o filho de Davi, Salomão, construiu um templo, um símbolo da comunhão entre o homem e Deus. O templo foi reconstruído muitas vezes, até sua destruição final pelo imperador romano Titus em 70 a.C. O Muro das Lamentações é o último vestígio do templo e é um local de peregrinação e oração para os judeus do mundo todo (Mark O’Connel e Raje Airey,2021, p.44).

Na teologia baseada na fé judaica a mais importante é a Torá, que são na bíblia hebraica, os primeiros cinco livros, ou seja, o Pentateuco, onde estão expostos todos os ensinamentos de Deus que foram revelados a Moises no Monte Sinai. Mark O’Connel e Raje Airey, (2021 p.44), o destacou como sendo um repositório de leis e história, a Torá é considerada uma dimensão íntima ou espiritual do próprio mundo, o meio pelo qual o indivíduo pode obter acesso ao reino superior.

Sua historicidade é de enorme importância para toda a humanidade, bem como para seus seguidores que são fiéis à religiosidade. Os ritos, seguem com afinco a espiritualidade e são protagonistas, jamais deixando de demonstrar em público suas condutas perante a religião que abraçaram, nesse sentido, seus símbolos são bastantes difundidos.

Em suas sinagogas, que constituem a coesão da comunidade, existe o simbolismo

prático de representarem três funções, conforme afirmam Mark O'Connel e Raje Airev, (2021, p.45): uma casa de reunião onde a comunidade judaica pode se encontrar com qualquer propósito; é uma casa de estudos, onde as escrituras são estudadas e as crianças aprendem a língua hebraica e estudam a Torá. Nelas também são encontrados a menorá, que é um candelabro de sete pontas, ou sete braços. Inclusive, algumas religiões e filosofias que têm graus de evolução espiritual, também utilizam desse utensílio em seus rituais. Tem como objetivo iluminar o ambiente, mas simbolicamente, tem o objetivo central de iluminar a Torá. A menorá simbolicamente representa a árvore da Vida.

O símbolo de proteção é a estrela de Davi onde em sua simbologia representa um hexagrama, ou seja, estrela de seis pontas que são dois triângulos equiláteros em sobreposição, salienta-se que ele a pensar de seis pontas representa o número sete, simbolicamente: o número da perfeição. Esse triângulo tem seis pontas, porém, soma-se também com o centro e nisso dá-se o número da perfeição. Segundo a tradição, o Rei Davi usou um escudo com esse formato que posteriormente foi utilizado pelo seu exército como símbolo de proteção.

Já as letras do alfabeto *chet* e *yud* formam outro símbolo chamado *Chai*, que tem significado: vida. Sua utilização é por meio de um medalhão que deve ser usado pendurado ao pescoço. É outro símbolo de proteção uma vez que as letras representam o número 18 que é o número da sorte, para essa religião.

Ainda existe, um frasco pequeno onde há um pergaminho com um dos textos do livro sagrado e que é usado na parte direita de todas as portas, que deve ser tocada antes das pessoas entrarem na residência, e também, o shofar, chifre de carneiro, que simbolicamente representa o ano judaico e a lealdade de Abraão a Deus. Utilizado como amuleto, Mão de Fátima ou Hansá, palavra que significa cinco, que representa proteção contra mal olhado, é uma mão com seus dedos juntos que representam cinco pilares da fé islâmica.

Um dos símbolos mais conhecidos no mundo todo é a Khabala, que significa tradição ou recebimento, tem natureza mística e que um direcionamento para com a união do homem com Deus. Segundo Claudio Blanc, (2021, p.72-73), algumas das ideias apresentadas pela Cabala eram realmente revolucionárias. Uma das importantes inovações dessa tradição foi dar à Torá- o livro das Leis Mosaicas, também chamado de Pentateuco – uma interpretação completamente esotérica. Os cabalistas afirmavam que Deus revelou as verdades sobre ele mesmo, sobre o Universo através da Torá.

1.2 Símbolos no islamismo

No islamismo, que significa aquele que vive e cumpre os princípios morais e espirituais de Allah. Mohammad, foi o profeta de maior relevância em comparação aos demais, por ser o último e o mais importante mensageiro, uma vez que, crê-se, que foi ele quem recuperou a pureza doutrinária de Allah. Para Mark O'Connel e Raje Airev, (2021, p.48): islamismo, deriva da palavra árabe que significa, submeter-se, ou seja, aquele que vive de modo desejado por Allah (Deus).

Em seguimento à explanação sobre a religião islâmica; as descrições sobre outros símbolos significativos, Mark O'Connel e Raje Airev, (2021), dinamizam:

O islamismo também tem seus símbolos, como o Alcorão, que é símbolo da fé e identidade islâmica, sua doutrina está expressa detalhadamente na escritura sagrada por ter nele todos os ensinamentos que Deus transmitiu a ao profeta Mohammad. A lua crescente com estrela, simboliza a autoridade soberana e a nobreza. Também simboliza a renovação tomando como base o calendário lunar do islamismo. O zulfiqar que simboliza a espada de Mohammad, simboliza além de nobreza e coragem, consigna distinguir os caminhos da certeza e negar os que são incertos. A masbaha que tem 33 ou 99 contas, seu objetivo é servir de invocação a Allah durante o dia e no momento das cinco orações diárias. Simbolicamente, interliga o praticante a Allah a cada momento que desejar. (Mark O'Connel e Raje Airev, 2021, p.48)

1.3. Símbolos no budismo

A dinâmica, história da religião budista, traz inúmeras correntes budistas, de filosofia, de seitas afins, que seguem a fonte religiosa baseada na vida de Buda. Siddhartha Gautama, que era um príncipe, deixou tudo o que pertencia; família, riqueza, poder, e desde então, durante a experiência como andarilho, descobre após meditar sob uma árvore de bodhi, que significa símbolo da sabedoria, em um vilarejo de Bodhgaya, na Índia, a iluminação. Claudio Blanc, (2021 p.89), assevera que: Gautama não foi o primeiro Buda, ou “O Iluminado”. Foi o quarto, e, possivelmente nem perto, o último. O budismo prega que a iluminação é a meta de todas as criaturas. Assim, todos, algum dia, finalmente atingirão a iluminação.

Para vida transitória, terrena, a doutrina budista, expõe que ao se iluminarem

praticando-a, a felicidade, é alcançada em todos os sentidos, porém, não é definitiva, porque a primordial regra é estarem em estado de nirvana, ou seja, iluminação, conhecer a parte física e espiritual e tomar consciência desse acontecimento que trará o fim do sofrimento.

Inúmeros são seus símbolos empregados e difundidos ao longo de sua trajetória como religião, desde a Árvore Bhodi, que simboliza onde Buda se iluminou e por isso, essa árvore é plantada nos centros budistas. É uma figueira.

A Roda Sansara, roda da Vida, nela há todo ciclo da vida de uma pessoa: nascimento, vida e morte e renascimento. Em seu centro, existe um porco que simboliza a ganância. A cobra que simboliza, o ódio. O galo que simboliza a ignorância. O fundo branco e negro simbolizam, as pessoas que evoluíram e as pessoas que não alcançaram a iluminação evolutiva. Nela ainda contém, os seis reinos que simbolizam os deuses, humanos, animais, fantasmas, demônios e há simbologia dos 12 elos que são as dependências humana.

A cabeça de Buda, simboliza conhecimento e iluminação, milhões de lares no mundo inteiro tem uma em seus aposentos. O livro sagrado chamado Tripitaka²¹, simbolicamente tem três tomos: princípios, sermões e filosofias budista. Já a Flor de Lotus simboliza a pureza e esclarecimento.

1.4. Símbolos no espiritismo kardecista

Também existe a importância simbólica de livros espíritas conhecidos como livros doutrinários, que estão espalhados pelo mundo, como sendo a presença desse seguimento religioso-filosófico, independente da presença do indivíduo que o segue. A revista Videira Espírita, (2023,p.1), explica que: no caso do espiritismo kardecista, codificado por Allan Kardec, ele próprio criou o símbolo do ramo e da videira, parreira ou da cepa, explicado como inspiração dos mentores espirituais, simboliza: o ramo-corpo, seiva-espírito, uva-alma. Os outros símbolos, são os livros de codificação espírita.

1.5. Símbolos no cristianismo

No cristianismo, Jesus Cristo, é o principal símbolo da doutrina que se baseia no amor.

²¹ Tripitaka (Tripitakan), texto sagrado que significa, Cesto Triplo, três partes do livro: Vinaya (regras), Sutta(discursos) e Abhidhamma (filosofia).

Religião que tem uma abrangência mundial. A teologia cristã tem como nascedouro Jesus, desde seu nascimento em uma manjedoura, filho de Maria e de José, um carpinteiro. Os símbolos associados a Jesus Cristo, se destaca conforme Mark O’Connel e Raje Airey(2021):

(...) Cristo é o título que Jesus recebeu de seus seguidores e, é simbolizado de várias maneiras. O peixe é um dos primeiros símbolos cristãos, encontrados nos túmulos das catacumbas romanas (...). É baseado em um acróstico: as letras iniciais das palavras gregas para Jesus Cristo, o filho de Deus e Salvador, formam a palavra grega “*ichthys*” que significa peixe. Cristo se referia aos seus apóstolos como “*pescadores de homens*”, enquanto os primeiros sacerdotes cristãos eram chamados *depisculi* (peixe) fiel.

Outro Símbolo de Cristo, que também foi um dos primeiros, é o lábaro, composto das primeiras letras gregas do nome de Cristo, X (*chi*) e P (*rho*). Também conhecido como a cruz de Chi-Rho, as letras são geralmente escritas uma sobre a outra, algumas vezes fechadas dentro de um círculo, tornando-se um símbolo cósmico solar.

Outros símbolos associados a Cristo são os objetos ligados à Paixão de Cristo (ou crucificação). Eles incluem a cruz na qual ele morreu, uma coroa de espinhos, um chicote, um martelo, e os pregos usados para prendê-lo à cruz, uma lança que os soldados romanos usaram para perfurar seu lado e a escada pelo qual ele foi retirado da cruz”. (O’Connel e Raje Airey. 2021,p.46).

Os simbólicos do cristianismo são muitos; Jesus Cristo, pastor de ovelhas, já seus seguidores; rebanho. Jesus Cristo, cordeiro de Deus, significando simbolicamente que ele foi imolado sacrificialmente. Entre outros símbolos, existe a ave, a pomba e o ramo de oliveira, que representa, segundo Mark O’Connel e Raje Airey (2021, p. 46), (...) a graça de Deus. Como punição pela maldade da humanidade, Deus enviou um grande dilúvio, símbolo de destruição e também de purificação. Após o dilúvio, Noé, enviou uma pomba a procura de terra e essa voltou com um ramo de oliveira. Ainda sobre o rico simbolismo, a trindade que representa pai, filho e espírito santo, são representados por um trevo e um cale, que significa folhas independentes, porém, fazem parte da planta toda. A igreja, forma física, mas, simbolicamente, pode ser um grupo de fiéis.

A paixão e morte de Jesus Cristo é celebrada em um ritual chamado eucaristia, missa onde é dividida em partes, o ápice dessa celebração, é a comunhão onde todos participam. Mark O’Connel e Raje Airey(2021,p.46) ,descreve: essa foi a refeição que Jesus compartilhou com seus doze discípulos na noite antes de sua captura. Assim a Última Ceia, a Eucaristia é feita com pão e vinho, representações da carne e do sangue de Cristo, para simbolizar a aceitação do corpo ou de sua essência.

Em matéria sobre a missa, Jackson Erpen²², Cidade do Vaticano, (2017), comenta em

²² Jackson Erpen, Vaticano News, 2017, O verdadeiro sentido do sacrifício da Santa Missa, online.

análise que :

(...) No programa de hoje, padre Gerson Schmidt, incardinado na Arquidiocese de Porto Alegre, nos traz uma reflexão sobre “O verdadeiro sentido do sacrifício da Santa Missa”:

“Queremos hoje falar de um 4º aspecto da Reforma Litúrgica proposta pelo Concílio Vaticano II – o novo sentido do ofertório na Missa. A constituição Sacrosanctum Concilium afirma que Jesus instituiu o sacrifício da Santa Missa, a fim de perpetuar nesses séculos, até a sua volta, o sacrifício da cruz.

Por isso, o “sacrifício dos cristãos não pretende completar o sacrifício da cruz, porém, torná-lo presente, atualizá-lo, desenvolver no hic et nunc a sua dimensão interna”

Entenda-se bem aqui o termo sacrifício, não como oferta penitencial meramente humana para merecer a misericórdia de Deus, mas como sacrifício verdadeiramente propiciatório de Cristo que se imola, da mesma forma como se ofereceu na cruz, uma vez por todas, que agora é oferecido e atualizado pelo ministério do sacerdote que preside o mistério.

O Concílio de Trento, e posteriormente com o movimento da reforma litúrgica que fomentou o Concílio Vaticano II, veio a definir com mais clareza essa realidade: ...diante das negações e distorções a respeito da eucaristia, o Concílio tridentino afirmou claramente que “a missa é verdadeiro sacrifício” e que “este caráter sacrificial, que não coincide simplesmente como a refeição como tal, mas é antes uma realidade particular, não contradiz de modo algum a unicidade do sacrifício redentor de Cristo; pelo contrário, sacrifício da cruz e sacrifício da missa são, em certo sentido, um único sacrifício.

A palavra sacrifício, referendada à Santa Missa, portanto, precisa ser bem entendida. Na religião pagã, a palavra é traduzida por “sacrum facere”, ou seja, fazer o sagrado. A missa, sabemos não é apenas sacrifício, mas também banquete, festa, uma celebração que é memorial, refeição alegre, festiva e atual da Páscoa de Jesus Cristo.

Assim, a Eucaristia seria muito mais um “sacrificium laudis”, um louvor e uma rica Ação de Graças (do grego, eukaristós) pela vitória de Cristo sobre a morte – e também nossas mortes. O sacrifício da cruz tem razão de ser em vista da Ressurreição, da festiva passagem (Pessach) da morte para a vida.

O caráter sacrificial da missa, demasiadamente penitencial, foi acentuado por uma época na Igreja. Aqui usamos o termo “sacrifício”, usado também pelo Papa João XXIII, não em sentido absoluto, mas como um dos aspectos do Mistério de Cristo, em sua oferta na cruz como sacrifício único e total. São Cipriano afirma: “e uma vez que, em todos os sacrifícios, nós fazemos a memória da paixão de Cristo – é de fato a paixão de Cristo que nós oferecemos – nós não podemos fazer diferente do que Ele fez”(Carta, 63,17).

Por isso, a Eucaristia não é um sacrifício do fiel a Deus, mas de Deus ao fiel. Precisamos tirar a ideia pagã do sacrifício que seria oferecido para aplacar a ira de Deus, como os antigos holocaustos e sacrifícios pagãos. Como aponta a Constituição Dogmática Lumen Gentium: “todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, pela qual Cristo, nossa páscoa, foi imolado, atualiza-se a obra da redenção” (LG03)". (Jackson Erpen, Cidade do Vaticano, 19/12/2017).

Para Jung,(2021), a missa é um rito simbólico e antropomórfico, em sua expressividade ritualística, existe uma transformação gradativa até a consagração:

O acontecimento ritual da missa assume essa situação e a transforma, gradativamente, até o momento culminante- a consagração – em que Cristo está presente no tempo e no espaço. Mas essa sua presença não é um reaparecimento; consequentemente, a consagração não é a repetição de um ato histórico e único, mas

a expressão visível de um fato que perdure eternamente, o rasgar-se da cortina dos condicionamentos temporais e espaciais que separa o espírito humano da visão do eterno. Esse acontecimento é, necessariamente, um mistério, pois se situa além da capacidade humana de compreensão e representação, e isto quer dizer o rito da missa é, necessariamente, um mistério, pois se situa além da capacidade humana de compreensão e representação, e em cada uma de suas partes, um símbolo.

Mas o “símbolo” não é um sinal arbitrário e intencional de um fato conhecido e compreensível, mas uma expressão de caráter antropomórfico (por isso mesmo, limitada, válida apenas em certas condições) de um conteúdo sobrenatural e, por esta razão, só compreensível dentro de certas condições. (Jung, 2021,p.15)

Mesmo com vastíssimos estudos realizados, a mente do indivíduo participativo em sociedade, ainda precisa em continuidade ser ampliada, a cada momento surgem novidades no campo da saúde e da tecnologia. Entender a mente humana requer estudos constantes como afirma Bruno Garattoni²³ (2019), afirma:

A ciência ainda está longe de entender como a mente humana funciona. Mas de uma coisa ela já sabe: tudo o que se passa dentro das nossas cabeças pode ser reduzido aos padrões de sinais elétricos que percorrem as sinapses do cérebro. Se você conseguir capturar e decodificar esses sinais, em tese poderá descobrir o que alguém está pensando. Na última década, várias equipes de pesquisadores tentaram – e, dentro de certos limites, conseguiram- fazer isso (...) (Bruno Garattoni, 2019, p. 50)

Diante de todos esses quadros e estudos, percorrendo os conceitos e exemplos sobre os símbolos nas religiões, percebe-se que sua identidade, velada ou não, faz parte da historicidade humana e de todos os setores religiosos. O homem não convive em sociedade sem que tenha contato com vários deles e os empregue em inúmeros setores de sua vida social e religiosa principalmente.

1.6. Símbolos nas religiões da matriz africana.

Com incontáveis símbolos, as religiões de matriz africana, candomblé, umbanda, têm nos terreiros onde ocorrem os rituais, uma de suas principais simbologias de resistência contra preconceito racial, religioso e de liberdade de culto. No terreiro, casa de axé, ilê, roça, existem nos pejis, ou seja, nos altares, incontáveis formas de orixás, seja em imagem, elementos da natureza, desenhos, pinturas que simbolizam cada uma divindade, um encantado, além da entrada da casa onde está Exu, que é o guardião.

²³ Bruno Garattoni e Thiago Cordeiro, A reinvenção do cérebro: Ler e controlar pensamentos, 29/02/2019. Revista Super Interessante, edição 400.

O panteão africano é diversificado em divindades e suas qualidades, todos representando um estado da natureza e que são cultuados de forma referencial. O axé dos orixás têm ligação com a natureza.

Exu simboliza esfera, onde tudo começa e recomeça, comunicação, intermediário entre os Orixás . Há um ditado de domínio popular e simbólico que diz: “Exu matou um passarinho ontem com a pedra que jogou hoje”. Reginaldo Prandi,(2001,p. 20), descreve que: Exu é um orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado de *Legba*, *Bará* e *Eleguá*. Sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem, trocas mercantis,nem fecundação biológica”.Dia: segunda-feira, cores variam de vermelho (força, coragem, destemor) e preto (captador de energia e dissipador). Algumas ordens secretas adotam o preto em sua indumentária, preto e amarelo (intelecto, despertar), amarelo e vermelho. Seu símbolo: ogó – o falo ereto (vitalidade, vida). Ferramenta: chave, significando que serve para abrir e fechar caminhos. Saudação:*Kabá Iaroê, Oxerturá L’oruko, Axiaba Tiwó, Alupo , Laroyê*.

Ogum, orixá da guerra, simboliza poder, força, utiliza uma espada simbolizando autoridade. É centralizador do poder, muito hábil, estratégico. Dia: terça-feira. Tem como cor azul escuro, vermelho. Simbolos: espada escudo. Saudação *Emi neji, Ogum lacae, Ogum Yê*. Em análise sobre esse orixá, *Ogum*, Prandi (2001.p.21), o complementa|: governa o ferro, a metalúgica, a guerra. É dono dos caminhos, da tecnologia e das oportunidades de realização pessoal. Foi, num tempo arcaico, o orixá da agricultura, da caça, da pesca, atividades essenciais à vida dos antigos. É muito próximo de *Ode* e *Oxossi...*”

Xangô, simboliza a justiça, guerreiro, corajoso, é muito popular no Brasil, devido simbolizara justiça. Cores: velho e branco e em algumas casas marrom. Dia: quarta e em outras nações; quinta.Ferramentas: oxê (machado) tem dois gumes, um ditado de domínio popular sobre esse orixá que diz:” justiça para quem pede pode ser a mesma que a pune”, lei cármica. Balança da justiça. Prandi (2001.p.21), caracteriza esse orixá, como:dono do trovão, conhecedor dos caminhos do poder secular,governador da justiça. Teria sido um dos primeiros reis da cidade de *Oió*. Que dominou por muito tempo a maioria das demais cidades *iorubana*. É um orixá bastante cultuado para resolver problemas na justiça.

Oyá- Iansã: simboliza os ventos, tempestades, representa força, coragem, dinâmica. Dia: quarta-feira. Senhora dos eguns. Ferramentas: espada simbolizando a guerra, luta,

combate. *Irukerê*: espantam eguns que é uma crina de cavalo ou búfalo, retira energias negativas. Cor: vermelho. Saudação: *epa hey, eparrei Oya*. As características, segundo Dina Dhon e Walter Cardoso (2013, p.61): ela descarrega os emocionais desvirtuados e suas consciências desordenadas. Ela é movimentadora de nossas vidas, dando uma direção, um “norte” para nossas vidas. Com isso, ela direciona a fé (Oxalá), o amor (Oxum), a expansão (Oxóssi), a justiça (Xangô), a evolução (Obaluaê), e geração (Iemanjá).

Oxum, simboliza as águas perenes, tranquila que lhe dão a interpretação em fertilidade, amor, riqueza, união. Dia: sábado. Cor: amarela. Ferramentas: espelho, leque de metal dourado: beleza e vaidade. Ferramentas: *abebê*, espelho, *alfange*: adaga ou espada pequena. Há também quem usa o *Ofá* dourado para simbolizar sua ligação com *Oxossi*. Saudação: *Orayê Yê, Ora yê yê o*. Dina Dhon e Walter Cardoso (2013, p.48), categorizam, que ela representa o amor divino, e está sempre a nos aconchegar em seu colo, dando-nos o seu amor, sua proteção divina, o seu carinho, o seu calor, e favorecendo-nos a conquista da prosperidade espiritual e material.

Mãe Nanã, a mais velha dos orixás, simboliza os ciclos da vida, nascimento, morte. Cura de doenças, tranquilidade e lentidão, responsável pelo equilíbrio, mistério, águas lamacentas, justiça, extremamente sábia, a grande senhora. Dia: terça-feira, mas, há quem adote a segunda devido a ser um orixá ligada também às almas, em determinadas casas. Ferramentas: bastão de hastes de palmeira de *obiri* que serve para afastar a morte. Cor: carmim, roxo. Saudação: *saluba*. Para Prandi (2001, p. 20), ela é a guardiã do saber ancestral e participa com outros orixás do panteão da terra, da qual a antiga divindade, *Onilé* ainda recebe em velhos candomblés uma cantiga ou outra em ritos de louvação dos antepassados fundadores da religião.

Iemanjá, simboliza a fertilidade, mãe acolhedora, é a mãe de todos os orixás, rainha das águas, espelho do mundo, dona do pensamento, simboliza beleza, a família, maternidade e amor. Cores: azul, mas, tem quem use o branco prateado, o rosa. Dia: sábado. Ferramentas: *abebê*, espelho leque decorado com sereias ou conchas, sol, lua, estrelas e âncoras. Saudação: *odociaba, odô-ya, Omio odo*. Prandi (2001, p.22) assim escreve sobre *Iemanjá*: o culto aos orixás, não se completam sem *Iemanjá*, a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens, dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, talvez o orixá mais conhecido no Brasil.

Oxossi, simboliza caça, sobrevivência, ação rápida, transformação, é curioso e de um

entendimento fácil, fartura, trabalho para a manutenção cotidiana, com uma flecha só, não erra o alvo, orixá das matas. Dia: quinta-feira. Cores: azul turquesa ou verde. Ferramentas: *Ará um Xe, kokeode, Okê aro*. Nesse contexto, Dina Dhon e Walter Cardoso (2013,p.51), dizem que: é o orixá caçador e chefe divino dos caboclos na Umbanda. Associado à fauna e à flora, é aquele que provê o sustento da família, o que expande, o que aumenta, o que faz prosperar, o que vai e traz, é o orixá do conhecimento.

Ossaim, simboliza a medicina das plantas, cura pela natureza, proteção, todas as ervas e plantas têm seus significados para melhorar qualquer tipo de doença espiritual ou material, e esse orixá é quem orienta para isso, conhece dos segredos das plantas e ervas, e do venenos. Dia: quinta- feira. Ferramentas: pilão, *opassinány* um instrumento de sete pontas, sendo o do centro leva um pássaro bem alto. Cores: verde e branco.Saudação: salve as folhas: *ewê ô. Eruejê. Ewê Ewê asa. Asaô*. Prandi (2001.p.152), descreve dessa forma: era nome de um escravo que foi vendido a *Orunmila*. Recusou-se a cortar as evas sagradas, por isso se tornou orixás das folhas. Para cada orixá, ele oferta uma folha. Existe um ditado de domínio popular que diz: “ sem folha não há orixá”.

Oxalá: simboliza sabedoria, ação, equilíbrio, criador da terra, escultor da humanidade. Dono de tudo que é puro, cabeça: dos pensamentos e sonhos. Pode ser simbolizado como o orixá mais velho, rei branco, poderoso, suas palavras se transformam em realidade. Dia: sexta-feira. Cor: branco.Ferramentas: *Opaxorô*, símbolo da criação do mundo. Ligação entre o céu (orun) e a terra (ayê). Saudação: *Epa Epa Baba, Exeú Babá*. Esse orixá tem uma função de relevância espiritual, Prandi (2001), assim diz: encabeça o panteão da Criação, formado de orixás que criaram o mundo natural, a humanidade e o mundo social. *Oxalá* ou *Obatalá*, também chamado *Orinxalá* e *Oxalufã*,é o criador do homem, senhor absoluto do principio da vida, da respiração, do ar, sendo chamado de Grande Orixá, *Orixá Nlá*.

Entidades: pretos velhos, que simbolizam sabedoria, tranquilidade, aconselhadores, curandeiros. Cor: branco. Ferramenta: cajado, charuto, cachimbo. Castro (2001.p.89), exalta que: cultuados como ascendentes africanos, são representados por negros idosos que viveram a escravidão no Brasil. Os homens são tratados de “pai” , enquanto as mulheres são “mãe” ou “vovó”, recebendo apelidos que parecem remontar á sua origem banto, entre eles, pai José de Aruanda, vovó rainha do Congo, pai Joaquim de Angola, pai João Quizumba.

Caboclos que simbolizam força, cura, equilíbrio, vitalidade. Cor: verde. Dia da semana: quinta. São citados por Castro (2001.p.91), como sendo: (...) os donos da terra”,

entidades idealizadas como habitantes da floresta brasileira, geralmente reverenciados como nobres indígenas.

Erês/Ibejis, simbolizam alegria, o bem, a pureza, gosta de doces. Cor: alegres. Dia: domingo. Citando essa linha espiritual, Castro (2001.p.91) informa que entidades infantis que o iniciado costuma receber geralmente ao sair do transe se pressão dos santos. Sua fala é quase um “tatibitate”, por isso considerada de qualidade inferior, primária, associada ao uso de crianças em fase de socialização.

Marujos/Marinheiros, simbolizam o equilíbrio nas horas de desequilíbrio. *Exus*, simbolizam proteção nas encruzilhadas cotidiana. Dia: segundo ou domingo. Cor: branco e azul. Dina Dhon e Walter Cardoso (2013,p.94), os classifica como: quando “baixam” no terreiro dão a impressão de estarem bêbados, mas isso se deve ao forte magnetismo aquático que possuem, e seu choque com a vibração terrestre. Andam sem equilíbrio, mas não estão bêbados, e sim embriagados pelo poder da água dos mares.

São inúmeras riquezas advindas das religiões de matriz africana em todos os setores da cultura vivencial brasileira. Com símbolos que representam consequentemente os seguimentos religiosos dessa matriz; a presença do negro trazido do continente africano com sua cultura mesclada com a cultura indígena local, influenciaram como até hoje influencia na sociedade brasileira. São protagonistas de uma memória cultural e histórica de relevantes serviços prestados ao desenvolvimento cultural, desde a religião até a alimentação. São incontáveis as áreas de saberes onde o simbolismo existe como forma de demonstrar sua história perpetuando-a. Nisso, a religião associada aos símbolos que reforça a continuidade da existência da religião. Seminério (1998.p165), sobre a religião explana que, a religião torna-se uma construção do imaginário, paralela à da existência, como um refúgio para evitar o desaparecimento da própria identidade.

1.7 Símbolos religiosos citados anteriormente



Figura 1: Símbolo judaico-Menorá.
(Fonte: A. Almeida)



Figura 2: Símbolo islâmico-Alcorão.
(Fonte: Designi)



Figura 3: Símbolo budista- bhodi
(Fonte: Rubens César Fernandes)



Figura 4: Símbolo espírita kardecista-vidreira
(Fonte: sinapses link)



Figura 5: Símbolo Cristão-Cruz
(Fonte: Enciclopédia Significados)



Figura 6: Símbolo das religiões matriz africana-rixás
(Fonte: Créditos Ilé Odé)

1.8- A benzedeira negra de pertença das religiões afro

Dentro dessa contextualização dos símbolos nas religiões, as benzedeiras em seu ofício procuram curar a quem a busca com alguma enfermidade, seja física ou espiritual, e, utilizando de seu dom e conhecimento que é conseguido com a experiência familiar, passada ou ensinada, de geração em geração, para quem desejar aprender ou para quem é indicada a acompanhar os atendimentos no intuito de adquirir prática e posteriormente substituir a benzedeira que está ensinando após sua morte; entretanto, ela utiliza em muitos casos, de elementos que foram passados pelas religiões de sua família e diante disso, muitas delas são oriundas de terreiros das religiões de matriz africana, indígena ou católica. Nessa contextualização, podem até afirmar que não praticam nenhuma religião, mas, em seus altares, percebe-se a presença sincrética religiosa. Não há limite de espaço de um terreiro, igreja ou comunidade indígena, uma vez que, ao participar, integrar-se a uma religião, seja qual for, o indivíduo a expande externamente onde reside passando a ser além de símbolo um difusor dessa religião em suas relações comunitárias. A benzedeira que tem suas bases religiosas na pertença afro adquire para si um significativo caminho religioso histórico e cultural diversificado por saber lidar com o mundo natural que a cerca. A religião passa a ser um norteador de mudança comportamental do indivíduo, como bem afirma Maria Lima Leão Teixeira, (2009):

(...) É o entendimento da religião como um caminho, como um conjunto de ideias e práticas que são aceitas como eficazes para justificar a existência, torna-la mais fácil e/ou proporcionar ao adepto bem estar e conforto (físico e espiritual). Portanto, a trama de relacionamentos efetivos no ambiente de Terreiros ultrapassa os limites espaciais de cada comunidade, permeando as relações sociais desenvolvidas pelos adeptos no contexto urbano mais amplo. Sendo um processo dinâmico de recomposição de sentido, norteador das trajetórias individuais de iniciados e daqueles que a eles recorrem para dar conta dos males e das angústias que assolam os habitantes dos grandes centros urbanos. (Maria Lima Leão Teixeira, 2009, p. 119).

Ressalta-se que estão localizadas em lugares fora do eixo central das grandes cidades e que moram em lugares de pouca visibilidade social, carente de uma infraestrutura adequada de sobrevivência e dentro dessa organização social acabam substituindo o serviço de saúde que em muitos casos se apresenta deficiente de atendimento e precário em insumos assistenciais, tais como remédios, curativos, exames, acolhimento humano; que é o essencial para ouvir e saber ser ouvida, substitui inclusive nesse interim, um servidor concursado que cumpre sua jornada de trabalho apenas formalmente. As benzedeiras, também utilizam dessa prestação de

serviço estatal e por isso sabem lidar com todas as situações, uma vez que dentro do espaço territorial onde militam por melhoria estrutural, ela tem uma visão ampla da política social e em muitos casos, se tornam reconhecidas por auxiliarem à saúde pública. Muniz Sodré, 2002, pag. 15, cita que, o território, aparece assim, como um dado necessário à formação de identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros.

Nessa dinâmica tão abrangente que envolve saúde pública, a relação entre indivíduo, enfermidade, prescrição de medicamentos, tratamento adequado, envolve uma ação terapêutica onde a causa e efeito, deverão ser observados minuciosamente por se fazerem parte do complexo relacionamento entre corpo e pessoa, ou seja, há uma integração entre o indivíduo, seu corpo e sua mente para o restabelecimento da saúde. Ainda nesse campo, a medicina terapêutica, alternativa, bem como a medicina científica, procuram percorrer a busca pelo equilíbrio e a cura pelo tratamento adequado, onde respectivamente, Mandarino, (2009), trata neste caso:

Evidentemente, toda ação terapêutica, seja das chamadas medicina tradicionais, a das medicinas paralelas, ou da biomedicina (dita científica), se volta sempre para estabelecer uma relação entre o doente ou órgão doente e um complexo terapêutico (o tratamento adequado que deve ser prescrito), objetivando uma correspondência entre causa e efeito. O relacionamento estabelecido pode ser traduzido em forma de medicamentos, ou representado sob forma de rituais religiosos, ou ainda pela junção de medicamentos e de ritos. Em contraposição ao modelo terapêutico de biomedicina que representa a doença como uma entidade específica que penetra no corpo do paciente, e cujo objetivo é a destruição do agente patogênico sem destruir o doente (se possível), encontra-se uma série de procedimentos que englobam além de saberes empíricos, sistemas de crenças religiosas. (Mandarino, 2009, p. 123)

Essa postura em benzer e ser chamada de curandeira, rezadeira da comunidade, é observada por alguns seguimentos alternativos e até pelo SUS como uma auxiliar no restabelecimento da saúde dos indivíduos, serviço terapêutico que oferece enorme contribuição no pronto restabelecimento da saúde da pessoa. Esse contraponto em acolher, ouvir, rezar, traz para quem recebe o benzimento o equilíbrio mental, espiritual e material, situação que é chamada por prática integrativa e complementar em saúde, muito embora o preconceito e a desconfiança por parte de alguns setores da ciência médica ainda sejam presentes. A importância estabelecida é de que o indivíduo participe integralmente do processo de cura se integrando à ação de tratamento pelo benzimento, fazendo de sua cabeça o centro da concentração efetiva para a cura. Mandarino, (2009), apud Barros; Teixeira (1989): neste último caso estão alocados curandeiros, erveiros e mateiros, benzedeiros e demais agentes,

leigos e/ou religiosos, que possuem conhecimentos e sistemas classificatórios diferenciados do hegemônico, empregam matérias e procedimentos apreendidos da tradição e da observação empírica, associados ou não à práticas mágico-religiosas.

O corpo e o indivíduo constituem um ser integral, ele não tem suas partes separadas uma da outra, o tão conhecido cabeça-tronco-membros são complementares entre si. A benzedeira tem conhecimento do sagrado e sabe pela experiência cotidiana e comunitária que muitas enfermidades são oriundas da cabeça do indivíduo, vem da sua parte psicológica. Quando essa benzedeira tem vivência em terreiros de pertença religiosa afro, ela assim integraliza esse indivíduo à sua energia vital que se chama alma. É através dela que as manifestações divinas se comunicam e recebem comunicação. Por isso, na prática do benzimento; as orações ritmadas, a manipulação das ervas, da vela, da tesoura faz parte do ritual sagrado e curativo. Entende-se dessa forma que o indivíduo é seu próprio altar. Mandarino, (pag. 125, 2009), assim afirma que o corpo-pessoa pode ser considerado, ainda, como um altar, uma vez que é através dele que as divindades se manifestam.

Nesse aspecto amplo em que se concentra a saúde, vale ressaltar que as terapias que têm raízes na religiosidade não abrem disputa por algum lugar junto às políticas públicas, pelo contrário, elas existem como conhecimentos produzidos e empregados para melhorar a saúde comunitária, sendo assim um complementariedade de substancial valor às políticas de saúde coletiva. Uma vez que,

A hipótese de que a demanda por terapias de base religiosa em várias sociedades teria causa, por um lado o caráter precário dos serviços oficiais de saúde existentes e, por outro, a existência de certas crenças e tradições populares ainda persistentes, mas fadadas ao desaparecimento com a crescente penetração da cultura científica entre a população, não logrou sustentar-se frente às evidências documentadas em investigações sobre o tema. Essas apontam para uma prática corrente de uso combinados dos serviços médicos e religiosos, bem como para uma demanda dos serviços religiosos de cura por parte de indivíduos de classe média, supostamente um grupo social com amplo e conhecimento da biomedicina. (Gomberg, Estélio, 2011, p.9).

A benzedeira está inserida em uma sociedade racista e de pouca atenção por parte dos poderes constituídos, a carência de estrutura social e saneamento básico onde moram, indica claramente que ela pertence a uma classe que vive a extrema pobreza e a visão da formalidade social, em muitos casos a classifica como peso social e desfavorecida dos direitos dignos para sobrevivência, e se torna mais grave quando é negra e sua pertença religiosa é candomblé ou

umbanda. Esses são, dentre outros, os fatores políticos, consequência dos tardios estudos sobre a população negra por parte de setores do estado brasileiro. Os estudos voltados para a saúde da população negra no país é recente, e o interesse pelo tema foi despertado, segundo Gomberg, (2011,p.67), apud Maio e Monteiro (2005), que o foco sobre a temática racial não foi objeto de interesse da tradição sanitarista. Segundo os autores, somente no século XXI, com a discussão sobre as relações entre raça e saúde surge uma política específica à população negra, articulando diversos setores da sociedade e organismos internacionais.

Em se falando de articulação, a Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde-Renafro, foi criada durante o II Seminário Nacional de Religiões Afro-Brasileiras²⁴, no estado do Maranhão, em São Luiz, organização que tem visibilidade nacional e internacional, por agregar a potencialidade dos saberes dos terreiros quando se trata de saúde, trabalhar interna e externamente a saúde nas comunidades de terreiro, legitimar os dirigentes de terreiros com sendo seus representantes para reivindicar junto às autoridades públicas que sejam respeitados os direitos humanos e direitos adquiridos, contribuir com a saúde comunitária contribuindo com a interligação com as práticas de saúde do SUS. Tal representatividade demonstra claramente que as manifestações dos povos de terreiro, de onde muitas benzedeiras fazem parte, necessitam de substancial atenção e militância, uma vez que, não pertencem ao quadro dominante da política religiosa do Brasil. Como bem afirmam, Ilzver e Pedro Meneses (2020), como as expressões religiosas dos povos de terreiro não são identificadas como semelhantes às expressões religiosas cristãs, que dominaram e dominam o espectro político-religioso brasileiro, o estigma de inferioridade e a falta de reconhecimento como religião são frequentes causas para abusos de particulares e do Estado contra os povos de terreiro e suas religiões.

Nesse contexto se torna o centro de perseguição racista e a religião desvalorizada, perseguida por seguimentos religiosos e até na grande mídia que serve ao sistema de fomentar a ilusão do falso evangelho capitaneado por uma sistemática da teologia da prosperidade servil de empresários pertencentes às bancadas burguesas do parlamento brasileiro. O Brasil é um país racista e essa raiz em sua estrutura, inclusive educacional, o indígena, só é lembrado em seu suposto dia, o negro apenas em uma semana de novembro, enquanto os outros dias do ano, desde ao sistema de saúde à educação lhe é ofertada com total sucateamento. Os direitos humanos tão divulgado pelo estado brasileiro não tem efetividade. A

²⁴ O II Seminário Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde ocorreu em 2003, em São Luiz do Maranhão.

hegemonia dos direitos humanos como linguagem de dignidade humana é hoje incontestável. No entanto, esta hegemonia convive com uma realidade perturbadora. A grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discurso de direitos humanos, Santos, (2014).

É obrigatório que o sistema governamental reveja o descabido abandono contra a população negra desde a suposta liberdade da escravidão. A desigualdade social, a intolerância racial e religiosa são visíveis e estão devidamente concretizadas nos quatro séculos de escravidão, e já na modernidade, a senzala mudou de aspecto e tornou-se compacta e estrutural tendo como vigência o vínculo das relações políticas, econômicas, educacionais, e de forma direta classifica o que é de cor branca ou de cor negra. Não tem como pular os séculos da história uma vez que a herança é um produto do vilipêndio dos direitos humanos da população negra que em inúmeros casos, reside em comunidades quilombolas abandonados pelo poder público. Santos et al, (2018), a intolerância, a discriminação e o preconceito estão ligados a questões históricas ou a uma disputa em que o outro sai como “perdedor”. As benzedeadas têm marcas identitárias com toda essa historicidade, ela não está apartada de sua origem negra, aliás, está inserida como sujeito de participação política, pelas lutas por melhoria das políticas públicas. Sua representatividade é coletiva e de contextualização histórica, social e de saúde comunitária.

Ressalta-se que mesmo com direitos alcançados através de muita luta, as políticas públicas de igualdade racial adquiridas para combater o racismo estrutural, ainda são fontes de críticas e o sistema burocrático engessa a sua aplicabilidade, tornando-as vulneráveis aos sistemas governamentais. Mesmo assim, os avanços do direito têm ocorrido dentro de todas perspectivas de lutas tornando dessa forma um fórum constante de combate e reafirmação dos propósitos de enfrentamento. Ademais, é imperioso continuar coordenando novas ações para combater o racismo e debater o direito como de fato deve ser. Isso posto, Ilzver e Pedro Meneses (2020), afirmam que : o direito está sendo reinterpretado pelos povos de terreiro e eles dão ao país a oportunidade de se tornar mais esclarecido.

1.9 Símbolos nas religiões: um contato com a espiritualidade

A temática que envolve símbolos na religião está justamente inserida no que homem busca, dentro de sua extensão, o contato entre sua espiritualidade com a existência do sagrado.

Ao deparar com tudo que está à sua volta e percebendo que, na existência da religião ou filosofia que lhe agrada, tem o emprego de inúmeros símbolos e que paulatinamente lhe são revelados pela observação, estudos, e que doutrinariamente lhe é preparado, ele tem uma visão perceptiva e sensorial do sistema simbólico que está inserido em seu cotidiano. Interpretar um sistema simbólico requer análise minuciosa onde a audição lhe servirá para entender e o visual para refletir sobre o que está sendo observado. Nesse contexto de percepção e sensação, Galvan, (2005), diz que:

Os órgãos perceptores podem analisar e selecionar a energia do ambiente transformando-a, e dando origem ao impulso nervoso. Este impulso, ao chegar na zona apropriada do cérebro, produz uma imagem sensorial auditiva, visual ou outra, sendo que seu significado dependerá das experiências e interpretações prévias do indivíduo. E a isso que se chama se senso percepção.

A senso percepção é constituída por dois momentos: a sensação e a percepção. Entende-se por sensação o trajeto que vai desde a recepção sensorial do estímulo até sua chegada à célula cortical. Por percepção entende-se a transformação que este estímulo sofre ao converter-se em fenômeno psíquico. Desta forma a percepção é o fenômeno psíquico pelo qual a sensação se faz consciente. (Galvan,2005, p.37).

Dentro de uma sociedade de consumo, de disputa, incertezas, é cada dia mais marcante o abandono social que afeta o emocional. O indivíduo objetivamente tem que conviver com as mudanças sejam elas morais ou materiais. Sistemas religiosos divididos em ideologias, a utilização da religião como marco primordial em aglutinar seguidores e arrecadar cada vez mais bens materiais para locupletar de seus dirigentes, a falta de respeito com os símbolos sagrados sejam eles escritos ou não, o homem dentro desse emaranhado tão complexo, procura respostas para suas perguntas internas e tenta obter as respostas pela busca incessante do sagrado. O quadro que se apresenta é de enfretamento das dificuldades. Berger & Luckmann, (2004), citam que:

Seja como for, o indivíduo tem de superar nas sociedades modernas tanto as incertezas de sentido quanto a indecisão do julgamento moral. Em primeiro lugar, não pode ter certeza de que aquilo que julga é bom e justo, também seja assim considerado pelos outros; em segundo lugar nem ele mesmo sabe sempre o que é bom e justo para si próprio. As instituições têm sua organização racional-finalista que determina objetivamente o agir e, além disso, talvez algo assim como uma ética de área específica. As comunidades de vida com diferentes reservas de sentido não estão separadas entre si por altos muros de proteção, e as comunidades de convicção atravessam, por assim dizer, a sociedade. E, finalmente, as mais diferentes reservas de sentido tornaram-se acessíveis em geral através do meios de comunicação de massa. (Berger & Luckmann, 2004 p.87).

Viver em uma sociedade carente de coesão de políticas públicas onde o indivíduo possa tratar de assuntos coletivos ou individuais, tendo-os a serem resolvido com celeridade e forma coerente, resulta em se sujeitar à lentidão dos serviços prestados pelo serviço público. O indivíduo, coletivamente ou não, passar a ser explorado e serve de mão de obra capitalista que fomenta a disputa e vigora o individualismo. Santos, (2014), reflete :

Vivemos um tempo dominado pelo poder de ideias de autonomia individual, uma autonomia a ser exercida num mercado planetário constituído por uma miríade de mercados locais, nacionais e globais nos quais potencialmente todas as dimensões de vida individual ou social são negociadas com seu preço de mercado. Nos termos deste ideal, a sociedade é composta por indivíduos supostamente autoconstituídos cujas possibilidades de sucesso dependem quase que exclusivamente de si mesmos, para o melhor ou para o pior. (Santos, 2014, p.9).

Os problemas, sejam de forma pessoal, espiritual, religioso, sentimental, financeiro lhe interiorizam para a percorrer a auto observação e sob todas as perguntas encontrar a manifestação sagrado. As realidades sagradas trazem ao homem um equilíbrio entre a realidade que lhe cerca e o sobrenatural que lhe responde as perguntas que são feitas. O profano se lhe apresenta como deleite, mas, o sagrado lhe é aprazível. Mesmo com essa dubiedade de atitude, o sagrado se manifesta. Eliade (1992), ao afirmar que quando o sagrado se manifesta:

“ O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.
“ (...) O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo (...).
“(...) não se trata da veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra, ou como árvore, mas justamente são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é pedra, nem árvore, mas sagrado, o *granz andare*”. (Mircea Eliade, 1992, p.130)

Todo esse universo que envolve a espiritualidade inserida nos símbolos religiosos e onde eles transmitem uma linguagem própria de conhecimentos metafísicos, também trazem junto com suas interpretações extensas força espiritual e o indivíduo que o interpreta dentro de uma contextualização individual alimenta psicologicamente em si o respeito, veneração, por ter esse símbolo uma valoração de opinião formada. Os símbolos têm uma função que não devem ser confundidos com sinais. Os símbolos chamam a atenção do homem, bem afirma Tilich (1985):

“ Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa se expresso por meio de

símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional(...).

Símbolos e sinais, têm característica especial em comum, ele indicam algo que se encontra fora deles.

(...) Sinais não participam da realidade daquilo que ele indicam: quanto aos símbolos, no entanto, esse é o caso. Por isso, os sinais podem ser substituídos em livre acordo por questões de conveniência, com os símbolos não é assim.

Isso nos leva a mais uma característica do símbolo: ele faz parte daquilo que ele indica.

(...) Símbolo consiste em que ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, nos permaneceria inacessíveis.

(...) Símbolo em que ele abre dimensões e estrutura da nossa alma que corresponde às dimensões e estrutura da realidade.

(...) Símbolo não pode ser inventado arbitrariamente. Eles provém do inconsciente individual ou coletivo e só tomam vida ao se radicarem no inconsciente do nosso próprio ser.” (Tilich. 1985, ps.30-31)

Ressalta-se aqui que o indivíduo dentro desse espaço coletivo bem como individual da espiritualidade, se insere nas múltiplas facetas da religiosidade uma vez que a praticidade sobre as diversas atividades religiosas nas religiões recoloca esse indivíduo no caminho das reflexões, discussões, diálogo sobre os valores éticos em sociedade inseridos pela religião. A religiosidade dentro dessa conceituação o situa dentro dos conceitos doutrinários que influenciam na avaliação do que é certo ou errado. Essa religiosidade ainda lhe traz a forma de conexão que o indivíduo tem em interligar-se reflexivamente com sua divindade, seja pelo meio de simbolismo, ritualismo, reflexões, orações, devoções diversas. Essa religiosidade é exatamente o caminho relacional em que o indivíduo tem com seu deus, deusa, deuses ou deusas. O cunho religiosidade onde o indivíduo de efeito a mantém em simbiose entre o sagrado e a religião.

E existe, ainda, a vertente, da religiosidade popular adquirida pela benzedeira, consequência das religiões cristãs, da mudança de localidade residencial para lugares afastados, Azevedo e Lemos, (2018,p. 71), afirma, (...) as benzedadeiras, e suas práticas são uma concomitância do que aqui se convencionou chamar de religião ou catolicismo popular. Todas as formas populares do ser benzedeira, são, na essência, formas de inserção social e cultural, que variam de acordo com a realidade em que elas surgiram ou herdaram esse dom, bem com quem se casaram, se fizeram isso ou não, onde foram morar, qual era a sua condição.

Destacar nas comunidades mais necessitadas a presença das benzedadeiras, são elas as ferramentas para a cura de inúmeras mazelas que se apresentam na vida do indivíduo, enfermidades materiais, espirituais e até psicológicas. Com suas rezas ritmadas, utilização de símbolos religiosos, ramos de ervas, gesticulações elas mantêm um ritmo de atendimento de

forma peculiar e bastante repleta de espiritualidade. É dentro de um ritualismo próprio e iniciático, pois para esse ofício é passado para familiares através dos ensinamentos orais e práticos, onde a sucessora, é escolhida e começam a realizar a prática após o falecimento ou a falta de atividade por algum motivo, a benzedeira principal; que a integração da benzedeira, o benzimento e o benzido são devidamente integrados.

Para Alves (2017), a importância do ritual é elevado ao grande compromisso que a benzedeira tem em sua missão em curar àqueles que a procuram:

(...) Tal compromisso é tomado como uma missão que carregam consigo. O que torna quase impossível que exerçam outra atividade, pois doam-se totalmente aos afazeres ligados à benção de tal modo que o seu viver é fazer-se tornarem-se parte do que ela é, ao mesmo tempo a identifica e é identificada pelo que faz. (Alves, 2017, p.108).

Sobre a função real dos símbolos, uma vez que seus estudos são amplos e não se restringem apenas ao campo religioso, mas, que tem neles uma forma bastante forte em se apresentar com suas funções ou seja: naturais e culturais, Jung, (2016), os conceitua da seguinte forma:

Quando um psicanalista se interessa por símbolos, ocupa-se, em primeiro lugar, dos símbolos naturais, distintos dos símbolos culturais. Os primeiros são derivados dos conteúdos inconsciente da psique e, portanto, representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. Em alguns casos pode-se chegar às suas origens arcaicas – isto ideias e imagens que vamos encontrar nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Os símbolos culturais, por outro lado, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões. Esses símbolos culturais guardam, no entanto, muito de sua numinosidade ou “magia” original. Sabe-se que podem evocar reações emotivas profundas em algumas pessoas, e esta carga psíquica os faz funcionar um pouco como os preconceitos (...). (Jung, 2016, p.117)

Além das funções que são expostas à luz do entendimento da psicanálise, Jung (2016), também classifica alguns símbolos dentro da trajetória humana e que têm relevante participação junto ao indivíduo uma vez que suas influências também influenciam ao homem e constituem com grande carga de finalidades. Um símbolo não surge do acaso e nem é criado para apenas enfeitar algum tipo de faixa de alguma placa religiosa ou de algum outdoor, ele tem um propósito psicológico que atinge também à espiritualidade da pessoa e que provocam o pensar para sua decifração no campo intimista, pois, há provocação de mudança interior

suscitando-lhe a libertação da imaturidade, os “símbolos de transcendência” :

“ Os símbolos que influenciam o homem têm várias finalidades. Alguns homens precisam ser provocados, e a experiência de sua iniciação acontece com a violência de um “rito de trovão” dionisíaco.

(...) Existe no entanto, um outro tipo de simbolismo que faz parte das tradições sagradas mais antigas e que está também ligado aos períodos de transição da vida humana. Esses símbolos não buscam integrar o iniciado em qualquer doutrina religiosa ou em uma forma temporal de consciência coletiva. Ao contrário, relaciona-se com a necessidade de que o homem tem de se libertar de qualquer estado de imaturidade demasiadamente rígido ou categórico. Em outras palavras, esses símbolos dizem respeito à libertação do homem- ou à sua transcendência- de qualquer forma de vida restritiva, no curso da sua progressão para um estágio superior ou mais amadurecido da sua evolução” (Jung, 2016, p.195)

A importância dos símbolos jamais fica perdida no contexto histórico da humanidade. E dentro da história da antiguidade, eles também estão presentes, influenciando e servindo como fonte que se insere na pessoa desde sua infância até sua tenra idade. Não tem separação do homem e seus símbolos internos e dos símbolos que amealham sua existência histórica, cultural, social e psicológica. Sobre determinado aspecto da eternidade dos símbolos, Jung (2016):

A história antiga do homem está sendo redescoberta de maneira significativa por meio dos mitos e das imagens simbólicas que lhe sobreviveram. À medida que os arqueólogos pesquisam mais profundamente o passado, vamos atribuindo menos valor aos acontecimentos históricos do que a estátuas, desenhos, templos e línguas que nos contam velhas crenças. Outros símbolos também nos têm sido revelados pelos filósofos e historiadores religiosos, que traduzem essas crenças em conceitos modernos inteligíveis que, por sua vez, adquirem vida graças aos antropólogos. Esses últimos nos mostram que as mesmas formas simbólicas podem ser encontradas, sem sofrer qualquer mudança, nos ritos ou nos mitos de pequenas sociedades tribais ainda existentes nas fronteiras da nossa civilização. (Jung, 2016, p.136).

A necessidade de manutenção em muitos casos e a recriação dos símbolos eternos, passa justamente pelo crivo de que o homem se identifica com eles e com a mensagem que lhe é transmitida para assegurar algo que lhe completa ou verdadeiramente lhe atribui o significado de preenchimento de algum vazio interno ou externo. Ainda sobre os símbolos eternos, Jung, (2016), expressa que :

Quanto mais detalhamento se estuda a história do simbolismo e do seu papel na vida das diferentes culturas, mais nos damos conta de que há também um sentido de recriação nesses símbolos.

Alguns símbolos relacionam-se com a infância e a transição para a adolescência, outros com a maturidade e outros ainda com a experiência da velhice, quando o homem está se preparando para sua morte inevitável. Esse elo crucial entre os

mitos arcaicos ou primitivos e os símbolos produzidos pelo inconsciente é de enorme valor prático para o analista. Permite-lhe identificar e interpretar esses símbolos em um contexto que lhes confere tanto uma perspectiva histórica quanto um sentido psicológico. (Jung, 2016, p.140).

Quando se aproxima do campo religioso popular, e como exemplo, cita-se as benzedadeiras, benzedores, ou outros do gênero, rituais e símbolos são correspondentes, uma vez que a atuação desse ofício pode ser diante de algum altar: da casa, de uma igreja ou até mesmo em um espaço aberto na natureza. Nesse ofício, professam sua fé, seja em qualquer religião ou se abstêm afirmando acreditarem um ser divino e curador. Mesmo com a descrença de setores de comunicação midiática ou religiosos denominacionais, os rituais, os altares, os símbolos, as rezas resistem ao preconceito e a falta de conhecimento. Meneses(2008), diz que:

Os rituais de cura divina, considerados como premissa fundamental no interior do campo religioso brasileiro, praticados por todas as religiosidades, têm sido bastante diminuídos e descaracterizados pela mídia e pelo senso comum. Por que consideramos esses rituais como premissa fundamental no interior do campo religioso brasileiro? Nós assim o consideramos porque católicos, sejam os tradicionais, os populares ou os carismáticos, desenvolvem e sempre desenvolveram esses rituais nos seus cultos por meio das rezas, das novenas e das procissões; por que os protestantes, independentemente de serem tradicionais ou pentecostais, nunca abdicam de solicitar ao divino as bênçãos para os seus problemas de saúde, porque os espíritas, apesar da postura cientificista, também desenvolvem ações nesse sentido quando realizam encontros destinados aos rituais de cura nos seus espaços reservados para o serviço religioso; porque as religiosidades afro-brasileiras exercitam esse fenômeno, transformando as suas casas em centro de atendimento terapêutico para os diversos tipos de doenças; e porque outras tantas religiosidade (orientais, esotéricas etc.) também concebem esses comportamentos. (Meneses, 2008, p.197)

As práticas ritualísticas em muitas religiões e filosofias iniciáticas, são comuns e seus atos cerimonialísticos se destacam entre os seus participantes como ações sagradas de fé prática, não cabe a quem não as conhece discriminar, preconceituar, expor em canais de comunicação como sendo momentos sem vínculos com a espiritualidade e com efeitos espirituais em todos os participantes.

CAPÍTULO 2 A benzedeira e seu ofício de benzeção

A benzedeira e a benzeção fazem parte de uma construção de melhoria social que resulta em autoestima, cura, restabelecimento de ânimo para quem busca seus préstimos, o atendimento gratuito, o acolhimento, a audiência sobre o problema, faz parte do caminho curativo e do engrandecimento da cidadania. Sua prática realizada em um ambiente propício resulta em vibração de energia. Camargo (2015, p.20), diz que rituais com ervas, banhos, defumações nos benzimentos, o mais comum é percebermos a vibração no campo mental e emocional. Algumas pessoas com mais sensibilidade, mais perceptível ao campo físico sentem frio na barriga, um arrepio, precedido por um sentimento de plenitude ao trabalhar com essas energias.

A evidência desse aspecto tem despertado inúmeros setores da sociedade, muito embora ainda haja uma enorme resistência e preconceito quando se trata do assunto em que a prática do benzimento é salutar à saúde e que não deve estar separada do tratamento formal, ambulatorial. No benzimento existe a suposta sensação de paz, reequilíbrio e cura quando os ramos são manipulados. Tem no corpo humano supostamente uma energia sutil, transmissor de energia, que se deve ser estudada por setores cientificistas desprovidos dos dogmas negativistas da ciência para com as manifestações da fé popular. Em matéria intitulada: “Benzedeiras atraem pessoas de diversas religiões em busca de paz espiritual, do jornal Correio Brasiliense, Deise Lopes (2018)²⁵, fala sobre a sensação de troca de energia:

Esse tipo de sensação é considerado comum. Ela associa o trabalho em que se obtém respostas positivas do corpo à troca de energia entre os seres humanos e as plantas. O benzimento parte do pressuposto de que todo ser vivo tem um campo eletromagnético. Isso vem de estudos da medicina tradicional e é recorrente em várias culturas. Uma hipótese para o funcionamento do benzimento é a interação entre o campo das plantas e o nosso. Ele afirma também que, além disso, há o efeito dos dizeres sobre cada pessoa que é beneficiada pelo trabalho. Como o benzimento geralmente está associada à oração, há muitos estudos sobre o efeito dela. A forma que fizemos o benzimento no Brasil vem principalmente das raízes afro-indígenas; completa.” (Deise Lopes, Correio Brasiliense, 2018, jornal)

Faz-se importante analisar os aspectos simbólicos dos altares das benzedeiras contextualizando-os sob a luz das ciências da religião e dos estudos da psicologia, da

²⁵ Deise Lopez, Benzedeiras atraem pessoas de diversas religiões em busca de paz espiritual, 29/04/2018, Correio Brasiliense.

comunicação identificando os principais teóricos que elucidam a importância dos símbolos e do simbólico na sociedade.

Diante desse aspecto, conhecer, descobrir as localidades onde elas moram, sabe-se, no entanto, que, onde elas residem existe um grande significado interação com a comunidade e caracterizá-las para melhor relacionamento histórico e cultural. Relatar o ambiente onde seus atendimentos ocorrem, fotografando os Altares Sagrados, os locais onde ocorre a benzeção, sendo autorizado assistir a prática da benzeção em uma pessoa, e posteriormente analisar a luz de referências das ciências da religião e da psicologia.

Sabe-se que em qualquer local onde uma pessoa convive, mesmo que seja de passagem, está repleto de sinais, símbolos que exercem influência naquele local ou até mesmo nas pessoas que ali estão. Em detrimento a esse detalhe, necessário se faz refletir sobre tais símbolos que estão nas religiões, ordens filosóficas, nas propagandas mercadológicas que têm uma aliada de grande influência; a mensagem subliminar. O símbolo está em qualquer lugar, e não muito diferente ele exerce na pessoa uma certa influência em conjunto com o local onde ela está e que lhe traz algum resultado. Para C.G. Jung (2016), o símbolo é de uma relevância enorme na vida cotidiana:

O que chamamos de símbolos é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais, além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. [...] Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (Jung,p. 18, 2016).

2.1-A linguagem da benzedeira.

A linguagem da benzedeira é pronunciada em vocabulário simples, e sua tradição oral transmite fé e práticas materializadas pela voz. Trata-se de uma linguagem onde o indivíduo pode entender o que lhe é informado e as orações pronunciadas tem objetivo de cura. Há coerência e coesão nas palavras e seu diálogo tem sentido. A oração dentro do contexto linguístico, ou seja, a comunicação falada, tem uma relação de intercâmbio para quem a procura, para Backtin, (2006), há uma correlação de um pensamento com outros pensamentos que resultam em uma frase completa:

A oração é um pensamento relativamente acabado, imediatamente correlacionado com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto de seu enunciado; ao término da oração, o falante pausa para passar em seguida ao seu pensamento subsequente, que dá continuidade completa e fundamenta o primeiro. O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão somente através de todos o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto. (Bakhtin, 2006, p. 277).

Eis então, o tamanho de envolvimento que a benzedeira tem em vivenciar e trabalhar todo um ambiente que é essencialmente simples, porém com significados diversos, dentro de uma contextualização de sagrado e profano, a pessoa que a procura, entra em contato direto com o ambiente e a linguagem empreendida pela benzedeira, que pode até ser para ela conhecido, mas que se torna bastante expressivo em sua mente no momento ritualístico. Émile Durkheim, (1996), reflete sobre as coisas reais, ideais que o homem acaba dividindo para bem melhor entender o mundo a sua volta:

Todas crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum, supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um, tudo que é sagrado, outro tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas. (Émile Durkheim, 1996, p.19)

2.2- A influência dos simbolismos no benzimento

Esse contato que a pessoa tem para com o local de vida da benzedeira, pelo visto, é uma verdadeira exemplificação prática do simbolismo influenciador, a pessoa que busca pelo seu dom para receber a cura, projeta estar diante de alguém que manipulará elementos que a levará para seu objetivo, porém, acreditando na força suprema de algum um ser superior, que pode ser chamada de Deus, Paul Tillich (1985), nos diz que:

(...) Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. (...) O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Esse símbolo está presente em todo ato de crer, mesmo quando esse ato de crer inclui negação de Deus. Onde realmente existe o estar possuído pelo

incondicional, Deus só pode ser negado em nome de Deus. (Paul Tilich, 1985. p 30-33)

Mesmo aquelas que buscam o ambiente das benzedadeiras e que têm certa preocupação em ser esse dom de cura verdadeiro ou não, que lhe paira dúvidas sobre a cura de sua enfermidade por acharem que esse seria o “último recurso” para ser curado, até por certo preconceito que a determinados seguimentos religiosos massificam pelos canais midiáticos, mas, o sagrado e o simbólico convivem nesse ambiente e se complementam para melhores resultados na empregabilidade do ritual, Eliade, (1992) , diz que o homem conhece o sagrado:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. (...) O homem ocidental experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é difícil para ele aceitar que, certos seres humanos, o sagrado possa se manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. (...) não se trata de veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não são pedras, nem árvores, mas, o sagrado, o ganz andere. (Eliade, 1992, p 13).

Diante de toda essa expressiva exposição da correlação e intercâmbio entre as benzedadeiras e o mundo sagrado e profano, as simbologias que estão à sua volta e que são empregadas durante a prática do benzimento, e, sobretudo que influencia diretamente à pessoa que a procura para a cura de qualquer mal que a atinge em seu mundo psicológico, espiritual ou material, que essa pesquisa surge para o mundo científico no intuito de elucidar alguns pontos que devem ser de relevante importância para a luz do cientificismo, o objetivo não se encerra em um único caminho, abre espaços para novos horizontes que no futuro se descortinará.

2.3 O sagrado feminino das mãos das benzedadeiras

Do altar simbólico das benzedadeiras aflui a presença marcante das mãos que trabalham o bem-estar de todos que a procuram para o equilíbrio dos sentimentos e o restabelecimento da cura. O indivíduo moderno em muitos momentos não dialoga. Hillman, (1984), entretanto fomos educados para negar as nossas necessidades. Da relação do sagrado feminino das mãos das benzedadeiras nasce a esperança da cura e do equilíbrio de atitudes, pensamentos de quem a procura: amofinamento, mau-olhado, espinhela caída, quebranto, doença do ar, do sol, fogo corredor, incêndio, corpo aberto, inveja, falta de sono ou sono demais, são doenças dentre tantas

que são curadas na pessoa que se encontra acometida. Utilizando ferramentas simples; orações, galhos de ervas, vela, tesoura, água, dentre outras, elas buscam ouvir o que a pessoa tem a dizer, e o entendimento da situação de quem a procura para melhor benzer e aconselhar. Hilman, (1984), é provável que conversar enquanto arte, dependa inicialmente de ouvir.

Nesse sentido, ouvir se faz necessário, há momentos em que o indivíduo quer ser ouvido por alguém, uma vez que outros setores falharam por se apresentarem vendedores de saúde e equilíbrio, mas para isso ofertam óleos, correntes, rituais dogmáticos, dízzimos, lenços, água mineral em troca de valores pecuniários. Hilman, (1984), assevera sobre as mãos e o ouvir:

É preciso desenvolver uma consciência receptiva através do ouvido, assim como uma consciência ativa pode se desenvolver por meio das mãos. O ouvido não pode ir a lugar nenhum, não pode fazer nada, nem magoar ninguém. Recebemos do outro como se fosse música, ouvindo o ritmo e a cadência de sua história, suas repetições temáticas e desarmonias. Nessa atitude nos transformamos em mitólogos da psique, ou seja, em estudiosos das narrativas da alma, pois mitologia, originalmente, significa narração de histórias. Se a alma é uma corda que vibra, somente o ouvido poderá revelá-lo. O ouvido é a parte feminina da cabeça. É a consciência oferecendo a máxima atenção com o mínimo de intenção. Recebemos o outro através do ouvido, através de nossa parte feminina, concebendo e gestando uma solução nova para o seu problema somente depois de termos sido totalmente penetrados por ele e sentido o seu impacto, deixando-o definir-se em silêncio (Hilman, 1984,p.18).

Sabe-se que na comunidade existem pessoas que nasceram com o dom de benzer, mas ainda não se apresentaram para a missão, existem também os benzedores, curandeiros, curadores, que apesar de em poucos números continuam a ajudar quem precisa. A concepção não é discutir a questão de gênero. Para Capossa (2004):

A profissão de curar é basicamente do domínio das mulheres, há todo um conjunto de sabedoria que se transmite de mãe para a filha. Em cada povoado há também mais sábias que transmitem alguns segredos. Por isso, tantas vezes na história os homens tiveram medo da capacidade das mulheres em matéria de saúde, vida ou de morte. Deve ser talvez por essa sua capacidade de saber lidar com a vida e com a morte que a história testemunha o trato bárbaro feito às mulheres: eram vistas “como bruxas e a caça às bruxas durou séculos, pois os homens, vendo a maneira com que as mulheres sabiam usar os poderes, tanto dos remédios como as forças sobrenaturais sempre temeram que usassem esses conhecimentos para matá-los. (Capossa, 2004,p.78).

Sob o olhar dos símbolos dos altares e com ênfase nas palavras no momento da oração, as benzedoras realizam seus rituais invocando as suas respectivas divindades, e pela experiência adquirida pelos anos de ofício e videnciam qual a enfermidade que o indivíduo apresenta, até mesmo aquelas que ele mesmo não sabe que tem. Assim se expressa, Capossa,

(2004):

O humano de olhar penetrante nem sempre precisa entrar em transe para diagnosticar a causa da doença e seu causador e do que é necessário para a cura. Serve-se de iluminação interior e profunda que tem. Talvez seja por isso que alguns, em África, na tentativa de esboçar uma cristologia africana, aproveitam essa imagem para se referir a Jesus, o Homem de olhar penetrante ou simplesmente curandeiro, que tem gestos e palavras que geram vida abundante na medida em que restabelece a harmonia quebrada entre corpo, o sopro, a sombra, o coração, a mente (Capossa, 2004,p.76).

Em uma das narrativas, umas das benzedadeiras visitadas para ser fotografado o altar, afirmou que certa vez recebeu uma visita de um indivíduo que queria ser curado do alcoolismo, que ele estava muito abatido e triste, não acreditava nem em si e nem na divindade. Figueiredo, (2021, p.119), o sofrimento e a tristeza desarmonizam a relação entre o indivíduo e o universo. A sua energia diminui e ele se desconecta da natureza.

Durante o intenso tratamento com horário marcado, ela informava a pessoa que existem grupos nas comunidades de alcoólicos anônimos que ele poderia frequentar que o auxiliaria ainda mais na busca pela cura. Afirmou que o sagrado se manifesta em todos os lugares e que existem passos de firmeza para continuar sem beber e citou o décimo primeiro passo do livro azul, que é um livro da irmandade do Alcoólicos Anônimos. Acrescentou que esses passos servem também para outros males que envolvem vícios, que afetam a qualquer pessoa. Esse diálogo se mostrou interrelacional, pois, segundo ela, qualquer local onde alguém possa melhorar a saúde e equilibrar as emoções, ela é a primeira a indicar. Itamar, (2020, p.49) define que: em relação ao sagrado, manifesta-se sempre com uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais, é algo transcendente a nossa existência terrena. Os 12 passos que servem de diretrizes na irmandade AA, assim é definido: Livro Azul²⁶:

1.Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que as nossas vidas se tinham tornado ingovernáveis. 2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos nos poderia restituir a sanidade. 3. Decidimos entregar a nossa vontade e a nossa vida aos cuidados de Deus, como O concebíamos. 4. Fizemos, sem medo, um minucioso inventário moral de nós mesmos. 5. Admitimos perante Deus, perante nós próprios e perante outro ser humano a natureza exata dos nossos erros. 6. Dispusemo-nos inteiramente a aceitar que Deus nos libertasse de todos estes defeitos de caráter. 7. Humildemente Lhe pedimos que nos livrasse das nossas imperfeições. 8. Fizemos uma lista de todas as pessoas a quem tínhamos causado danos e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas. 9. Fizemos reparações diretas a tais pessoas sempre que

²⁶ AA, Alcoolicos Anônimos, Livro Azul, começou a ser inscrito em 1938 e terminou em 19/04/ 1939, por Bill e Bob. É o livro que serve de texto básico e contar as histórias e experiências dos primeiros tempos de irmandade. Nele há os 12 passos a serem seguidos.

possível, excepto quando fazê-lo implicasse prejudicá-las ou a outras. 10. Continuemos a fazer o inventário pessoal e quando estávamos errados admitíamos imediatamente. 11. Procuramos através da oração e da meditação melhorar o nosso contato consciente com Deus, como O concebíamos, pedindo apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós e a força para a realizar. 12. Tendo tido um despertar espiritual como resultado destes passos, procurámos levar esta mensagem a outros alcoólicos e praticar estes princípios em todos os aspectos da nossa vida (AA,1994, p 4).

Diante do exposto, com o surgimento da enfermidade seja ela qual for, indivíduo ao procurar e recorrer às benzedeiras, mesmo se estiver sendo acompanhado por algum profissional da medicina quer retornar ao seu estado de saúde. A benzeadeira representa simbolicamente uma mulher fora dos padrões estabelecidos nas religiões, ele a vê como a pessoa que lhe auxiliará a equilibra sua fé e alcançar a saúde, buscando saber as repostas de estar acometido pela enfermidade, e possivelmente tem em si, que encontrou o caminho certo. Ele acredita que a benzeadeira é um elo com a divindade. Capossa, (2004), aponta:

A doença é uma das preocupações de todos os povos e culturas. Constitui sempre uma ameaça, um atentado à integridade da vida. Ela pode causar o sofrimento e posteriormente a morte, ou seja, a diminuição parcial ou total da força vital. O processo de cura começa exatamente com a busca das causas. É importante conhecer as causas. Mesmo se a priori a causa parece óbvia, como mordedura de cobra venenosa, ferimento de machado (Capossa, 2004, p.75)

As benzedeiras diante do altar de cura têm sua atenção voltada para ouvir o indivíduo, rezar por ele, utilizar algum elemento da natureza para curá-lo e acolhê-lo. O benzimento não é um ato mecânico, ele é envolvido em uma mística de fé, é uma ligação entre quem está atendendo, quem está sendo atendido e a divindade. Inclusive quando a coletividade também participa. Nesse momento algumas declarações são feitas e revelações são realizadas. Sobre revelações Barros, (2022), cita que:

Revelações se referem às mensagens advindas do plano sagrado, caracterizam-se por imagens, vozes, sons, submetidas às pessoas escolhidas para exercer a espiritualidade no espaço terreno, de forma a contribuir para a harmonia comunal. (...) Com as instruções e assessoramento espiritual, a ação da benzeadeira paira sobre a coletividade e o estreitamento da comunicação ativa com os “guias/espírito de luz” a faz se sentir privilegiada em sua missão de semear e praticar a caridade, pela prática da cura por meio do benzimento. Abastecer-se dessas fontes resulta-lhe em novas experiências, as quais promovem a si mesma a aos membros de seu grupo social (Barros, 2022, p.90)

O atendimento da benzeadeira de forma acolhedora em todos os seus sentidos ritualísticos, traz bem-estar para todos que estejam presentes. Sob o atendimento, o altar

carrega-se de intensa energia emanada pelas fontes sagradas, que se potencializa por intermédio da benzedeira, responsável por transportar as irradiações divina, por meio da prática religiosa de cura, e por partilhá-las com os que a procuram para o benzimento, Barros, (2022 p 59).

Os rituais de cura são momentos sagrados. Os valores sagrados do dom das benzedeiras e sua participação na comunidade, inclusive, em muitos casos, auxiliando ao sistema de saúde, mostra que não existe contradição em atender qualquer pessoa de qualquer profissão, religião, cor ou sexo seja diante do altar ou fora dele. Nesse contexto, seus altares se estendem além da residência onde estão instalados. O sagrado feminino das mãos das benzedeiras mobiliza a praticidade do indivíduo a renascer com novo ânimo e fortalecido na fé. Jung, (2015):

(...) Estados de doença corporal também podem ser curados através de cerimônias de renascimento.

Outra forma ainda é uma mutação propriamente dita, ou seja, o renascimento total do indivíduo. Nesse caso, a renovação implica mudança da essência, que podemos chamar de transmutação. Trata-se da transformação do ser mortal em um ser imortal, do ser corporal no ser espiritual, do ser humano num ser divino. (Jung, 2015, p. 330).

Diante do procedimento da benção, as mãos estão sempre em movimento. O rito de cura começa com o gesto de impor as mãos sobre a cabeça do doente, enquanto o próprio portador do dom de cura pronuncia algumas palavras, Galvan, (2005, p. 117). A voz emite sons de orações ou canto, os ramos de ervas estão sendo manipulados, em alguns casos, velas acesas, o altar poderá ter vários símbolos, santos e sincretizados, ou pode ser um altar ao ar livre. No rito da cura sempre, ocorrerá, o gesto de impor as mãos sobre a cabeça do indivíduo, enquanto ele se concentra, e realizar uma prece, e em petição e conexão, solicita a cura de qualquer problema que o aflinge. A imposição das mãos e preces da benzedeira serve como elo, entre e quem está sendo rezado deve ter fé. Menezes, (2020), sobre a imposição das mãos:

A imposição das mãos é uma prática encontrada em todo o mundo sob as mais diversas conotações, mas sempre com a intensão de transmitir algo para aquele que recebe, essencialmente uma cura ou uma benção e, na maioria das vezes, tem ligação com atos religiosos. É uma prática extremamente antiga (pré-histórica) e ainda comum nos dias de hoje. (Menezes, 2020, p.41).

Esse ritual realizado pelo sagrado feminino das mãos das benzedeiras que se torna uma liderança na comunidade onde atua, também se torna uma aconselhadora quando instrui ao indivíduo quanto à doença que ele adquiriu e como ele deve proceder para melhorar, uma vez que essa parte desconhecida para ele, é conhecida por ela, e cabe também a ele modificar uma

parte de sua vida, desde os sentimentos aos pensamentos. Jironet, (2012), escreve sobre o equilíbrio sentimentos e pensamentos:

Sentimentos e pensamentos estão intimamente interligados; não podemos pensar sem também atribuir o valor de um sentimento ao pensamento. O mesmo se aplica aos sentimentos; não existem nenhum sentimento que não inspire uma forma de pensamento. Para entender como essa dualidade controla nosso comportamento e atitude mental precisamos refletir, esmiuçar e diferenciar: dizer que uma coisa é isto e a outra é aquilo, que é proveniente disto e daquilo, e que sou motivada por isto ou aquilo. (Jironet, 2012. p 23)

Nesse sentido, as benzedeiras equilibram e curam o esgotamento nervoso e físico, a falta de fé do indivíduo, a enfermidade, quando esse também colabora com o tratamento. Elas são as colaboradoras, e requer a ele seguir o que lhe é orientado, pois ao procurar ajuda demonstra que sozinho e sem conhecimento não conseguirá melhorar e mudar de situação. Jironet, (2012, p.131), expressa: a razão é que o stress interior requer colapso do que foi uma renovação da vida, mas a pessoa que está sofrendo de esgotamento não tem acesso à energia necessária para realizar essa transição.

Alguns podem tratar como missão ou vocação, sacerdócio, e outros como sina, mas o dom de benzer sagrado, que ocorre pelo chamado e que tem profundo entendimento somente por aquelas pessoas que ensinam para às escolhidas da família, tem seus mistérios pautados na espiritualidade. O sentido identitário das benzedeiras é notório, e elas mesmas não negam sua participação comunitária, mesmo estando de uma comunidade repleta de pluralismo religioso. São oriundas, em muitas situações. Barros, (2022), emprega que:

Por essa ótica forja-se no contato com outros grupos sociais, entretanto, mantém sua individualidade e singularidade, componentes ímpares para o enraizamento, isto é, há uma cultura na qual se origina o sujeito, assentando-se nela distintas visões de mundo que vão tecendo o ser no emaranhado histórico.

Em relação às pessoas que sofreram mudanças em seus “espaços e lugar”, por meio da imigração forçada, no caso brasileiro, e da diáspora negra, convertendo seres humanos em escravos, essa população encontrou na memória suporte elementar para cunhar e criar a identidade afro-brasileira.

(...) O culto às divindades ancestrais perpassa toda atuação empreendida pela benzeira no espaço coletivo. (Barros, 2022 p. 41);

A fé e a confiança não dois fatores primordiais para que o benzimento tenha eficácia contra muitos tipos de doenças, com ele a cura acontece naturalmente, trazendo-lhe a restauração da saúde. Um exemplo dado por Martins, (2019):

(...) E o benzimento é o processo benfeitor que expurga ou dissolve essa carga fluídica

gerada pelo “mau-olhado” sobre a criança, ou sua atuação enfermiza sobre seres e coisas. O benzedor do quebranto também bombardeia e desintegra a massa de fluidos perniciosos estagnada sobre a criança ou seres afetados desse mal, desimpedindo-lhes a circulação éterica. Embora os sentidos físicos do homem não possam registrar objetivamente o processo terapêutico de eliminação do quebranto, a criança logo se recupera. (Martins, 2019, p.8)

No benzimento não há nada de inexplicável, incompreensível ou secreto, nele há a confiabilidade nas divindades para a cura de doenças e manter os pensamentos positivos para melhorar de saúde, Martins, (2019):

Nada existe de misterioso nessa técnica terapêutica, pois o seu sucesso deve-se ao fato de o benzedor ou passista projetar sobre o doente o seu magnetismo hiper-dinamizado pela sua vontade e vigor espiritual.

Em verdade, desde os tempos imemoriais existem criaturas que benziam e curavam eczemas, impinges, cobreiros, feridas malignas, manchas, verrugas, cravos e nódulos estranhos que afetam o corpo humano. Outras sabiam eliminar bicheiras, as doenças do pelo do animal e também o “quebranto” produzido pelas pessoas de “mau-olhado”, cujos fluidos ruins afetavam as crianças, os vegetais e as aves (Martins, 2019,p.9).

Portanto, quando se escreve sobre o sagrado feminino das mãos das benzedeiras, frise-se, que existem benzedores, e suas mãos são sagradas, também. É sobre esse altar e mãos tão sublimes de conhecimentos que perpassa com muita fé a mudança de estado de saúde do indivíduo, as mãos que rezam em forma de cruz, que curam com gestos e acolhimento. Conforme Itamar, (2020):

No que tange à gesticulação das mãos das benzedeiras em forma de cruz, pode indicar, ainda, a constituição de um “cosmo harmônico”; no qual linhas de direções opostas se cruzam, criando-se ao mesmo tempo centralidade e marginalidade, composição e dissociação. Assim, o movimento de “cruzar”, no ritual, remete ao sentido de medida e equilíbrio. O que é compreensível, já que todo ritual de benzedura é marcado por essa busca de um equilíbrio perdido pela ocasião da doença.

Sendo assim, o centro da cruz marca o ponto da mais perfeita harmonia, onde tudo se recria e se regenera. Logo, a benzedura vida essa “centralidade”, cujas “forças espirituais” caracterizadas pela polarização energia positiva/energia negativava/ se equilibram marcando um processo de restabelecimento de um estado de saúde, perdido pelo sintoma da doença. (Itamar, 2020, p. 101)

As mãos abençoam, apontam elementos para o benzimento, gesticulam, abraçam, acolhem e buscam curar o indivíduo que a procurou. Um dos fatores do benzimento, é acolher a pessoa doente, saber entender e ser entendido, e bezer, parte ritual e mística que fortalece a fé e que resulta na melhora da saúde e busca a cura interna e externa do indivíduo.

3. Benzeção: seus símbolos e altares

Os altares das benzedeiras, são os locais onde elas atuam com seu ofício e dom, os elementos que elas empregam e utilizam nos benzimentos, influenciam nas curas por exercerem poder místico sobre a pessoa que está sendo benzida. São símbolos que trazem enormes resultados salutareos aos que estão envolvidos com o ritual do benzimento. Todos esses itens, fazem do ofício de benzer uma característica terapêutica que é usufruída por aquele que benze e aquele que é benzido. Para isso, as rezadeiras fazem uso de orações e de elementos visíveis, como a água, ramos e óleo (Quintana,1999,p.12).

Considerando todos os ritos e símbolos presentes na prática da benzeção, empenha-se a observar sobre os ambientes de atuação das benzedeiras, fotografando e estudando os altares instalados e ver que cada componente neles contidos, têm enorme significado visual e espiritual, até os locais onde não existem altares, influenciam simbolicamente nas pessoas, ressaltando-se também, que, em contribuição à prática; as orações ritmadas, os gestos, velas, ramos de ervas, vassoura, santos católicos ou das religiões de presença africana, espelho, garrafa transparente, água, a cruz de madeira, a bíblia, já em alguns locais adotam as quartinhas, o copo com água, o fumo, banhos prescritos, o diálogo com a pessoa, também fazem parte desse arcabouço simbólico para a cura. Alves (2016), afirma que :

O ritual de benzeção é considerado um “ritual de cuidado terapêutico”. De caráter religioso pelo qual o homem busca a cura de doenças físicas, mentais e/ou espirituais. Assim, como todo ritual a benzeção é composta entre outros aspectos por uma série de gestos e orações recitadas pela benzedeira, com o propósito de conduzir a terapêutica de cura, por meio de uma experiência com o sagrado. (Alves,2016,p.85)

Estudar o simbolismo dos altares das benzedeiras é importante, por que, durante a prática da benzeção ou benzimento, a pessoa tende a receber a influência do ambiente em que está frequentando. Esse local simbólico impressiona quem está recebendo o benzimento. Esse simbolismo do altar com seus componentes, ele tem relevante papel de estimular a representatividade do sagrado na cura através do ritual. Guilouski e Costa (2012), assevera que “ os rituais são compostos por uma série de ritos. Podem ser de caráter religioso ou não-religioso. O ritual religioso pode propiciar ao indivíduo adentrar na profundidade do seu sentimento e realizar a experiência do sagrado”.

Nesse caso, o estudo da simbologia presente nos altares nas benzedeira e no ritual da benzeção pode trazer relevantes contribuições para as Ciências da Religião e para a sociedade. Considerando a importância dos elementos simbólicos na sociedade em todas as épocas, assim também na era das mídias sociais os símbolos permanecem presentes da vida humana. Como afirma Jung (2016), o homem possui uma relação íntima com elementos simbólicos.

As benzedeadas têm seus componentes simbólicos em seus altares e elas servem de inspiração e em muitos casos devoção. O Altar Sagrado da benzedeira e os elementos por ela utilizados devem ser estudados, analisados e acompanhados de estudos científicos para se ter um embasamento de sua contribuição para com o equilíbrio da saúde e da obtenção da cura. No altar nada está por acaso, existe uma causa e conseqüentemente o efeito. Nele se situa uma imagem que traz certo impacto aos que estão no ambiente. O ser é dotado de passado, presente e futuro, e a imagem nela construída por fatos dela faz carregada de acontecimentos bons e ruins. Cavalcanti (2010), escreve sobre a memória e o tempo:

É a memória do passado que permite perceber o tempo. Para haver memória é preciso haver imagem. Memória e imaginação residem lado a lado na alma humana. Os acontecimentos passados são evocados pela memória através de uma atitude deliberada que põe em ação ou movimenta a própria mente humana. Um movimento retilíneo, diria Aristóteles. Nessa atitude, escolhe-se um ponto de partida que desencadeia associações “indicadas” pelo sujeito...(Cavalcanti,2010,p15).

Com efeito, a especificidade de registros fotográficos dos altares e do ambiente onde elas atuam, locais onde vivem, tem importância cultural. Através desses registros fotográficos necessários o estudo da simbologia, uma vez que são eles os componentes da ambiência da prática. Ressalta-se também, que mesmo àquelas que atendem em local aberto, na natureza, o ambiente ali instalado, também reflete sua utilidade para que o atendimento ocorra de forma plena resultando em cura. Nesse sentido, é relevante também refletir sobre determinados pontos que compõem a utilização do arcabouço das benzedeadas durante sua prática da benzeção: a gesticulação, comunicação, os elementos como terços, água, orações ritmizadas, porque são itens que fazem parte do sistema simbólico de seu ambiente de prática.

Os símbolos fazem parte da história humana, não há como contestar que, como tal, representam uma forma de expressão, de comunicação, poder místico e de conceitual interpretação. O símbolo causa impacto à mente humana, traz um intercâmbio externo quando se apresenta em sua forma original e provoca o interno quando o indivíduo é incitado a

interpretá-lo, entendê-lo conduzido pela razão ou pela emoção. Em assertiva, o indivíduo que o contempla como forma de identificá-lo, interpretá-lo e se tornar conhecedor de suas mensagens internas e externas, contempla-o fora e dentro de si, tornado esse estudo um caminho simbiótico entre o que é estudado e o estudioso, tamanha é a influência que seus diversos significados transcendentais se apresentam. Quando do tratado sobre os estudos das mandalas²⁷, que tem um vastíssimo campo símbolo, Jung (1994), instrui diretamente que esse instrumento simbólico tem associação de culto e de significativo valor religioso, eis uma das assertivas sobre símbolos:

(...) Em seu uso cultural, as mandalas são extremamente significativas pois seu centro contém em geral uma figura de supremo valor religioso: às vezes é o próprio Shiva, frequentemente abraçado à Shakti, ou então Buda, Amitaba, Avalokiteshvara, ou ainda um dos grandes mestres do Mahayana, ou simplesmente o "doije", símbolo de todos os poderes divinos, de natureza criativa ou destrutiva (...) (Jung, 1994, p.108).

Em seus diversos significados jamais deixou de expressar uma imagem para o individual ou para o coletivo. Desde a escrita e suas inúmeras formas de comunicação, a modernidade com o crescimento das mídias sociais, o computador, o alfabeto, os livros sagrados, as representações em esculturas, dos gestos que constituem um sistema simbólico de comunicação, pinturas nas cavernas, relação com a natureza, a arte que constitui uma cultura comunitária é uma comunicação de seus símbolos direta e indiretamente gravados, vividos e empregados como forma de mostrar, indicar, comunicar uma mensagem de relevante significado. Para Arantes (1990, p.35) sem perder de vista que a cultura é constituída de sistemas de símbolos que articulam significados, é a evidência de uma ideia com seus significados que têm importância para o entendimento da historicidade na contextualização cultural, histórica e religiosa.

As religiões particularmente os utilizam em variedade para seus fiéis e comunidade onde estão instaladas, a exemplos, também, em documentos oficiais que circulam nos órgãos públicos, onde até esses, também têm seus símbolos como forma de demonstrar que a administração pública tem uma forma unificada de ser identificada. Religião tem alguns significados interpretativos em diversos dicionários, no dicionário Michelis (2023), é:

i. Convicção da existência de um ser superior ou de forças sobrenaturais que

²⁷ Mandalas, palavra em sânscrito, significa círculo mágico com contração de energia.

controlam o destino do indivíduo, da natureza e da humanidade, a quem se deve obediência e submissão. Serviço ou culto a esse ser superior ou forças sobrenaturais que se realiza por meio de ritos, preces e observância do que se considera mandamentos divinos, geralmente expressos em escritos sagrados.

ii. Ato de professar ou praticar uma crença religiosa.

iii. Veneração às coisas sagradas; crença, devoção, fé. (In Dicio, online, 2023).

A palavra religião, notadamente, observa-se que o indivíduo busca ter experiência próxima ao seu sagrado, ao deus, deuses de sua concepção e fé. Essa intimidade o leva a elaborar meios de se relacionar com esse sagrado, seja pelo culto, contemplação, estudos, preces, rituais e ritualísticas.

3.1- QUADRO DE BENZEDORAS E BENZEDORES

NOME	IDADE	LOCAL	RELIGIÃO	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	BENZIMENTO
Benzedeira 1	84	Barra dos Coqueiros	Católica	Não alfabetizada	Dona de Casa	Qualquer ramo verde
Benzedeira 2	47	Barra dos Coqueiros	Candomblé Mãe de Santo	Nível Médio	Aux.enfermagem Costureira	Vela, água, ramos verdes
Benzedeira 3	75	Taiçoca-N.S.Socorro	Católica Kardecista	Nível Médio	Dona de casa	Ramos/Garrafa
Benzedeira 4	72	Rosa Elze-São Cristóvão	Umbandista Mãe de Santo	Pedagoga Pós Graduada	Aposentada	Mãos Reikiana
Benzedeira 5	60	Ribeirópolis	Católica	Não alfabetizada	Lavadora	Ramos verdes ou mãos
Benzedeira 6	72	Ribeirópolis	Católica	Não alfabetizada	Lavadora	Ramos verdes
Benzedeira 7	73	Ribeirópolis	Católica	Não alfabetizada	Lavadora Aposentada	Ramos verdes, mãos e a distância
Benzedeira 8	82	Aracaju	Católica	Nível Médio	Enfermeira Aposentada Mestre dos Saberes- UFS	Ramos verdes, Terço, estola
Benzedeira 9	52	São Cristóvão	Universalista	Nível Médio Mestra dos Saberes- UFS	Artesã	Ramos verdes
Benzedeira 10	46	Mussuca, Laranjeiras	Católica	Nível Médio	Téc. Construção Civil	Vassourinha, Ramos verdes
Benzedeira 11	61	Mussuca, Laranjeiras	Católica	Não informado	Não informado	Ramos verdes
Benzedeira 12	79	Ribeirópolis	Católica	Não alfabetizada	Lavadora Aposentada	Ramos verdes, água, mãos
Benzedor 13	71	Aracaju	Candomblé Pai de Santo	Não alfabetizado	Carpinteiro Aposentado	Ramos verdes, vela, vassoura, mãos e a distância
Benzedor 14	52	São Cristóvão-Bairro Marcelo Déda	Candomblé Pai de Santo	Nível Médio	Encarregado de Obras	Ramos verdes
Benzedor 15	56	Riachuelo	Candomblé Pai de Santo	Não alfabetizado	Pai de Santo	Ramos verdes

Benzedeira 1: 84 anos, teve 8 filhos. Morou em Salvador, Ilhéus, estudou pouco, e nesses locais escutava as benzedeiras rezando e com isso foi aprendendo, mas nunca ensinou a ninguém na família. Ela reza para todos os problemas: fogo selvagem (cobreiro), hemorragia (interna e externa), olhado, espinhela caída, dor nas costas, dor na cabeça, dor no corpo, febre, engasgo, incêndio, expressou também que a fé é quem cura algum mal existente na pessoa.

Ela utiliza as orações que vêm do coração, espontâneas, pensando em Deus, reza com qualquer folha ou ramo verde e não recebe nada em troca. As pessoas que vão até ela sempre retornam para agradecer a cura. Se considera católica, porém não praticante, seu santo de devoção é Deus, mas evoca nas preces N.S. Desterro, Nossa Senhora Paz, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Livramento, porém, não acredita em santo de barro ou imagem.

Ensina a fazer chás, banhos, que são complementares ao benzimento. Para a cura de doenças, as rezas devem ser feitas durante três dias. Ela diz que pode ser chamada de benzedeira, rezadeira, curandeira, para ela não há diferença. Acredita que sua reza cura todo tipo de doença, mas quando necessário, indica a medicina. Não acredita que a enfermidade da pessoa passa para a benzedeira e acredita que ser rezadeira é um dom.

Quanto às religiões de presença africana, ela crê ser coisa do demônio. Ela citou muito a bíblia, mas que a religião é chamar por Deus. Já foi batizada em igreja evangélica, mas que não vai para nenhuma denominação nem evangélica e nem católica.

Com a reza, ela disse saber abrandar trovões e acredita que raio, pedra de raio não são coisas divinas. Mesmo assim, na sua casa tem três pedras que segundo ela, caíram durante uma tempestade e vários raios.

O aspecto de seu altar é: ela atende na entrada de casa, é seu altar, virada de costas para a rua e a pessoa sentada em uma cadeira de plástico, segundo ela, as rezas são feitas na porta de casa com o objetivo da enfermidade sair pela porta e não retornar para a pessoa. Ao lado da cadeira, existem as três pedras que ela afirma que caíram do céu durante uma tempestade com raios e trovões. O ritual de benzimento é realizado do lado dessas três pedras.



Figura 7: Pedras da benzedeira 1 (Fonte do autor)



Figura 8: Cadeira de atendimento da benzedeira 1(Fonte do autor)

Benzedeira 2: 47 anos, Barra dos Coqueiros SE. Conhecida como Furandjei, que significa, a fúria da mulher que caça, é candomblecista, porém, vem de raiz umbandista, por isso que hoje é benzedeira, porque nasceu em uma família que reza e aprendeu a rezar mais na umbanda.

Informou que a água com copo virgem e um galho de alguma erva são fortes elementos para cura de doenças, além de ser forte auxiliar na vidência. Sua trajetória como benzedeira tem mais de 20 anos. Além do benzimento, ela indica banhos com ervas sagradas, ensina rezas e chás, que são complementares ao tratamento. Não adianta apenas a pessoa ser rezada, ela precisa participar do tratamento, inclusive mudando a forma de pensar, de agir, ou seja, uma mudança no seu comportamento.

Afirmou que benzer é dom raiz, pois, seus avós paternos rezavam nas pessoas. Em seu barracão, está realizando, sete segundas-feiras de rezas para a comunidade interna e externa, por ter percebido pela vidência, que existe a necessidade de rezar para descarregar as pessoas de más energias e influências negativas, trata-se de um processo de cura coletiva. E quando uma pessoa necessitada de benzimento a procura, a intuição lhe dirá quantos dias podem ser realizados os benzimentos, mas em regra são 3, 7 e/ou 21 dias, pois são números simbólicos de completude de energia.

Ela normalmente reza para curar: angústia, tristeza, depressão, mas antes tem que conversar com a pessoa, prescrever alguns itens como: tomar banho de mar, rezar enquanto tomar o banho, conversar, dialogar com a divindade da seguinte forma: *Deus Salve Água Sagrada, Eu Vim Te Visitar, Doença Eu Vim Trazer, E Saúde Eu Quero Levar*. Repetir isso por três vezes.

E novamente, ela afirma que não adianta apenas receber o benzimento se a pessoa não participar integralmente do seu tratamento. E durante o período de cura: evitar beber, usar roupas que expõe o corpo, mudar de hábitos, inclusive meio-dia não pode ficar sob o sol. Também faz parte do processo de cura os banhos de *abô*, que são ervas curtidas, ou seja, conservadas durante três ou mais dias, que servem para limpeza completa.

Enquanto ela reza, utilizar um amuleto de metal, pois esse item combate energia negativa, mesmo o ambiente do terreiro sendo ao benzimento, inclusive devido a seus variados itens simbólicos, numa forte representatividade da energia.

As benzedeiras têm o hábito de ser humilde, mas expressou que já sofreu racismo religioso, e que sua missão começou, desde 7 anos de idade.

Uma das regras do barracão, após o benzimento é que todas às 17h, a pessoa compareça, acenda uma vela, tome banho e não deve ficar na rua, nem realizar coisas ruins, maus

comportamentos. Sempre aconselha os filhos que não se deve deixar pegar nas guias, nem fazer sexo antes da reza. Utiliza para o benzimento, rezas, velas, ervas, pipoca, água, depende da indicação da intuição ancestral. Seu local de atendimento, é o próprio barracão, que contém atabaques.

O aspecto de seu altar: ela reza dentro do espaço do terreiro, barracão que contém atabaques, uma cadeira de madeira, uma espécie de trono, onde ela orienta seus filhos de santo; uma mesa de plástico coberta por um pano branco e sobre ela o jogo de búzios que a auxilia em algumas situações. Inclusive, caso alguém necessite de atendimento deitado, há também uma esteira. Segundo ela, o seu altar sagrado é todo o espaço físico do terreiro ou a casa do indivíduo que a solicitar.

Informou que o ano de 2024 é regido pelos orixás *Oxum*, *Obaluaiê* e *Exu*, e nesse sentido, é um ano de muitas mudanças repentinas e muitas mazelas.



Figura 9: Local de atendimento da benzedeira 2 (Fonte do autor)

Benzedeira 3: Taiçoca de Dentro em Nossa Senhora do Socorro-SE. Ela aprendeu observando sua bisatã, e depois com sua mãe. Ela indica chás, banhos para seus consulentes. Não toma remédio de farmácia, só toma chás. Tem como devoção Nossa Senhora de Conceição, que é a santa de energia e São Jorge é o santo da família.

Essa benzedeira faz culto do evangelho no lar e acredita em espíritos. É católica, mas, não frequenta a igreja e já foi discriminada por um padre.

Seus horários e dias de atendimentos estão estabelecidos em segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, das 8h às 11h e das 13:30h às 17h e depois das 17h só reza se for dor de cabeça, sol e sereno. Os tipos de doenças que ela cura: erisipela, cobreiro, espinhela caída, olhado, mofino (pessoa sem disposição), banho de descarrego com ervas específicas, e, após descarregar, os banhos de capim cidreira, elevante para recarregar com ótimas energias. Ela utiliza ervas para o benzimento, água e garrafa transparente, dependendo da enfermidade que deva ser curada.

Não acredita que a energia negativa dos outros passem para a benzedeira. E acredita que Deus é o poder e tem fé nos ancestrais. A oração de Nossa Senhora de Mont Serra, é um marco inicial de sua prática de benzimento: *quem ouvi e não aprender, quem souber e não ensinar, suas penas não passará*. Sua mãe, hoje falecida, dizia que quando morresse ela, na qualidade de filha, iria continuar a missão do benzimento.

Apesar de não ensinar benzimentos, porque as pessoas não se interessam, se dispõe a ensinar, mesmo se for para uma pessoa de fora da sua casa, que se interesse em aprender para ajudar ao próximo, pois o primeiro requisito para ser benzedeira é ter fé.

Existe também um benzimento que tira encosto (espírito que se encosta na pessoa) para causar desconforto e ela ensinou que para acabar com essa situação: acender três velas dedicadas a Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora Desterro e Nossa Senhora D'Ajuda para o desterro desse espírito errante e essas velas em número de três devem estar em forma de triângulo, devem ser acesas no fundo da casa em três segundas feiras seguidas. E enquanto estava explicando sobre os procedimentos, uma senhora, apareceu, chorando, pedindo auxílio do benzimento para sua filha de 6 anos que após uma gripe ficou com sintomas de espiritualidade perturbada. Assim, foi marcado o atendimento para o outro dia.

O aspecto do seu altar: ela atende na entrada de sua casa onde tem uma espada de São Jorge, do lado esquerdo, que segundo ela é a proteção da entrada da casa, contra energias ruins e quem chega com energia negativa a espada tira, descarrega para fora.

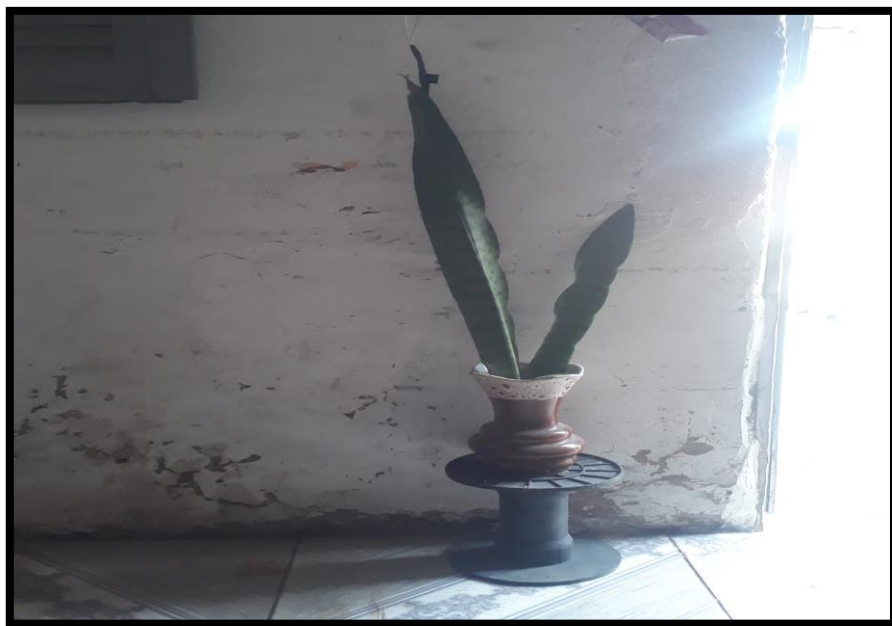


Figura 10: Espada de São Jorge (entrada da casa da benzedeira 3)
(Fonte do autor)



Figura 11: Atendimento da benzedeira 3 (Fonte do autor)

Benzedeira 4: 72 anos. Rosa Elze, São Cristovão-SE. Yndaiara, em tupi-guarani, significa filha das águas, recebeu esse título pela espiritualidade, professora aposentada, nível superior em pedagogia, habilitada como administradora escolar, umbandista, fitoterapeuta, *reikiana*, fez vários cursos umbandistas em São Paulo. Já fez parte do MOPS – Movimento Popular de Saúde, em Aracaju-SE.

Expressou que para ser benzedeira é preciso ter dom e aprendeu sozinha o benzimento e começou cedo quando curou uma amiga que estava com dor de cabeça, desde então iniciou sua caminhada em benzer as pessoas. É chamada de guerreira branca pelos índios Xocós.

É bastante atuante na caminhada do benzimento, inúmeras pessoas comparecem no terreiro, onde há muito sincretismo religioso e também a prática do estudo da mediunidade. Um procedimento comum antes dos benzimentos é defumar as pessoas (para afastar alguma energia inferior), ou utiliza a espada do Orixá *Ogum* que serve para cortar demandas, desobsessão). E para tal prática também utiliza o cachimbo com ervas defumadoras para baforar a pessoa. Bem como, o café que é feito em uma panelinha de barro em um fogareiro que serve para retirar energias negativas, a fogueira fica na estrada do espaço do terreiro, que é acesa para os rituais.

Ela diz que as forças dos irmãos, pretos velhos, caboclos sempre estão ao redor do benzimento para ajudar. Assim, receita chás e banhos para as pessoas, além de preparar os banhos, garrafadas. O benzimento das pessoas é realizado na entrada ou dentro do terreiro. Mas que é necessário colocar sempre um punhal na mesa como forma de proteção.

E para os benzimentos, normalmente, não utiliza galhos de ervas, somente usa as mãos. Porém, quando necessário utiliza ervas para os benzimentos, como por exemplo, espada de *Ogum*. Doenças que cura: obsessão, cobreiro (fogo selvagem), mau olhado, inveja, falta de ânimo, cansaço físico, mental e espiritual.

O aspecto do seu altar: disse que o altar é seu terreiro inteiro, que ora, benze os indivíduos na entrada ou dentro do espaço, após a fogueira. Inúmeras imagens de caboclos, pretos velhos, santos católicos, chapéus, cruzes, ervas, cachimbos, arco e flecha, cruzes, tabaco, fogueira, várias quadros com fotos de orixás fazem parte.



Figura 12:Terreiro de atendimento da benzedeira 4 -(Fonte do autor)



Figura 13: Altar 1 da benzedeira 4 -(Fonte do autor)



Figura 14: Altar 2 da benzedeira 4 - (Fonte do autor)

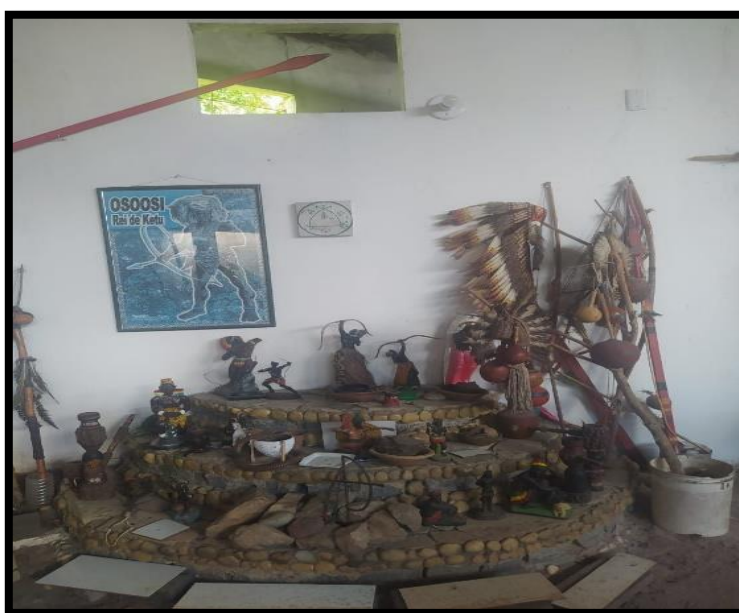


Figura 15: Altar 3 da benzedeira 4 - (Fonte do autor)

Benzedeira 5: Ribeirópolis-SE, lavradora, trabalhou na roça, católica, rezadeira e parteira, a família toda era rezadeira, três irmãs, mãe e avô. Com 16 anos começou a rezar e fazer parto. Inicialmente benzia os filhos e depois que divulgaram o seu dom, começou a rezar nas pessoas. Muito tímida e simples, reside em uma casa onde cria seus passarinhos.

Indica chás, mas não é regra, reza derrame, hepatite, vermelha todas três vezes, em três dias, mas quando se trata de olhado, espinhela caída, pontada, cólica, dor de cabeça, benze apenas uma vez. Utiliza qualquer tipo de erva, não gosta de macumbeiro, não ensinou para ninguém e nem tampouco permite que escrevam as rezar para alguém aprender. Nenhum dos filhos quis aprender a rezar. Tem um filho que sabe muita coisa para benzer, porém, não quer. Benzimento é dom. Acredita que para ser benzedeira, rezadeira ou rezador pode ser qualquer um, porém é preciso ter dom e muita fé em Deus. A mãe dela era rezadeira, qualquer coisa ela resolvia. Mas, ela, aprendeu sozinha, sem a mãe ensinar.

O galho de planta, que ela estava na mão, quando aconteceu a visita, era a vassourinha, porém se no lugar onde ela for benzer, não tiver plantas, ela reza com a mão, porque acredita que o importante são as palavras. As palavras têm poder. Ela reza em casa, mas, na maioria das vezes, as pessoas vão pegar para levá-la ao local. Já sofreu preconceito, uma pessoa disse que ela só reza em pessoas ricas, mas ela nunca cobrou e reza em pessoas humildes também.

O aspecto do seu altar: disse não ter altar, mas atende na entrada de casa, onde o indivíduo é convidado a sentar em qualquer cadeira, próxima cadeira, na estante, existem imagens de santos católicos e na parede, apesar de dizer que não ter afinidade com alguma religião afro, um quadro com duas fotos comparativas, Iemanjá e a dela quando tinha cabelos compridos.



Figura 16: Galho de vassourinha da benzedeira 5 - (Fonte do autor)



Figura 17: Altar da benzedeira 5 (Fonte do autor)



Figura 18: Figura e desenho da benzedeira 5 -(Fonte do autor)

Benzedeira 6: Ribeirópolis-SE, lavradora, roceira, católica. Há muitos anos foi a um médico e ele ao consultá-la disse que ela não tinha nada e que ela se preparasse que seu dom é de rezar, esse médico era benzedor. Inclusive, ela citou vários casos de cura.

Ela benze contra qualquer doença ou mal e as pessoas a procuram de todos os locais. Indica chás como complemento da cura, além de receitar banhos de alfazema, leite de rosa, mato gambá, na quantidade de sete banhos, para restabelecer a boa energia.

Benze para combater: mal olhado, inveja, olho gordo, fogo selvagem (canudinho). Também indica um defumador especial: açúcar, café, dente de alho para limpar a energia e melhorar. Explica que precisa ter fé em Deus para vencer as doenças. Tem, onze irmãs e somente ela tem o dom de benzer. Não aprendeu com ninguém o benzimento. Quando era jovem tinha vontade de rezar, benzer as pessoas, mas tinha vergonha, um dia começou a rezar e benzer e não parou mais. Com ela, ninguém aprendeu a rezar porque não tem interesse em aprender. Para ela, tanto homem como mulher podem ser rezadora, rezador, benzedor, benzedeira.

Ela benze em animais, principalmente em gado. Benze de tudo: sol e sereno, dor de cabeça, inveja, cobreiro, dor de pontada, olho grosso, vento. Não acredita que as benzedadeiras um dia venham a acabar, porque o dom é de Deus. E a fé é quem promove a cura.

Sua santa de devoção: Nossa Senhora Aparecida. Não recebe nada em troca pelos benzimentos. Reza com folhas de vassourinha ou qualquer erva verde. Só reza de branco e não gosta da cor preta por ser uma cor que não é boa, é escuridão. Tem uma capa branca que ela só reza vestida nela. Usa branco sexta e sábado por ter sido uma promessa.

Já sofreu preconceito por pessoas na rua, a chamaram de macumbeira. Já os protestantes a chamaram de “rezadeira de santanás” e dizem que quando ela morrer não vai para o céu.

O aspecto do seu altar: ela tem um altar em casa, com imagens de santos católicos e das religiões de pertença africana, ambiente sincrético; pretos velhos, N.S. Aparecida, São Jorge, São Roque, Santo Antônio, *Iemanjá*, boiadeiro, índio, *Ogum*, colares que são classificadas como guias, de várias cores que segundo ela lhe servem de proteção para o momento do benzimento. Na entrada da casa, existe possivelmente um assentamento de *Exu*, ou seja, local onde se instala determinados segredos dessa entidade e que serve de proteção da casa.



Figura 19: Altar 1 da benzedeira 6 -(Fonte do autor)



Figura 20: Altar 2 da benzedeira 6-(Fonte do autor)



Figura 21: Altar 3 da benzedeira 6 - (Fonte do autor)

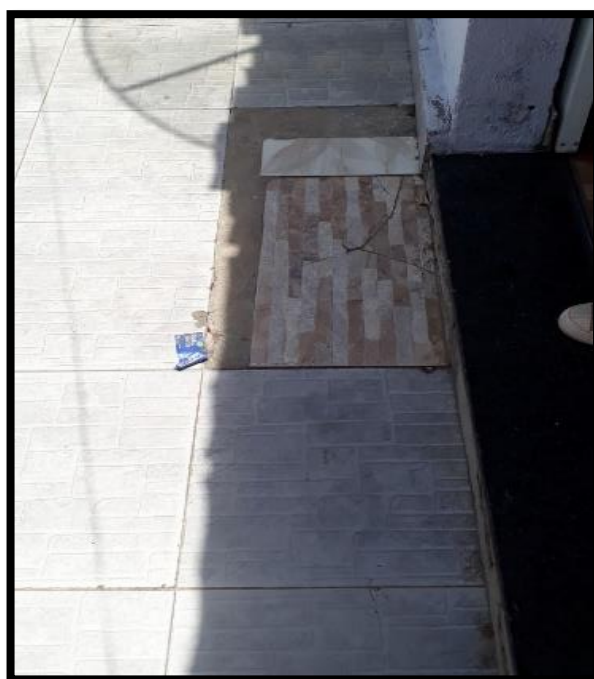


Figura 22: Firmeza da benzedeira 6 - (Fonte do autor)

Benzedeira 7: 73 anos, Ribeirópolis-SE, lavradora, da roça, católica, 27 irmãos e 360 sobrinhos em São Paulo e somente ela reza, e começou aos 5 anos. Nasceu com o dom de rezar, para a continuidade do benzimento, pois seu pai, avô e bisavô eram rezadores. Mas nunca ensinou alguém a benzer. Também aprendeu a rezar com os passarinhos, ao ouvir as lavadeiras cantando, via que elas batiam as asinhas e desse exemplo aprendeu a rezar. Disse que o canto desses passarinhos é uma reza, ao chegar em casa contou a mãe.

Ela passa chás e reza fogo selvagem, vento, inveja, espinhela caída. Uma característica do seu benzimento é de que também reza à distância, mas é preciso ter o nome e se tiver foto é aconselhável. Ela reza com ramo, qualquer que seja, sendo verde. Para ela, possuindo o dom, pode ser homem ou mulher qualquer pessoa pode ser rezadeira ou rezador. Também reza em animais com milho preto, ou seja: pega o milho, deixa-o queimar em um caco e dá para o animal comer. Já sofreu preconceito ao ser chamada de macumbeira.

O aspecto do seu altar: segundo ela, não tem altar, mas atende as pessoas dentro de casa, na parede existem quadros de santos católicos com um fitilho branco, na estante imagens de N.S.Aparecida, São Cosme e Damião, uma réplica de uma catedral, crucifixo, Santa Dulce, São Jorge, *Iemanjá*. Disse que todos os santos têm força. Em sua casa ela faz novena e os benzimentos só realiza em casa.



Figura 23: Parede da sala da benzedeira 7 - (Fonte do autor)



Figura 24: Estante com santos da benzedeira 7 -(Fonte do autor)

Benzedeira 8: 82 anos, Bairro Suíça, Aracaju-SE, enfermeira, professora de teatro de arte cênica, benzeadeira de nascença. Católica, apostólica romana. Se tornou uma pessoa diferente por que previa as situações acontecerem antecipadamente. Desde 9 anos de idade que pratica o dom do benzimento. A família antes de realizar qualquer coisa, empreendimento, decisões, indecisões sempre perguntava a ela que tinha e tem uma resposta para oferecer ou conselho a dar.

Aos 5 anos, a mãe dela colocou-a para usar batina, por acreditar que a filha estava consagrada à vida religiosa. Foi internada posteriormente em um convento. Saiu da lá e foi ser enfermeira em um Hospital da CHESF. Os médicos não aceitavam a prática da benzeção, ela se recolhia perto de um cajueiro e lá benzia as crianças, sempre sob a ameaça de ser punida com a expulsão pelos médicos que afirmavam que esse tipo de prática religiosa não era permitido no hospital nem para a medicina.

Existia um remédio por nome de “cuzuque” que era apenas para os funcionários da empresa, por ser uma medicação eficaz, não era distribuído para a comunidade, era restrito apenas para familiares e funcionários da CHESF. Ela, por sua vez, distribuía com as crianças carentes e ainda indicava chás como complementos para os tratamentos e realizava os benzimentos. Ela explicou que há uma classe de pessoas chamadas mezeiras, que tem por função apenas e exclusivamente colher as ervas. Mas, também tem as que transformam as ervas em chás para tratamentos, banhos para cura e que manipulam para o bem-estar do indivíduo, essas pessoas que são as benzedadeiras, não podem ser mezeiras. Citou que sua mãe também foi benzedeira, e que na época foi discriminada pelo padre que cobiçava os presentes que a comunidade ofertava para a sua mãe. Que existe a corrente do bem e do mal. Que é necessário buscar a todo custo a corrente do bem, praticando bons pensamentos, rezar ao santo de devoção, acreditar em Deus, ter fé e praticar a corrente do bem; rezar para Nossa Senhora; para Divino Espírito Santo. Informou que benze as pessoas dentro do seu apartamento, e que nunca se preocupou e nem se preocupará com a crença de que existem energias negativas que podem ficar no ambiente, até porque isso nunca aconteceu com ela.

O aspecto do seu altar: é composto de um galho de erva chamado vassourinha, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, flores artificiais, uma bíblia sagrada aberta e outra fechada, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, dois terços e uma espécie de estola sacerdotal de cor branca, que é um objeto litúrgico, um paramento para celebração da missa.

Ela disse que, com esse paramento, se sente protegida e segura no benzimento que vai realizar e se sente com força espiritual ao usá-lo e nele existe uma gravura em azul, bordado, simbolizando o Espírito Santo. Além, de uma imagem de dois anjos posicionados em pontos diferentes. Ela benze com ramos de ervas, sem distinção de qual erva for, um oratório pequeno de madeira.



Figura 25: Altar da benzedeira 8 - (Fonte do autor)

Benzedeira 9: Petrolândia-PE, família dos Pancararu, indígena, segundo ela, sua religião é universalista, ou seja, religião que abrange toda espiritualidade. Sua família era de benzedeadas, onde todos rezavam, participavam comunitariamente de preces, tinha uma tia que em seu quarto tinha tudo sobre ervas.

Ela, relatou que é uma benzedeadora que participa de procissão, mas que aprendeu que Deus é bem maior do que qualquer manifestação externa praticada pelo homem. Diz que o dom de benzer não se explica, e desde criança que reza para qualquer tipo de doença. E também quando criança, cantava uma música evangélica que até hoje lhe inspira: *“Canta meu povo, alegre meu povo, que a festa não vai acabar, Quando findar na terra, no céu vai continuar”*, música de Jair Pires.

Na juventude ela tinha interesse nos cachimbos, nas plantas, água, nas “cantorias” populares. Quando sua mãe adoeceu ela pediu para rezar e foi a partir daí que iniciou sua caminhada de benzimento, após ser concedida por sua mãe. Indica chás, banhos, as vezes, nem precisa rezar, mas apenas de ouvir a pessoa que a procura ou de abraçar. Pois, em muitos casos não é apenas o benzimento, é o acolhimento, que a pessoa precisa desabafar, conversar, dialogar sobre alguma coisa que está atingindo seus pensamentos e que lhe traz aflição. Existem vários momentos para rezar. Acredita que é bom utilizar ervas, mãos, fé em Deus, invocar os seres encantados, pretos velhos, caboclos, que trazem coisas boas.

Ela reza de tudo: olhado, dor de cabeça, dor de dente, engasgo, mordida de cobra, vento mal, incêndio, sol sereno, tristeza, espinhela caída. Não ensina benzimento, mas ensina orações e como se cuidar. Disse que em um determinado dia, um espírita, uma evangélica, e rezadeira, estavam em um evento juntas, nesse momento, “baixou”, incorporou um índio na benzedeadora, a atitude da evangélica foi tentar expulsá-lo do espaço acreditando ser algo do mal, já a espírita acolheu esse índio e o saudou levando um copo de d’água, para ofertá-lo.

Afirmou que cura males como: olhado, inveja, faz limpeza espiritual, perdas na família, doenças da alma. Curiosidade: se ela vai começar a reza, no local onde vai ocorrer a reza, a pessoa que vai andando na frente a enxerga antes mesmo dela chegar até a pessoa para iniciar a reza. Disse também que a maioria das rezadeiras terminam sozinhas. Na quaresma existem as benzedeadas que rezam durante esse período nas pessoas que precisam, mas existem aquelas que se recolhem. Ela usa luto na semana santa. Com identidade forte, faz questão dizer “eu sou rezadeira! Apesar que já sofreu preconceito, sendo chamada de bruxa.

O aspecto do seu altar: contem diversas imagens de santo católico (não permite que

ninguém fotografe, só o fez, por que o entrevistador a conhece há muitos anos e ela ouve o programa que ele faz em uma rádio), uma cruz de madeira em formato de cruzeiro, uma bíblia aberta em qualquer evangelho, uma flor artificial, uma foto em xilogravura de um índio, segundo ela, ele é um de seus ancestrais, incenso, uma caixinha onde tem dentro, dois livros, um contendo orações e outro contendo mensagens de alento e fortalecimento de fé.

Próximo ao altar, um cocar, que segundo ela é uma espécie de adorno de cabeça, geralmente é confeccionado de pena de aves consagradas ao deus Tupã, que representa simbolicamente: manter o pensamento centralizado, manter-se flexível aos acontecimentos, mas nunca perder de vista o bom senso, sua forma aberta simboliza a busca por conhecimentos novos, sem deixar perder a tradição ancestral.

Afirmou ainda que durante os benzimentos sempre canta outra música como forma de acolhimento, ou seja, a pessoa que a procura está precisando não apenas de benzimento, mas de ser acolhida e ouvida: hino da empatia: *escuta, acolhe que o outro a outra já vem. Escuta, acolhe, cuidar do outro faz bem, cuidar do outro faz bem. Desde o dia em que eu nasci uma coisa eu aprendi, cuidar do outro é cuidar do outro, cuidar do outro é cuidar de mim. Cuidar de mim é cuidar do outro, e cuidar do outro e cuidar do universo.*

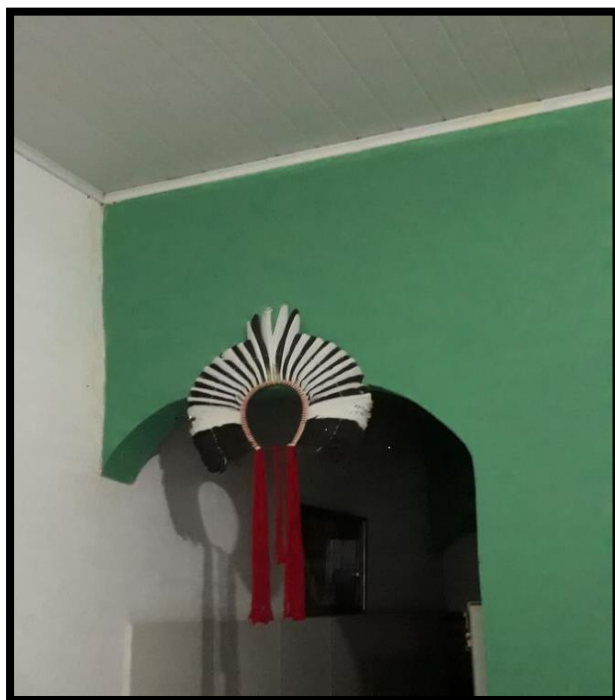


Figura 26: Cocar indígena da benzedeira 9 - Fonte do autor)

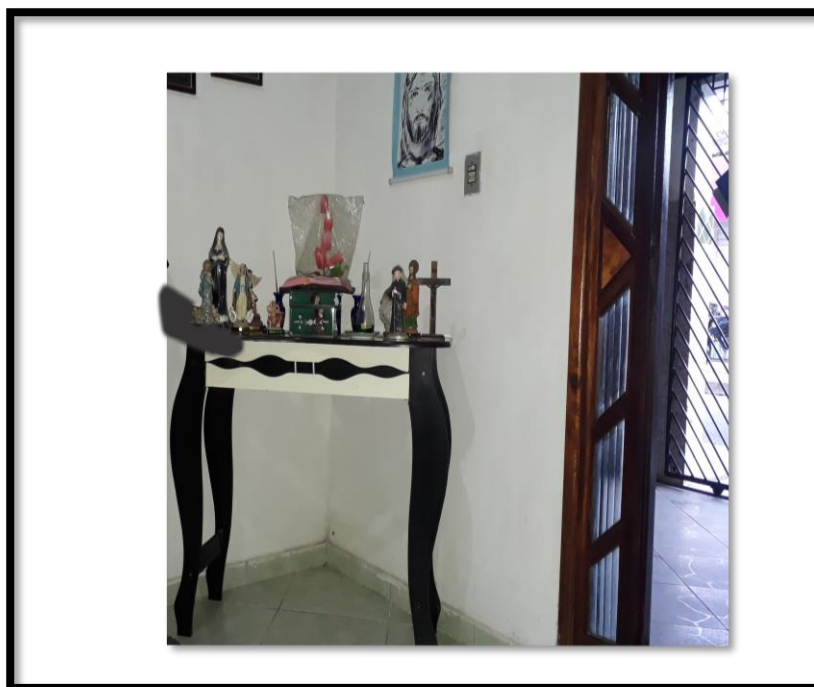
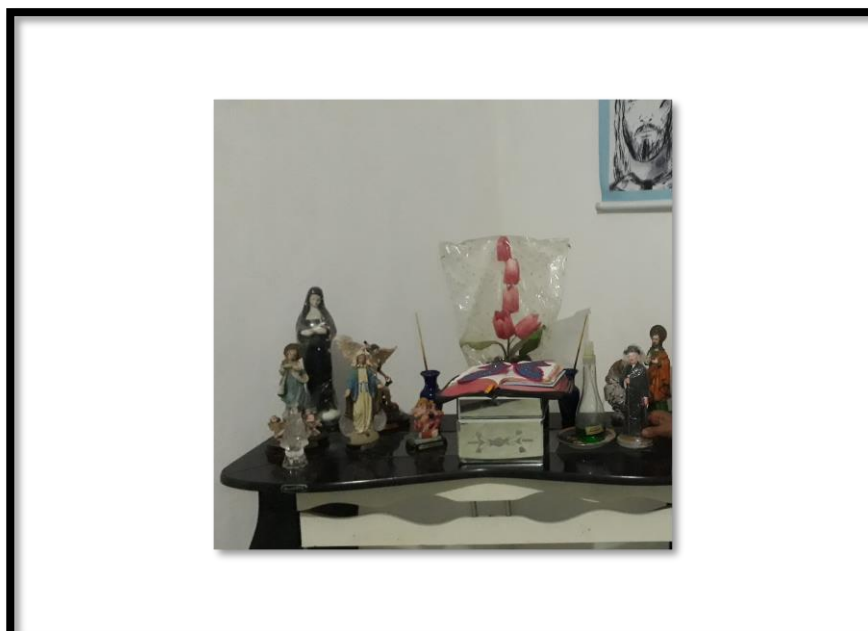


Figura 27: Altar da benzedeira 9 - (Fonte do autor)

Figura 28: Detalhe do altar da benzedeira 9 - (Fonte do autor)



Benzedeira 10: Quilombo Mussuca-Laranjeiras-SE. Técnica em construção civil, artesã, auxiliar de cozinha, trabalha informal. Ela aprendeu a rezar com umas senhoras, quando seu irmão adoeceu, ficou observando aquela situação de enfermidade e tomou a iniciativa em rezar nele, e desde então, aprendeu a rezar e trabalhar o dom da cura. Mas falou que é de família de rezadeiras e benzedeira. Antes de tudo acontecer, tinha vergonha em rezar nas pessoas. Mas, para quem tem o dom, quando chega o momento que Deus envia, não tem obstáculo que impeça.

Ela só reza contra cobreiro e contou que certa vez, um senhor estava acometido de cobreiro, muitos chamam de fogo selvagem, percorre o corpo da pessoa e se chegar a unir o “rabo com a cabeça, a pessoa morre, então, nesse senhor, ela rezou três vezes contra o cobreiro e ele foi curado. Citou que a juventude de hoje, não quer aprender a rezar e tornar-se benzedeira, por isso que fica a mercê da sorte de remédios que curam um mal, mas que acabam provocando outro. Nunca foi sofreu preconceito por ter esse dom e recebe pessoas de todos os lugares e bairros.

O aspecto do seu altar: Citou que seu altar é em qualquer lugar onde possa benzer e curar, e que não tem dia específico. Utiliza: a planta vassourinha, pedaço de pau verde de qualquer árvore, uma faca, um óleo ou sumo da erva Santa Maria ou da folha da fava, na medida em que vai rezando vai cortando no meio, cabeça e ponta. Alguns anos atrás, após o benzimento colocava no fogo queimava o material, com o objetivo de matar completamente o mal, hoje quebra e deixa ao sol para secar e depois joga no lixo, descarta.



Figura 29: Galho de vassourinha da benzedeira 10 -(Fonte do autor)

Benzedeira 11: Quilombo Mussuca-Laranjeiras-SE, 61 anos, dona de casa, católica. Reza o Pai Nosso, reza para N. Senhora Virgem Maria. Se uma pessoa estiver carregada, prescreve banho de elevante, aroeira, sal grosso.

O aspecto do seu altar: estava coberto com um pano roxo, porque estava no período da Quaresma. Após o período o pano seria retirado. Benze para curar qualquer tipo de doença, utiliza galho de ervas frescas.



Figura 30: Altar da benzedeira 11 -(imagem coberta com tecido roxo)
(Fonte do autor)

Benzedeira 12: É lavradora, aposentada, não sabe escrever, católica, 79 anos, seis filhos, e nenhum quis ser benzedor, muito embora ela tenha ensinado a rezar o básico que é a oração do pai nosso; sua mãe, era parteira e benzedeira, e sua avó era benzedeira, rezadeira. Ao falecer, sua mãe, passou esse dom para ela. Tem 20 anos que é benzedeira, mas quando tinha 17 anos, começou a perceber que tinha o dom de benzer, de rezar.

Reza para curar as pessoas de olhado, inveja, vento ruim, fogo selvagem, sol e sereno, espinhela caída, moleza no corpo. Quando chega alguém que ela observa que a enfermidade é complicada, ela aconselha a pessoa a procurar outra pessoa. Acredita também que existem problemas para médico resolver e existem os que as benzedadeiras curam.

Não cobra absolutamente nada pelos benzimentos, se uma pessoa traz um presente, ela aceita, mas não cobra pelo dom. Diz que quem já traz o dom de rezar não pode falhar. Informou que costuma passar para pessoas banhos do mato, tais como arruda, alho, sal grosso, vinagre, para descarrego. A pessoa toma o banho normal com sabão e depois coloca três dentes de alho cortado em cruz, sete pedrinhas de sal grosso, sete gotinhas de vinagre, três “palhinhas” de arruda, toma do pescoço para baixo. Aconselha que no dia em que rezar, a pessoa tome o banho, um dia só. Disse ainda que quando chega 18 horas, ela ainda completa rezando o terço para a pessoa. O banho para energizar a pessoa é com alfazema, catorze cravo do reino e água, derrama da cabeça aos pés.

Para ela, curador é quem bate xangô e trabalha na esquerda e na direita, já benzedeira é quem benze, reza. Ela por exemplo só faz rezar. Informou que hoje em dia as pessoas dão valor àqueles que fazem o mal, que trabalham para a esquerda. Mas, a pessoa que faz o bem, é procurado, fazer o bem é bom demais, segundo ela.

Para ser benzedeira é preciso ter uma religião e se compor com a vestimenta. Disse ainda que sua “vestuária”, (palavras dela), há muitos anos é vestir branco, não usa outra cor. Faz as devoções e benzimento de branco. Acredita que para benzer pode ser homem ou mulher, basta ter o dom, o destino da pessoa.

Nunca sofreu preconceito por ser benzedeira, inclusive em sua casa, tem um aviso informando que ali faz benzimento. Sua característica é benzer por quase uma hora.

O aspecto do seu altar: é composto de várias imagens, muitas fitas de várias cores, velas, quadros de santos católicos e uma cama, caso alguém precisa ou passe mal, já tem uma cama onde pode se deitar e receber o benzimento, é um pronto socorro espiritual.



Figura 31: Quarto/altar da benzedeira 12
(Fonte do autor)



Figura 32: Detalhe do altar da benzedeira 12
(Fonte do autor)



Figura 33: Ervas na entrada da casa da benzedeira 12
(Fonte do autor)

Figura 34: Folha da planta comigo-ninguém-pode e doces para erês).
(Fonte do autor)



Benzedor 13: Abassá São Jorge Reis das Matas. Sua profissão era funcionário público, pois está aposentado, era carpinteiro da prefeitura, porém, não sabe ler. Católico e candomblecista, segundo ele sem Deus, ninguém vive. Disse que candomblé é uma religião que foi deixado por Deus, através dos índios que conhecem, o Sol, Tupã, o Deus. As obrigações são batizadas, os Orixás são batizados. Os caboclos quando chegam saúdam Jesus Cristo, sinal de que são batizados.

Conheceu o benzimento por sua avó que rezava de tudo, ele, por sua vez a acompanhava durante todos os benzimentos, além dela, sua tia também rezava. Disse que receita para as pessoas banhos diferentes, pois cada pessoa tem seus tipos de banhos, uma vez que cada situação é diferente. Por exemplo, para gripes fortes, é necessário um lambedor, para criança, contra olhado; a erva doce em talo é indicada, não aquele que é em caixa. Para ele, rezadeira, benzedeira, rezador, benzedor, curandeiro, curandeira, tudo é a mesma coisa.

No candomblé, por exemplo, ele cura as pessoas com suas orações, trabalhos, mirongas, garrafadas, dependendo dos casos. Quando se trata de ensinar a benzer, muita gente não quer, mas que já ensinou apenas a três pessoas, e que esse é o número máximo de ensinamento. Ensinou da seguinte forma, coloca a pessoa perto dele e a faz ouvir e repetir as preces de benzimento, se ela esquecer algum trecho, ele para, pede para complementar e depois de uns dois ou três meses, coloca a pessoa para benzer alguém que esteja com alguma enfermidade, é o ensinamento e a prática.

Existem rezas para todo tipo de enfermidade: cobreiro, fogo selvagem que parece sarampo, vermelha, dor de cabeça, olhado, espinhela caída, ar, vento. As enfermidades que mais chegam para serem curadas, são as doenças em criança. Essa geração de hoje, o desinteresse é geral, por isso não ensina a ninguém. Para se tornar benzedor, não é para todo mundo, tem pessoa do candomblé, que não nasceu com o dom de benzer, rezar. Já tem outras pessoas que desde criança já nasce com o dom. Para ser benzedor ou benzedora, não precisa ser homem ou mulher. Rezar prende a pessoa, tem que ter responsabilidade, quem pegar um trabalho de uma pessoa tem que mostrar interesse e responsabilidade. Quem tem esse dom, benzer, rezar, sendo casada ou casado, após fazer amor, não pode pegar nenhum serviço de benzimento, tem que deixar passar pelo menos 24 horas, se rezar, você quebra a reza pois o benzedor, benzedeira está de corpo aberto.

Ele reza com ervas: folha de fava, “favaca”, erva de santa maria, violeta para passar em cruz: para cobreiro. As pessoas chegam chorando e saem rindo, o jogo de búzios, ajudam as pessoas a se equilibrarem e com o benzimento, a situação melhora. Disse que olhado definha e mata qualquer pessoa. Que também reza nos animais com vassoura de pindoba e direciona as orações para os protetores São Lázaro e São Francisco de Assis, demonstrando sincretismo religioso. Já nas

pessoas reza com folhas ou ervas, desde aroeira, vassourinha, erva doce-talo, pinhão roxo, espada de são Jorge, arruda, garrafa com água para sol e sereno. Dependendo da situação benze e reza na entrada de casa, no barracão ou fora. Disse ainda que a medicina é muito importante para a cura das pessoas, que ele jamais se contrapõe ao médico, mas que tem casos que o benzedor não cura, e existem casos que o médico não cura, então um complementa o outro.

O aspecto do seu altar: sua casa, barracão onde faz seus atendimentos e benzimentos, é repleto de imagens de orixás e católicos, quadros com imagens de santos católicos, mariwô (fios de palhas) que servem para proteção, garrafas de d'água, pilão, vassoura de pindoba, flores artificiais girassol, pilão, moringas com água, ervas, tabaco.



Figura 35: Altar do benzedor 13 -(Fonte do autor)

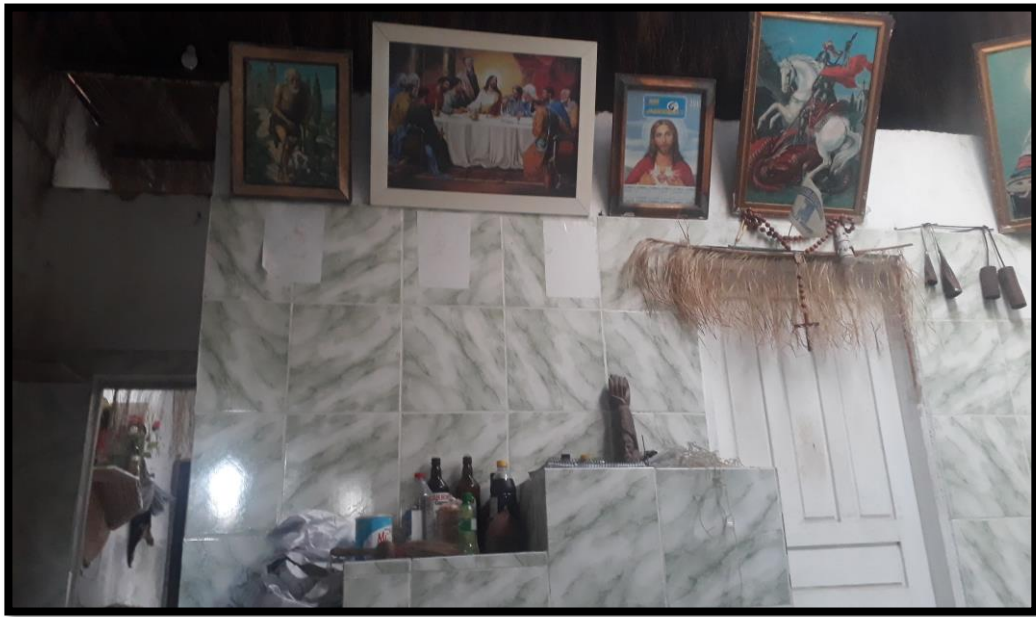


Figura 36: Sala de atendimento e gira do benzedor 13 -(Fonte do autor)



Figura 37: Vassoura para rezar nos animais, benzedor 13 - (Fonte do autor)



Figura 38: Sala do benzedor 13 (imagem de Santa Bárbara) -(Fonte do autor)



Figura 39: Sala do benzedor 13 (imagem de Santo Antônio) - (Fonte do autor)



Figura 40: Altar de Cosme e Damião do benzedor 13 - (Fonte do autor)

Benzedor 14: 52 anos, era encarregado de obras, estudou até a sétima série, ensino fundamental incompleto. Militante que reivindicou junto às autoridades que o conjunto onde reside passasse a ter o nome de Governador Marcelo Déda, situação que foi acatada após muito debate. Religião: candomblé. Disse que o amor é o benzimento. O que *Obatalá* dá ninguém tira. A sensibilidade é quem mostra o que a pessoa tem. A pior situação é uma pessoa estar carregada de praga, jogada por outra pessoa, o rancor se transforma em espírito ruim, atraindo obsessão. Nesse caso, rezar, benzer não dá jeito, é necessário realizar banhos, também.

Para ele, benzedeiro, rezador, curador é a mesma coisa. Benzer vem de berço, uma vez que a mãe é oriunda do candomblé, ele é nascido dentro da religião. Nunca ensinou o benzimento às pessoas, e que o número é apenas para três pessoas. Mas, acredita que responsabilidade não é para todo mundo. Quando se fala em Deus, o benzedor ou benzedeira, são iguais, mas o que faz a diferença é a fé.

Os problemas que mais cuida: pessoas de cadeira de roda, as vezes nos braços; e as enfermidades: vento caído, olho gordo, praga, espinhela caída, falta de ânimo, moleira aberta de crianças e são rezadas três vezes com vassourinha e com o chá dessa erva, além de outras ervas, ramos como arruda, pinhão roxo, elevante, aroeira, jurema preta, hortelã.

Disse que existem doenças para medicina e doenças para benzedor, e que já começou a preparar um filho de santo candomblecista para receber em breve os conhecimentos da religião e do benzimento para seguir o legado. Disse que todo mundo tem áurea, e que ao acender uma vela o anjo da guarda se ilumina também. Que só aceita três kits de velas que servirão para iluminar os rituais. Nunca sofreu preconceito, mas já acompanhou pessoas que sofreram preconceito.

O aspecto do seu altar: ele benze diante do altar após saudar o orixá *Oxossi*, mas também benze no barracão e para ele o altar é todo o terreiro. Ele também benze em seu quintal, uma vez que existem inúmeras plantas, ervas, terra, árvores que trazem equilíbrio. Seu barracão, terreiro, tem um altar de alvenaria, com imagens de santos católicos e orixás, charutos, velas, pratos, que demonstra muito bem o sincretismo religioso, alguns quartilhões contendo água, mesa para jogos de búzios, guias de proteção e no fundo da casa, inúmeras plantas, ervas e algumas árvores.



Figura 41: Altar do benzedor 14 - (Fonte do autor)



Figura 42: Mesa de atendimento do benzedor 14 - (Fonte do autor)



Figura 43: Quintal de benzimentos do benzedor 14 - (Fonte do autor)



Figura 44: Quintal de benzimentos do benzedor 14 - (Fonte do autor)

Benzedor 15: 56 anos, batizado na Igreja Católica, foi coroinha, autônomo, sua escolaridade é o ensino médio. Quando criança era bastante doente, e sua mãe chamou uma mãe de santo que ao rezar nele, manifestou um caboclo que disse queira você ou não, sua vida vai ser servindo ao candomblé, ele tinha 11 anos na época. Tinha uma tia que era benzedeira.

Expressou que está sempre pronto para ensinar as rezas, explica que é inexplicável o dom de benzedor, que é o Espírito Santo, se ele atender duas ou três pessoas diferentes, a linguagem e a mensagem são diferentes, é a Espiritualidade. Antes de passar alguma coisa para a pessoa, ele faz uma consulta ao jogo de búzios, cartas, para ver se o problema é material ou espiritual, nessa consulta observa se é encosto ou outro tipo de problema. Segundo ele, os problemas espirituais bloqueiam a parte material.

Reza para dor de cabeça, dor de dente, vermelha. Acredita que o dom de benzer é para todos. Já sofreu preconceito e que no Brasil o racismo é forte.

O aspecto do seu altar: disse acreditar que o altar é composto pelo barracão inteiro, uma vez que o mesmo é sagrado. Nele contam imagens de santos católicos, uma cadeira; espécie de trono onde ele faz atendimentos, imagens de *Ogum* e seu símbolo e preto velho, inúmeras quartinhas com água, pote com água, diversas guias, esteiras, quadro com imagem de santos.



Figura 45: Altar do benzedor 15 - (Fonte do autor)



Figura 46: Altar do benzedor 15 - (Fonte do autor)



47: Altar Entrada do terreiro do benzedor 15 - (Fonte do autor)



Figura 48: Altar “firmeza”de *Ogum* do benzedor 15 - (Fonte do autor)

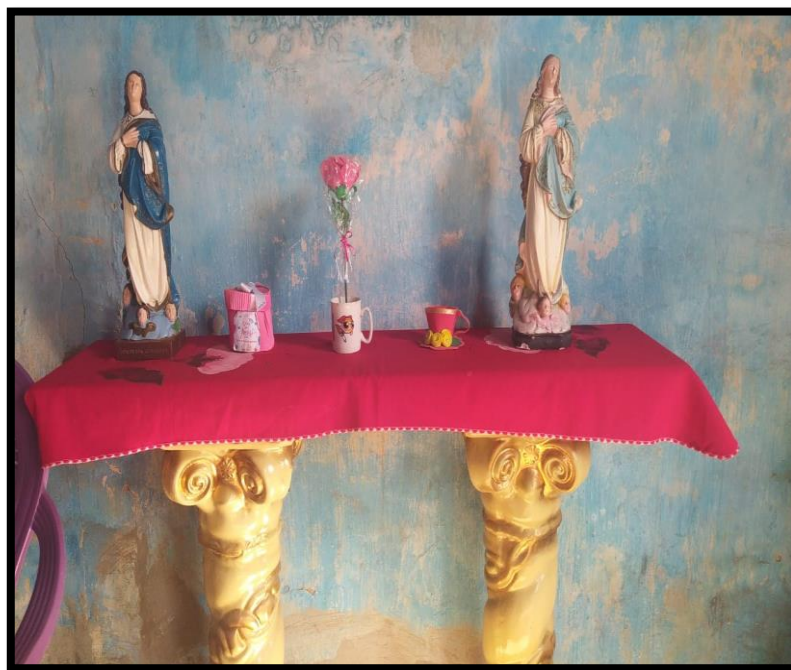


Figura 49: Altar de Nossa Senhora da Conceição do benzedor 15 -(Fonte do autor)

3.2 - Os aspectos internos e externos dos altares e seus simbolismos

Nos altares das benzedadeiras contém inúmeras mensagens transcendentais onde requer a necessária atenção para seu entendimento, uma vez que esse espaço pode ser físico com inúmeros itens de variados seguimentos religiosos ou não, uma vez que existem delas que atendem e benzem em locais onde não há nenhuma forma de altar, mas, conseqüentemente, o próprio ambiente implica um altar de comunhão espiritual com a divindade, é um local que contém energia sagrada, é um espaço místico. A simbologia dos altares das benzedadeiras provoca no indivíduo percepções e reações emocionais que fazem parte da pessoa. Estimula a estar em estado perceptivo e observativo sobre o espaço onde ele está sendo atendido. O espaço onde funcionam, as casas, a organização dos rituais num espaço que se centra no local onde estes ritos acontecem, leva a uma identificação e ligação com o sagrado porque existe um local onde está energia é gerada, Cardoso (2018).

Diante do exposto, em fotografias, percebe-se que os altares têm um passado histórico bem antes até, de serem construídos, com seus simbolismos diversificados, proporcionam amplo sentido ao ambiente onde está instalado, nele existe uma atmosfera de contemplação, e seu efeito é exercer sob o indivíduo um poder efetivo de mística e fé, é o local propício para rituais e curas. A vida moderna requer que a cada momento o indivíduo tome decisões de forma rápida dando sentido às resoluções dos problemas; as atribuições acarretam doenças físicas e espirituais. Quando se refere a sentido; o sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência: o sentido de que existe uma relação entre as experiências, assim cita Berger e Luckmann, (2004 p.15) apud Manzoni, (2020).

Mesmo diante de tanta tecnologia, o indivíduo ainda busca uma saída para o seu altar pessoal, que convive constantemente com os avanços dos diversos temas plurais e problemáticos da existência humana, onde esse indivíduo está inserido. Determinadas certezas de ontem, podem não ser as de hoje, por se demonstrarem relativas; o pluralismo relativiza e com isso enfraquece muitas certezas com as quais os seres humanos costumam viver. Posto de maneira diferente: a certeza se torna uma mercadoria escassa. (Berger, 2017, p 33).

Para Silva, (2022), benzedadeiras são pessoas comuns. As benzedadeiras vivem pela sua fé, sem a ordem burocrática que muitas vezes existe nas religiões oficiais, e valorizam o bem-estar da comunidade onde vivem, sem discriminação para quem a procura com qualquer tipo de enfermidade. As próprias benzedadeiras relatam sentir um poder que não vem delas, mas de Deus

ou das divindades em que acreditam, bem como da fé do abençoado, Almeida, (2021).

Em busca da melhora de alguma enfermidade, e acreditando que a cura será alcançada, o indivíduo recorre à fé e procura dentro das comunidades onde são conhecidas pela coletividade, as benzedeadas, e ao chegar no local, se depara com um ambiente que lhe é desconhecido com orações, ervas, água, que lhe cria atitude de contemplação e concentração. Por meio da fé, o sertanejo e as pessoas de lugares mais remotos e quilombolas conseguem superar dificuldades como doenças e desigualdades sociais, o que está relacionado ao bom senso e ao uso de práticas rituais populares, não como elemento de descrédito, mas como ideias e a ideia de uma coletividade de crenças (Oliveira et al., 2019).

Trata-se de um ambiente em que o indivíduo transcende e cercado de símbolos e em comunicação com a espiritualidade reza para melhorar de saúde, e ao mesmo tempo por estar em estado receptivo, e consciente recebe o benzimento para obter a cura. Os altares com inúmeros símbolos são percebidos pelos olhos e logicamente existe a associação na mental que logo cria determinados significados individuais e interpretativos. Essa contemplação de todo o ambiente, comportamento observativo, lhe traz união consciente e inconsciente de todo ritual que ocorre no local. Assim assevera, Jung (2016) diz que:

Por função transcendente, não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e transcendente resulta a união dos conteúdos conscientes e inconscientes.

(...) A consciência é um processo momentâneo de adaptação, ao passo que o inconsciente contém não só todo material esquecido do passado individual, mas todos os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano. Jung, 2016, p.63).

Em muitos altares, têm significativa presença do sincretismo religioso e mesmo aquelas que não adotam o altar, tem algo que simbolicamente representa o divino, seja em uma plantação, mata, ou simples cadeira; suas preces evocam e invocam a divindade, seja deus, deuses, deusas, santos, orixás, caboclos, pretos e pretas velhas, tudo isso combinado com o ritual de benzer com fé.

Hoje, os altares, têm um real significado dentro da contextualização da vida religiosa da benzedeadas, mesmo quando ela se declara não praticar nenhuma religião, em seu altar, existem imagens que combinam religiões com a prática ritualística da cura, um exemplo disso está exposto nas fotografias, onde há uma mescla de santos católicos com santos das religiões de

pertença africana, umbanda e candomblé. São símbolos claros que manifestam sensações, emoções no indivíduo que os observa e age no subconsciente como forma significativamente dentro do espaço existente. A demarcação do espaço onde estão as imagens são claramente percebidas que naquele espaço sagrado o sincretismo é notável e apreciado por quem frequenta em busca de um benzimento. Ao descrever um espaço físico de um terreiro, que em muitos casos se assemelha aos altares dos benzimentos, Borges (2014) assim informa:

(...) Em um dos cômodos se localiza o quarto de santo. Trata-se de um típico altar umbandista que, neste centro, ocupa toda dimensão do quarto. Lá encontramos imagens de Jesus Cristo, dos Santos Católicos sincretizados com os Orixás e de outras entidades da direita como Pretos Velhos e os Caboclos. Junto com as imagens são encontradas oferendas como velas, flores e também podem ser depositados neste local objetos resultantes dos rituais dedicados aos Guias do lado direito. (Borges, 2014, p 111).

O sincretismo expressa nesse caso da benzedeira, uma forma de comunicação clara de que os símbolos ali expostos intuem consequentemente qualquer indivíduo que ele está em um ambiente sagrado, composto de múltiplos conhecimentos através de quem está benzendo e que a sabedoria lhe é peculiar devido a tantas imagens à mostra, e que através de orações, galhos de ervas, água, velas, banhos a cura será realizada. É nesse ambiente sincrético e cultural que o benzimento ocorre, para Valente, (1955), o sincretismo religioso:

O sincretismo se caracteriza fundamentalmente por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contato. Simbiose que dá em resultado fisionomia cultura nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias. (Valente, 1955 p.42)

Mas, inserido nessa contextualização de altares e suas características simbólicas, o indivíduo participante do ritual do benzimento, necessitando ser curado de alguma enfermidade, busca fortalecimento de sua fé, e deposita na fé da benzedeira que ora em nome de alguma divindade, manipulando ramos de ervas, plantas medicinais, que para Ferreira (2023) o conhecimento sobre plantas consideradas medicinais está presente na medicina popular e até mesmo benzedeiras as utilizam. Nesse universo de itens, os altares simbólicos contêm , terço católico, água benta, vela, garrafa transparente com água, vassoura, tesoura, fitas multicoloridas, guias de diversas cores, fumaça de cachimbo ou de charuto, imposição das mãos, maraca (um dos instrumentos musicais indígenas, composto de uma cabaça seca, caroços

ou sementes, um bastão em sua extremidade, trata-se popularmente de um chocalho), sinais da cruz, cruzeiros de diversos tamanhos, quadros com santos católicos tendo como principais; Sagrado Coração de Jesus, São Jorge, Santa Luzia, São Lázaro, dentre outros. Estatuetas de Ogum, Caboclos, São Cosme e Damião, Omolu, Padre Cícero Romão, Índios, hindus, penas de aves, arco e flecha, livros de orações uma verdadeira riqueza simbólica de religiões, que servem de instrumentos e inspiração e fortalecimento da fé e consequentemente a realização da cura. Sem pular séculos, mas refletindo historicamente, vale ressaltar que até os índios sofreram influência impositiva do sistema católico catequético, que influenciou bastante para o sincretismo, e que essa estratégia de dominação também chegou aos dias atuais como forma de mescla religiosa nos altares das benzedeiras. E nessa contextualização, também se enquadra a questão racial. Na trajetória de catequização dos índios brasileiros, havia uma aproximação proposital, Cristina Pompa (2002), denomina:

O primeiro momento da catequese, portanto, aconteceu num vazio semântico: as rezas numa língua “outra” (mas é de supor que os indígenas do São Francisco conhecessem algumas palavras de português pela convivência com os colonos), o sino, os gestos. Nesses primeiros momentos foi possível para os Kariri, preencher estes significados vazios de significados certamente alheios às expectativas dos padres (...) (Cristina Pompa, 2002,p.382).

O batismo e a catequese, símbolos cristãos, que para o índio, acometido de uma enfermidade como varíola, na época conhecida como epidemia de bexiga, ocorrida no século XV, era elo estritamente forte para a cura, assim diz, Cristina Pompa (2002):

(...) No pedido dos indígenas para serem batizados já podemos perceber um elemento central do processo de tradução: a estrita ligação que o batismo tem com a doença e a cura, seja no horizonte indígena (afinal, eles procuram primeiro, os símbolos cristãos e depois a catequese como cura da epidemia de bexiga) (...) (Cristina Pompa (2002, p.386),

Uma das benzedeiras; tem em seu altar, para o benzimento do indivíduo que a procura, um paramento que ela atribui proteção e fortalecimento da fé e consequentemente auxilia também na cura, trata-se de uma tira de pano branco, que ela o coloca entre o pescoço que fica solto ao longo do tronco, uma espécie de estola sacerdotal. Sem esse símbolo ela não se sente completa no benzimento, uma vez que ele lhe proporciona segurança e fortalece o ambiente em energias boas. Ela oferece seu dom a seu Deus em prece e confiante que será atendida, benze o indivíduo usando sobre si esse paramento. As vestes sagradas de um padre são tidas como

sagradas para o exercício do ritual da missa. Miguel, (2019), assim classifica:

A roupa não é simplesmente um objeto para cobrir o corpo. Ela revela algo para além de si mesma. A roupa é uma linguagem. A roupa comunica. É uma forma de informar. Por isso, também no campo da liturgia, as vestes sagradas conhecidas como paramentos, vêm carregadas de significados. Primeiramente, elas indicam que há diversidade de ministros e de funções.

(...) As vestes sagradas concorrem também para salientar a importância e beleza da ação litúrgica (...).

A estola: veste litúrgica dos ministros ordenados. O bispo e o presbítero (isto é, padre) a colocam sobre os ombros de modo que caia pela frente em forma de duas tiras. Os diáconos usam a estola a tiracolo sobre o ombro esquerdo, pendendo-a do lado direito. O branco simboliza a vitória, a paz, a alegria (...) (Miquel, 2019, p.1)

Já, outra benzedeira, utiliza um pano roxo tradicionalmente cobrindo o crucifixo, próximo à bíblia cristã; muito embora não pratique a religião; durante o período quaresmal, não realiza nenhum tipo benzimento. Sua consciência espiritual está em seguir uma regra de uma religião que não pratica, mas sua atitude em atender a determinação é consciente. A consciência do próprio eu só tem sentido se for livre e autônoma, Jung, (2012 p.77). Existe uma instrução da religião católica que normatiza o comportamento do cristão católico durante o período da quaresma, muito embora essa benzedeira, se diz católica não praticante, ela seguiu os dois artigos do missal, trata-se da Instrução Geral do Missal Romano-IGMR, que assim direciona o corpo clerical:

346. Quanto à cor das vestes sagradas, mantenha-se o uso tradicional, isto é:

(...) d) A cor roxa usa-se no tempo do Advento e da Quaresma. E pode também usar-se nos Ofícios e Missas de Defuntos.

346. Quanto à cor das vestes sagradas, mantenha-se o uso tradicional, isto é ritualística. (...) d) Usa-se a cor roxa no Tempo do Advento e da Quaresma. Pode usar-se também nos Ofícios e Missas de defuntos. (IGMR, 2023,p 94-95)

Observa-se que a cor roxa do pano utilizada pela benzedeira que cobre o crucifixo; simbolicamente para a igreja representa tristeza; sua decisão em não atender ninguém durante um período considerado sagrado pela religião católica que tem sistema de culto definido; muito embora sua realidade particular e espiritual seja em benzer; existe uma dependência em obedecer aos símbolos utilizados na religião que ela diz não praticar. Os símbolos quando advindos de instituições estruturadas são impositivos e direcionam para o fator ideológico dominante: Bourdieu, (1989):

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de

conhecimento que os «Sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (Bourdieu, (1989 p,11).

Dentre as benzedeadas visitadas, tanto uma benzedeadas bem como dois benzedores, têm um dom particular em benzer à distância. O indivíduo que mora distante ou perto que não pode estar presente, pode enviar o nome, foto ou se comunicar pelas vias modernas das redes sociais, que o benzimento será realizado, e segundo esses benzedores, a eficácia é a mesma, a cura acontece e nesse caso, o indivíduo precisar estar receptivo, concentrado e ter solicitado atendimento. Um deles inclusive informou que uma pessoa via câmera de celular lhe solicitou um atendimento por estar com fortes dores de cabeça, prontamente, foi realizado um benzimento. Novos altares vão surgindo com a modernidade. Lewis, (2006), afirma sobre tratamento à distância que:

Os tratamentos dessa natureza são aplicados a uma pessoa distante, quer seja essa distância alguns metros ou muitos quilômetros. Os tratamentos podem ser aplicados a uma pessoa que se encontre em uma sala vizinha, ou edifício próximo, uma cidade distante em qualquer lugar ou circunstância.
(...) No entanto, um tratamento à distância pode ser efetuado a qualquer momento e quase em qualquer circunstância.
(...) O sucesso será obtido se o paciente desejar o tratamento dessa natureza, e o tiver solicitado.
(...) Combinar para seus tratamentos ocasiões em que o paciente possa estar em estado de relaxação para recebê-los, você contará com um valioso auxílio.
(...) Não devem dispensar o médico, enfermeira, ou outro tipo de assistente que possa estar ajudando o paciente a se recuperar (Lewis, 2006,ps 5-7).

Embora desempenhem um papel significativo na vida cotidiana da população, ainda não são regulamentadas em inúmeros locais, e a prática da benzeção é cada vez mais esquecida devido ao crescente descrédito, preconceito racial e religioso. Apesar da grande procura pelas benzedeadas, que hoje se encontram principalmente nas zonas urbanas e suburbanas, esta tradição está a ser esquecida, como relatam muitas benzedeadas, o que significa que a religião já não detém o estatuto que outrora teve na sociedade, Ribeiro et al., (2018). Algumas benzedeadas, benzedores, são e foram discriminadas por pessoas da própria localidade onde residem ou por algum dirigente religioso cristão. Mas, ainda existe grande resistência em não deixar acabar no esquecimento o ritual e o benzimento, efeito das perseguições preconceituosas. Ao referir sobre resistência, entendemos que as tradições e crenças populares não se referem a

um movimento politicamente organizado, pois a prática e o uso das bênçãos variam e são praticados de diferentes maneiras, mas podemos entender que se trata de uma resistência à permanência do uso de costumes relacionados ao estilo de vida e à antiguidade, De Carvalho et al., (2017).

Estudar sua operacionalidade, registrar fotograficamente, dialogar e preservar como patrimônio é um dever para que, suas contribuições e historicidade permaneçam vivas e consequentemente: reafirma o ato de resistência. Por isso é necessário investigar e compreender estas raízes que caracterizam a nossa sociedade, para evitar o apagamento das tradições e crenças populares e a sua relegação para segundo plano, Sousa Nascimento,(2022). É histórico saber que essa prática cotidiana, principalmente associada ao meio rural, teve início no Brasil antes do período colonial, mas era utilizada pelos povos indígenas, para quem a figura do pajé era responsável por curar doenças, afastar os maus espíritos e manter a paz das aldeias. Esse legado tão importante à saúde comunitária e posteriormente social, foi repassado a algumas gerações. Como os cuidados de saúde e o conhecimento científico eram incertos no Brasil colonial, e nem as escolas médicas nem as farmácias estavam disponíveis apenas para aqueles que podiam pagar, muitas pessoas recorreram ao conhecimento popular das plantas e à fé como elemento de cura, trabalhando como curandeiros e portadores de bênçãos para figuras femininas, Silva Filho et al. (2023).

A prática de rejeição, hostilidade, preconceito racial e religioso, de outrora, perduram na atualidade se alastrando inclusive em pequenos e grandes grupos religiosos existentes nas comunidades periféricas que não conhecem e nem buscam conhecer o que faz uma benzedeira para curar a doença de alguém que a procura. Embora promovessem a saúde e o bem-estar de uma sociedade atormentada por problemas e doenças, as benzedeiras enfrentavam preconceito e rejeição tanto da comunidade científica como da Igreja, pois praticavam os seus rituais sem a burocracia e a organização individual das orações, e muitas rezavam espontaneamente e de acordo com seus sentimentos,Oliveira et al.,(2019).

As benzedeiras e benzedores assomados durante o período de visitas para os registros fotográficos, expressaram explicitamente que não recebem nada em troca pela prática do benzimento e da cura, embora, alguns ganhem velas, para acenderem em seus respectivos altares, valores monetários, não são aceitos, obrigações em receber ou ofertar não são práticas aceitáveis para quem possui o dom do benzimento. Ofertar dízimo para receber uma cura, manter a subsistência de dirigente religioso em troca de favores políticos, realizar práticas

mágicas, adivinhações, não fazem dos saberes e aplicabilidade dos benzimentos. A prática é gratuita: ao contrário das ações de conhecidos charlatões, as mulheres abençoadas não buscam ganho monetário, mas são gratas pela cura daqueles que as procuram, Medeiros & Albuquerque, (2012).

Também foi relatado por elas e eles, que são chamadas de bruxas, bruxos, feiticeiras, macumbeiras, adoradoras de satanás, que não frequentam igrejas, termos preconceituosos, desvalorizando, denegrindo o benzimento e sua presença na comunidade onde residem. O maior problema é a desvalorização dos rituais e benzimentos, bem como a frequente intolerância religiosa para com a figura das benzedeiras, muitas das quais as veem como bruxas ou bruxos, ou usam secretamente os benzimentos para ganhar dinheiro, De Medeiros Lima, (2020).

Dentre, as benzedeiras visitadas, uma delas disse ser católica e também batizada na tradição evangélica, utiliza a bíblia como ponto primordial de sua conversação, mas durante o benzimento, as orações são espontâneas e caracteristicamente, seu ritual de benzimento é na entrada de sua residência em uma cadeira voltada para a porta de entrada. Segundo ela, ao rezar de costas para a porta de entrada, a enfermidade sairá e ficará na rua. Curiosamente, em sua casa, existem três pedras, que ela informou serem pedras que acompanham o raio e que durante a tempestade acabam caindo na terra. Ela realiza o benzimento das pessoas do lado dessas pedras. Mais uma demonstração de conhecimentos diversos e sincréticos onde os simbolismos das religiões por onde ela passou se caracterizam. Quando falamos em benzedeiras nos referimos à cultura popular e entramos em um território com grande simbolismo e religião. As benzedeiras ainda são atores sociais muito importantes na nossa sociedade hoje, como o foram no passado (Sousa Nascimento, 2022). Sobre porta, Quintana, 1999, tece comentário:

(...) A porta externa da cozinha se constitui um umbral que separa o lugar sagrado do mundo exterior e profano. Essa porta geralmente fica aberta, não sendo permitida a permanência de pessoas diante dela, pois, é por ela que saem as cargas negativas, liberadas pelos clientes. Daí a necessidade da porta permanecer sempre aberta, impedindo que as cargas negativas fiquem dentro de casa da benzedeira, como também da localização da cadeira em que o cliente se senta, a qual fica ao lado da porta, facilitando, assim, a saída de forças negativas. (Quintana, 1999, p.178).

Outra benzedeira, afirmou que se especializou em benzer o indivíduo para curar apenas contra cobreiro, seu altar é na entrada da casa, ou ao ar livre. Se a pessoa tiver outra enfermidade ela não reza.

Uma outra benzedeira, benze para a cura de qualquer moléstia, mantém um culto do

evangelho espírita em casa, que lhe serve para rezar pelos familiares, amigos e vizinhos. Elas também oram pelos seus entes queridos em casa, Dos Santos & Lage, (2023). Em uma demonstração prática, uma vez que uma pessoa estava com fortes dores de cabeça, realizou o ritual de benzimento, colocando sobre a pessoa enferma, um pano e uma garrafa transparente com água que borbulhou. Seu altar é a entrada de sua casa tendo como proteção a planta mais conhecida como espada de São Jorge. Uma planta que simbolicamente representa proteção.

Outra benze para combater qualquer tipo de doença, se diz católica, mas tem um quadro com duas fotos: Iemanjá e outra dela, ambas por terem cabelos longos. Seu altar é na entrada de casa ou na casa de quem vai receber o benzimento, quando não encontra um galho de erva, ela benze impondo as mãos realizando movimentos como uma espécie de passe espírita.

Semelhantemente, outra benze contra qualquer tipo de doença, atende na entrada de sua residência, afirma se católica, tem quadros de santos católicos e em sua estante, uma imagem de Iemanjá.

Caracteristicamente, quatro das benzedeadas seguem as religiões de matriz africana, três delas, são mães de santo, seus altares são seus barracões, com santos católicos e orixás, entidades espirituais, exus, atabaques, ervas, plantas, fogueira. Já a quarta, se classifica como católica tem no fundo de sua residência um quarto com inúmeros santos católicos, orixás, copo de água, plantas e colares que ela os chama de guias protetoras que segundo ela, ninguém pode tocá-las, uma vez que são de uso pessoal, sagradas.

Duas delas têm ligação com o Movimento Popular de Saúde, MOPS, seus altares só diferem por um cocar indígena que apenas uma delas tem. São militantes do benzimento, seus altares são compostos por santos católicos, uma delas atende em seu apartamento e em espaços livres, a outra atende na Universidade Federal de Sergipe e nas vivências encabeçadas por movimentos popular de saúde.

Já outra, seu altar: foi transformar o altar em um pronto socorro espiritual a ponto de se identificar com informativo na fachada de sua residência. Além de inúmeros santos católicos, no quarto existe uma cama para atendimento de urgência. Por sua sabedoria, tratar com acolhimento as pessoas, recebeu da própria comunidade o nome de uma orixá: Mãe Nanã. Em sua residência, tanto na entrada bem como no quintal, existem plantações variadas de ervas medicinais bem como horta.

Para Borges (2019) cultivam hortas para o sustento da família e cultivam ervas para as necessidades da família e para prepararem as suas próprias receitas. Caso não encontre uma

planta, solicita que a procurem, uma vez que existem plantas que variam com as estações do ano. Já outras perduram por um bom tempo, sendo suas folhas conservadas em locais apropriados. Segundo Coutinho et al, (2018), outras plantas caducas.

As benzedeiras têm conhecimento sobre as plantas e como utilizá-las para cada doença, símbolo da cultura popular, conservar essa medicina popular de forma que ela não se perca no tempo. Para Ferreira (2023), o conhecimento sobre plantas medicinais está presente na medicina popular e até mesmo benzedeiras as utilizam.

Sem contrariar o título da dissertação, foram encontrados três benzedores pertencentes às religiões de matriz africana. Seus altares com várias imagens de santos católicos e africanos e com atendimentos periódicos às pessoas; se assumem como pais de santo diante da comunidade onde residem e buscam interagir com a localidade, inclusive um deles, no momento de diálogo, recebeu uma ligação onde uma vizinha estava agendando um atendimento médico para ambos, pelo SUS no posto de saúde onde residem. Em consonância, os três prescrevem chás como acompanhamento dos benzimentos informando que, não é apenas benzer, quem recebe o benzimento tem que estar receptivo e passar determinado tempo em estado de rezas, sem exagerar nas situações mundanas. Que os banhos variam para cada doença, seja espiritual, mental ou material. Dizem que as orações são fortes e utilizam desde ervas, velas, vassoura, água benta e que curam todo tipo de doenças e auxiliam na resolução de problemas pessoais desde sentimental até material. Quando falta a intuição, eles recorrem ao jogo de búzios, onde os orixás esclarecerão sobre a situação. Em seus altares também são encontrados diversas quartinhas de barro e moringas que servem para acondicionar líquidos como água, que simboliza vida e saúde, velas de cores variadas que simbolizam luz, guias sagradas, que são um tipo de colares consagrados aos orixás e entidades, que simbolizam proteção, crucifixo que simboliza morte ou vida santa, terços simbolizando orações e paciência, cachimbos simbolizando sabedoria, fumo e rapés simbolizam conexão com o sagrado, ervas simbolizando limpeza material, astral e espiritual, que servem para banhos e chás. Para Sant'anna, elas oferecem banhos de ervas e chás. Entretanto o que bem chama a atenção são as inúmeras imagens de santos que parecem estar olhando a todo tempo para o visitante. Há uma interatividade espiritual entre quem entra para qualquer atendimento e as imagens dos altares. Informaram que o mal-olhado e a inveja são as piores enfermidades que a humanidade tem, pois muitas pessoas inclusive amigos e familiares, não aceitam o bem-estar de outras, lançam energia negativa que acabam pegando na pessoa e essa se amofina, nada dá certo, perde

a fé e acabam perdendo tudo. A pessoa nesse caso começa a acreditar que tem má sorte e acaba contraído outras doenças que lhe acarreta em enfermidade material, mental e espiritual.

Os simbolismos dos altares das benzedeiras, vão além dos aspectos físicos e observáveis visivelmente, uma vez que a própria enfermidade material, espiritual e psicológica fazem parte da caminhada individual da pessoa e ela carrega consigo inúmeros problemas, e ao ser atendido por uma benzedeira, essa pessoa tem contato direto com a simplicidade da operacionalidade ritualística da cura, a complexidade dos problemas acabam sendo curados ou amenizados devido ao contato com esse mundo simbólico. Ao buscar a benzedeira, notadamente, observa que o indivíduo acredita na prática e confia em todo processo que irá ocorrer demonstrando elemento de troca. As mudanças são constantes socialmente e os problemas aumentam causando crises existenciais no ser humano. Apesar das mutações na sociedade, ainda são comuns bênçãos e orações para afastar espíritos negativos e curar doenças que afetam não só o corpo, mas também a psique humana. As orações ritmadas são espontâneas, mas têm fundamentação e direcionamento para a cura e são preces que têm um sincretismo notável, em muitas delas, pode-se ouvir nomes de santos católicos ou de entidades das religiões afrodescendentes. Mas, existem orações que são pronunciadas durante o benzimento que estão em outra esfera religiosa. Estas orações chegaram ao nosso país através dos europeus, especialmente dos portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses, para citar apenas algumas nacionalidades, que enviaram cidadãos para “povoar” a nova terra, Almeida, (2021). Os símbolos religiosos são criados com objetivos. Jung, (2015), afirma:

Dependemos realmente de ideias e convicções gerais porque são capazes de dar sentido à nossa existência. A pessoa consegue suportar dificuldades inacreditáveis quando está convencida do significado delas, e se sente derrotada quando tem de admitir que, além de sua má sorte, aquilo que faz não tem sentido algum. É finalidade e aspiração dos símbolos religiosos dar sentido à vida humana. Quando os índios publicamente acreditaram que são filhos do pai Sol, então sua vida tem uma perspectiva e objetivos que ultrapassam sua existência individual e limitada. Isto deixa um espaço precioso para o processo de desenvolvimento de sua personalidade e é incomparavelmente mais satisfatório do que a certeza de que se é e continua sendo um servente de bazar. Se Paulo estivesse convencido de que não era mais que um fabricante itinerante de tapetes, não teria sido ele mesmo. O que deu realidade e sentido à sua vida foi a certeza de que era mensageiro de Deus. Poderíamos acusá-lo da megalomania, mas este aspecto esmaece diante do testemunho da História e do consensus omnium (consenso de todos). O mito que se apoderou dele fez de Paulo alguém maior do que um simples artesão. (Jung, 2015 p. 87)

As benzedeiras e seus altares simbólicos existem nessa sociedade complexa de comunicação e vivência social, têm uma função bastante relevante que se encarregam de curar,

manipulando objetos da natureza, ervas, chás, acolhendo, ouvindo e rezando pelo indivíduo, todo esse caminho eivado de respeito objetivando o bem-estar de quem a procura. A perseguição preconceituosa presente e velada de seguimentos religiosos com dirigentes que se dizem aptos a curar seus seguidores de igreja em troca do dízimo, o ceticismo por parte de alguns, a não continuidade por parte de familiares ou pessoas que possam aprender o ritual de benzimento, que segundo Câmara (2020) uma forma de evitar o seu desaparecimento é incentivar as novas gerações a conhecerem e preservar as tradições das benzedeiras na nossa sociedade e para as gerações futuras; a forte participação da mídia social em apenas mostrar o imediatismo global fomentando, difundido o que grupos de religiões cristãs manipulam, trazem consequências enormes a diminuição das benzedeiras nas comunidades. Sua contribuição é enorme, mas sua diminuição também é notável. Fazem parte de todo o tecido de uma sociedade, desde a promoção da saúde até à ajuda na resolução de problemas como disputas, escassez de alimentos nas famílias e outros problemas que afetam e atormentam uma comunidade, mas estas tradições estão a desaparecer como resultado da industrialização e da globalização, Coutinho et al.,(2018).

Ter uma religião ou citar que pertence a um seguimento religioso sem ao menos praticar; observa-se que serve apenas para se situar dentro de um padrão complexo de sociedade onde os grupos são formados por afinidades múltiplas. Exercer o dom do benzimento e rezar, não requer um padrão cristão que cite apenas elementos desse seguimento, algumas benzedeiras não falam em nome de santos, outras falam em orixás, outra em seguimento hindu e outras rezam e benzem citando nomes de santos católicos. Não importa qual a religião que ela é oriunda ou não, mas sim, que o bem seja realizado e a cura seja alcançada. Em seu ofício de benzimento, ela não indaga ao indivíduo qual a religião que ele pratica, orientam que ele esteja receptivo às orações, que seja enaltecida a fé. São populares e agem com popularidade, simplicidade. Para Oliveira et al. (2019), a prática de orações e gestos exige que a benzedeira desenvolva e use a intuição. Mesmo passando por preconceitos pela prática exercida do benzimento, os conhecimentos adquiridos são antigos e em muitos casos repassados pela geração familiar. Siqueira (2021), a presença do conhecimento popular, do conhecimento não oficial ou do conhecimento ignorado pela elite remonta à época anterior ao advento do cristianismo, mas foi somente depois do cristianismo que os governantes proibiram a oração aos deuses e os consideraram heréticos. Claramente, no benzimento observa-se que existe um ritual que varia de benzedeira a benzedeira, não há uma cerimônia litúrgica prepara e

direcionada apenas para uma divindade como forma de adquirir prosélitos ou constituir igreja. As práticas, os procedimentos, as orações realizadas no passado classificadas como pagãs, ainda são utilizadas de forma tão popular e são aceitas de maneira que seus efeitos são salutares para quem as recebe. As orações pagãs eram, portanto, indesejáveis, mas difundidas na “civilização” como forma de resistência à imposição de preceitos religiosos oficiais às comunidades organizadas, Ribeiro et al., (2018).

As benzedeadas com seus altares e seus simbolismos, quando da realização do benzimento; como prática de cura; utiliza de sua linguagem simples e orações ritmadas, para Silva (2022), a parte compreensível da oração está cheia de esperança. Os atos transformadores de determinadas situações que o indivíduo está passando ou enfermidades que esteja acometido, começarão a ser direcionados para a cura durante todo o processo que envolve a prática da benzeção. Parece existir segredo em tudo o que está exposto tanto no processo ritualístico como nos símbolos que estão expostos e outros manipulados. Seus gestos, objetos e orações simbolizam toda a sua magia para promover a cura de quem as visita, Silva Filho et al, (2023). Não há segredo na prática do benzimento. Seus símbolos contêm mistérios que para quem os contempla lhe traz um certo impacto de curiosidade e indagações para que serve tais recursos. Uma vez que a benzedead não está naquele momento sendo cogitada para explicar o universo de conhecimentos, mas sim em benzer, rezar e curar, fica a expressão de que existem segredos em tudo que está sendo realizado. Jung (1990), sobre segredos:

O verdadeiro segredo não age ocultamente, mas apenas usa uma linguagem secreta: ele é prefigurado por uma grande variedade de imagens que apontam para sua essência. Não mim refiro aqui ao segredo pessoal guardado por alguém e cujo conteúdo lhe é conhecido, mas a uma coisa ou questão “secreta” , isto é, conhecida apenas através de alusões, mas essencialmente desconhecida (Jung, 1990,p.256).

As benzedeadas que foram visitadas, bem como os benzedores, afirmaram que as enfermidades que pertencem ao campo da medicina não são tratados com benzimento, no entanto, o indivíduo é informado para procurar um médico, e caso deseje ter um reforço no processo de cura, pode retornar, porém, a medicina oficial deverá ser consultada primeiramente. Uma das enfermidades que têm destaque modernamente, é o aumento da depressão que ocasiona em tristeza profunda. O homem moderno preocupado com seus afazeres ocupacionais, tendo os acontecimentos que ocorrem em qualquer parte do mundo sendo divulgado de forma

imediate pelas redes sociais sintonizados em um simples celular, as disputas pelos primeiros lugares e destaque em setores ocupacionais, acarretam para o indivíduo os surgimentos de novos problemas e doenças. É a forma secular de participação social. As benzedeadas têm nesse âmbito que conviver com a simplicidade do ritualismo e a modernidade que avança de forma avassaladora. Berger (2017), fala sobre dos múltiplos altares que a modernidade apresenta:

Um exemplo de modernidade múltiplas em ação pode ser extraído de outro encontro envolvendo os telefones celulares. Numa das minhas primeiras visitas a Hong-Kong, eu saí para passear. Deparei com um templo budista e entrei. O que vi foi extraordinário. Diante de uma grande estátua de Buda estava um chinês de meia-idade num traje de passeio, curvado numa postura de devoção. Numa das mãos ele segurava um bastão de incenso, na outra um telefone celular ao qual ele estava falando. O meu primeiro pensamento foi: com quem ele estava falando! Claramente, eu estava então totalmente situado na realidade suprema de um excursão turística- definitivamente sob o domínio do discurso secular, tal como estou agora, enquanto escrevo este livro- um exercício definitivamente secular de desenvolver um argumento enquanto sociólogo. Por isso, naquele momento e agora, eu não acolhi nem acolherei a noção de que este homem estava falando com um ser sobrenatural (...)

(...) Esta conversa pode ter tido a ver com muitas áreas da vida humana, e pode talvez ter acontecido no contexto de alguma transação de negócios. Os empresários chineses são um grupo completamente pragmático, mesmo nas suas atitudes em relação à religião. No entanto, nesse momento, o homem estava realizando simultaneamente um ato de adoração (curvando-se com um bastão de incenso na mão) e se envolvendo numa conversa mundana (esta era e é minha própria hipótese muito secular).

(...) Eu gostaria de saber como ele conseguia equilibrar as suas estruturas de relevância religiosa e de negócios. Embora fisicamente envolvido num ato de culto budista, ele estava também ao mesmo tempo envolvido no que é geralmente uma forma secular de comunicação. Ele certamente parecia conseguir muito bem administrar esta síntese (...) (Berger, 2017,p.139).

Do altar simbólico de um dos benzedores vistados, esse é da religião de pertença africana; pois existem benzedeadas e benzedores de diferentes religiões, mas são principalmente cristãs ou afro-brasileiras. Estas influenciam as orações, gestos e plantas utilizadas, Ferreira (2023), existe a garrafada pronta e outras a serem feitas para curar algumas doenças de indivíduos que estiveram e estão em tratamento, essas garrafadas são geralmente utilizadas como medicamentos complementares durante o período de benzimento, são realizadas com frutas, raízes, ervas, em alguns casos especiais são utilizados insetos, determinados peixes. Servem para curar o mal funcionamento de rins, fígado, intestino, febre, dores, gripe, dentre outros. Existem também as “garrafadas” que são “preparações” à base de raízes e ervas às quais se adiciona pinga, em preparações para o tratamento de doenças específicas, Dos Santos Rodrigues (2020). Segundo esse benzedor, curou um jovem, filho de uma evangélica, de um mal chamado fogo corredor, que não estava sendo curado em um hospital através de

medicamentos prescritos pelo médico. Afirmou que naquele momento não tinha as ervas, mas, escreveu lista de nomes, e a mãe desse jovem, foi ao mercado adquirir. Segundo Ferreira (2003), além dessas referências ao uso de ervas, geralmente eles têm em seu jardim, ou compram no mercado, ou conhecem alguém que tenha tal planta e esteja disposto a doar algumas partes, e outros as pegam em seu habitat natural. Esse tratamento foi sem custo para o jovem que estava doente, afirmou que o dom recebido de Deus de graça é o mesmo que ele devolve para quem precisar. Esse benzimento que foi realizado em três dias consecutivos, tinha horário de ser iniciado, após as 15 horas e não podia ultrapassar o horário da noite. Sobre o benzimento: Sant’ana, (2019), não é realizado na ausência de luz solar. Consequentemente, todos os chás, garrafadas, que são orientadas também seguem um padrão de horário que não deve ser esquecido e nem tampouco negligenciado, pois cada enfermidade tem uma forma de tratamento, por isso todas as orientações são passadas ao indivíduo após o benzimento: ao acordar, ao amanhecer, ao meio-dia, ao sair de casa, ao chegar do trabalho, antes de dormir ou em outro horário combinado no dia da benção, Almeida, (2021). Vale ressaltar também que rigorosamente a pessoa tem que mudar o estilo de vida para não continuar doente, não é apenas passar pela ritualização do benzimento, ficar em um local em contato com os simbolismos dos altares ou do simbolismo da natureza. Tudo deve ser seguido de forma bastante séria e espiritualizada. Os horários onde devem acontecer: orações, tomar os medicamentos, banhos, garrafadas, chás, não devem estar em segundo plano durante o período onde o indivíduo está sendo tratado. Isso ajudará o paciente a participar do tratamento de maneira disciplinada, Silva, (20021).

Esse mesmo benzedor, ensinou somente a três pessoas, uma vez que, segundo ele, é o número máximo a ser ensinado. Sabedor de que na atualidade poucos jovens se interessam em aprender. Outros e outras benzedoras visitadas, ao dialogarem, foram unânimes em afirmar que infelizmente o desinteresse em aprender por parte de muitos jovens e até por familiares acontece. Em muitos momentos, a pessoa escolhida para que aprenda acaba se desinteressando ou no primeiro chamado responde imediatamente que não quer e não explica o motivo. Quando a benzedora está em estado avançado de idade, geralmente escolhe alguém, preferencialmente da família para substituí-la, mas esse legado está sendo quebrado pela geração atual. Para Sant’ana, (2019, escolhido no sentido de que o idoso sente que está se aproximando da velhice e perdendo um pouco de sua energia, e repassa seu conhecimento a um parente ou pessoa próxima que demonstre interesse em aprender esses ensinamentos.

Surgem, modernamente, outras maneiras de ser benzedeadas e benzedores, sem o acompanhamento e ensino tradicional e oral, uma vez que, com a expansão das redes sociais e assuntos midiáticos, a conexão com qualquer tipo de assunto é realizado em poucos minutos, basta apenas pesquisar. Trata-se das que são encontradas nessas redes sociais, realizando cursos pagos online, com direito a certificado, afirmando da certeza de que quem fizer algum curso, se tornará apto para o benzimento, mostram as técnicas teóricas e práticas, ensinam a fazer chás, orações, gesticulação do benzer, através de aulas que acontecem em módulos, ao vivo ou gravadas. Segundo o que se afirma, são novas formas de se tornar benzedeadas, nesse mesmo sentido, pode-se encontrar diversos cursos para áreas tecnológicas, universitárias. São os novos altares modernos, com símbolos modernos criados para gerir aulas em programas de computador, notebook, celulares (smartphone ou não), e-book. Berger, (2017, p132), de qualquer maneira, há muitos recrutas potenciais para movimentos que oferecem novas e recém-inventadas certezas. Quando se trata de modernidade, da nova sociedade digital, em uma sociedade que vive o imediatismo pelas redes sociais, onde fórmulas prontas estão sempre à disposição, Berger, (2017) faz uma alusão ao pluralismo na sociedade, notadamente religioso:

(...) Assim, as organizações religiosas se modernizarão instituindo estruturas burocráticas, que frequentemente modificam ou mesmo substituem os princípios originais das igrejas, as sedes das comunidades confessionais podem parecer muito com aquelas do governo ou dos escritórios corporativos com seus funcionários pensando em termos de produtividade e de distribuição eficiente de recursos humanos. (Berger, 2017, p. 146).

O universo simbólico apresentado nos altares das benzedeadas é uma riqueza imensurável pelas imagens diretas que são visualizadas pelo indivíduo, trazem para qualquer um que necessite de atendimento uma percepção bastante concentrada e até mesmo interpretativa, pois cada um no afã de ser curado observa detalhes do ambiente que esteja à sua volta, aquilo que lhe é indicado, as preces que são feitas, se tornam centro de atenção realizando assim uma mudança inclusive da forma de pensar. Há quem afirme que há falibilidade no simbolismo, pois ele pode levar a indução de efeitos para quem o observa. Whitehead, (2022), expressa que:

Há uma grande diferença entre simbolismo e conhecimento direto. A experiência direta é infalível. O que você já experimentou, você já vivenciou. Mas, o simbolismo é extremamente falível, no sentido de que ele pode nos induzir a ações, a sentimentos, a emoções e a crenças a respeito de certas coisas que, caso não encontremos um fundamento no mundo, nos faz pensar que são meras noções. Organismos elevados são possíveis somente na condição de que suas funções simbólicas estejam

justificadas na resolução de questões consideradas importantes. Porém, os erros da humanidade também surgem do simbolismo. É tarefa da razão compreender e purificar os símbolos das quais a humanidade depende (Whitehead, 2022, p. 14).

Contrário a infalibilidade, esse contato que o indivíduo tem para com o local de vida da benzedeira: a casa, o altar, os símbolos, a natureza, a linguagem, os aconselhamentos, pelo visto, é uma verdadeira exemplificação prática do simbolismo que objetiva a mudança de pensamento e o fortalecimento da fé que pode ocasionar na autoestima. A pessoa que busca pelo dom do benzimento, projeta estar diante de alguém que manipulará elementos que a levará para a cura, porém, acreditando na força suprema de algum um ser superior, que pode ser chamada de Deus, Paul Tilich, (1985) diz que:

(...) Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. (...) O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicional é Deus. Esse símbolo está presente em todo ato de crer, mesmo quando esse ato de crer inclui negação de Deus. Onde realmente existe o estar possuído pelo incondicional, Deus só pode ser negado em nome de Deus. (Paul Tilich, 1985, p. 30-33).

Há uma relação entre o ambiente, a benzedeira e o dom da cura, os elementos, indivíduo e a espiritualidade que lhe é peculiar, Alves, (2017, p. 105), assim afirma: a relação estabelecida com o transcendente envolve não apenas o eu, mas estabelece uma relação com o outro e com o seu meio, sendo esse fator fundamental para a existência humana.

Ainda sobre o doar-se para realizar a cura de indivíduos, que elas mesmas às vezes nem conhecem, mas que necessitam de atenção e de tratamento; as benzedeadas têm disponibilidade em atender até casos urgentes que podem ser complexos, ouvir, rezar, ensinar chás e banhos. É transformar o indivíduo que chega com baixa-estima em uma pessoa confiante na cura. Elas sempre estão conscientes do seu dom. Sobre dom e sacrifício nesse ínterim, Jung, (2012), afirma:

É preciso ter consciência de que se faz doação ou a entrega de si mesmo e também de que esse ato se liga sempre pretensões correspondentes, e isto tanto mais quanto menos delas se tem consciência. Somente essa tomada de consciência é capaz de garantir que a doação seja realmente um sacrifício. De fato, quando tomo consciência e concordo que me dou, entrego-me sem reservas e não quero receber nenhuma paga em troca; então sacrifiquei, realmente, minha pretensão, isto é, uma parte de mim mesmo (...). (Jung, 2012 p.74).

Todo esse universo que envolve a espiritualidade inserida nos símbolos religiosos e onde elestransmitem uma linguagem própria eivada de conhecimentos metafísicos, também trazem junto com suas interpretações diversas o espiritual e o indivíduo que o interpreta dentro de uma contextualização individual alimenta em si o respeito, veneração, por ter esse símbolo uma valorização que o levou à conexão com a espiritualidade. Os símbolos têm uma função que não devem ser confundidos com sinais. Os símbolos chamam a atenção do homem, bem afirma Tilich (1985):

“ Aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional (...).

Símbolos e sinais, têm característica especial em comum, ele indicam algo que se encontra fora deles.

(...) Sinais não participam da realidade daquilo que ele indicam: quanto aos símbolos, no entanto, esse é o caso. Por isso, os sinais podem ser substituídos em livre acordo por questões de conveniência, com os símbolos não é assim.

Isso nos leva a mais uma característica do símbolo: ele faz parte daquilo que ele indica.

(...) Símbolo consiste em que ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, nos permaneceria inacessíveis.

(...) Símbolo em que ele abre dimensões e estrutura da nossa alma que corresponde às dimensões e estrutura da realidade.

(...) Símbolo não pode ser inventado arbitrariamente. Eles provêm do inconsciente individual ou coletivo e só tomam vida ao se radicarem no inconsciente do nosso próprio ser.” (Tilich. 1985, p.30-31)

Mesmo com a modernidade, as benzedeiras continuam a existir em locais distantes dos grandes centros comerciais e em meio ao isolamento social, sempre prontas a ajudar e curar quem as procura. Alves,(2017), afirma:

Diante de um mundo tão dinâmico, instável, como já dissemos anteriormente, tanto a religiosidade quanto a espiritualidade se apresentam como possibilidades de devolver ao homem a sua plena humanidade. Este “retorno sagrado” possui a capacidade de desprender o homem em direção ao outro e com isso reverter à situação de individualismo e instabilidade que a modernidade técnica produziu. (Alves, 2017,p. 100).

Os altares das benzedeiras têm símbolos místicos com o sentido voltado para as divindades que cada uma delas cultua, e esse aspecto amplia também para a natureza, uma vez que muitas delas afirmam não ter altares, mas contemplam a natureza com conexão direta com o que elas chamam de divino, é uma dualidade, união do espaço natural com a divindade. São doadoras do seu dom, oferecem e não recebem valores pecuniários, sacrificam determinadas horas de sua vida familiar para ajudar aos que precisam de acolhimento e saúde. Jung, (2012), assim assevera:

Portanto, aquilo que dou do que mim pertence já é, em si, um símbolo ou algo polivalente. Mas, uma vez que não tenho consciência de seu caráter simbólico, permanece preso ao meu eu, por que é parte de minha individualidade. Daí o fato de toda oferenda se achar ligada, de forma ruidosa ou discreta, a uma pretensão de ordem pessoal (Jung, 2012,p.67).

O altar traz uma centralidade de atenção para qualquer indivíduo que o observe, mesmo se tiver transitando ou sentado bem à sua frente, as imagens simbólicas externas e internas do indivíduo o coloca em estado reflexivo seja em alguma situação que esteja passando ou que já passou e lhe resultou em experiência, ou quem sabe em busca da cura de alguma enfermidade que esteja sofrendo. Essas imagens simbólicas são ampliadas na consciência do indivíduo devido à sua forma de se comunicar com o mundo à sua volta e com a sua divindade. Cada indivíduo pensa, emociona-se, enraivece, procrastina algumas decisões, erra e acerta, cria e recria conexões com problemas vividos e, também, situações que foram boas. A emotividade, o pensamento da pessoa está inserida em inúmeras situações que o faz voltar-se para determinados momentos vividos sejam eles bons ou ruins. Eliade, (1979), confirma que:

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: por a nu as mais concretas modalidades do ser. Por conseguinte o seu estudo permite-nos conhecer melhor o homem, sem mais, aquele que ainda não transigiu com as condições da história. (Eliade, 1979, p.13)

O altar das benzedeiras e seus simbolismos têm peculiar identidade com o sagrado popular que nelas contêm, desde sua humildade, simplicidade em conversar e viver o seu dom em oferecer a cura gratuitamente para quem a procura dentro de um ambiente de acolhimento e respeito. Eliade, (1979, p 20): a sabedoria popular tem frequentemente exprimido a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e riqueza da sua vida interior.

Ademais, por isso, é importante o pensar dirigido para estudar os altares e seus simbolismos das benzedeiras que ainda existem, e que resistem aos tempos modernos, tecnológicos que comprimem o homem e o direciona a não buscar a simplicidade para as resoluções de seus problemas internos e externos. As benzedeiras ao apresentarem seus conhecimentos, os socializam, de forma simplificada e leve, para que desperte o interesse de uma criança, adolescente ou mesmo adulto, Dos Santos Rodrigues, (2020). Consequentemente,

preservar esses conhecimentos, utilização de ervas, raízes, orações, gesticulações, imagens religiosas, altares diversos, natureza, provavelmente trará o foco da preservação para o centro de estudos e acima de tudo, não relegará essa especialidade do dom do benzimento ao esquecimento. Câmara (2020), diz que: uma forma de evitar o seu desaparecimento é incentivar a novas gerações a preservar as tradições das benzedadeiras na nossa sociedade.

6 -CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os símbolos fazem parte do cotidiano humano e projetados em altares, físicos ou espirituais, são incontáveis os benéficos, principalmente, no benzimento, devido à mescla de comunicação e imagem. O símbolo é imeditistas na consciência do indivíduo.

O objetivo desse trabalho foi realizar um estudo sobre o simbolismo nos altares das benzedadeiras, levando em consideração os aspectos abordados, estudados e fotografados sobre os simbolismos expostos nos altares. A problematização se apresenta em saber se os símbolos dos altares influenciam e causam impacto nos indivíduos que necessitam do benzimento para a cura de alguma enfermidade, uma vez que durante a prática popular do benzimento através de rituais, observa-se que os elementos simbólicos que fazem parte do ambiente contribuem para uma atmosfera mística e contemplativa para a cura.

O primeiro passo inicialmente metodologicamente foi identificar as benzedadeiras nas comunidades onde elas residem, tanto na capital como do interior. Os nomes delas foram preservados e para isso foram tratadas por numeração. Indagava-se que elas não mais existiam e que haveria muita dificuldade em encontrá-las. Durante intensa busca e identificada a primeira delas e após fotografado o local, várias outras começaram a aparecer, sendo agendadas as visitas. Constata-se, realmente, que o número não é grande, existe uma escassez da continuidade do ofício do benzimento pela geração atual.

Analisando as fotografias dos variados altares, nota-se uma espiritualidade e energia que chamam atenção de quem tem sensibilidade, durante a visita, isto posto, o indivíduo que ali chegue para qualquer tratamento, estará envolvido pelas imagens e simbolismos do ambiente, que lhe servirá de reflexão, concentração para a cura da enfermidade. Algumas delas atendem em espaços abertos, na natureza, entretanto utilizam da verbalização de orações, gesticulações, solicitam inclusive ao indivíduo que se concentre, acredite, tenha fé. Outras atendem na entrada de sua residência, de costas para a porta de entrada para expulsar a doença para a rua. Cada uma tem seu altar intimamente marcado para o benzimento que normalmente impacta quem está participando do ritual.

De forma geral, os aspectos dos altares são os mais diversificados possíveis, mas em todos eles têm uma mensagem implícita de que é preciso ter fé e acreditar na divindade. Existem inúmeros itens neles: velas, copos de água, moringas, tesouras, guias, terços, ervas, cruzes, agulha, linha, fitinhas coloridas, papéis com nomes de pessoas para as orações, cristais, garrafas

transparentes, toalhas, orações, bíblias, chás e garrafadas medicinais, quartilhão de água, flores, estola, livros de orações, divisões hierárquicas de santos católicos e orixás; simbolizando sincretismo religioso; quartinhas, pedras, quadros de santos, água benta, vassouras, cachimbos e fumo, cadeiras de madeira ou de plástico, flores artificiais, flores naturais, cama, diversas plantas, ramos, ervas, terços, que são representatividades do simbólico nos ambientes onde elas exercem seu mister de cura.

Especificamente, fotografar e ir onde elas residem, foi de grande importância, onde inicialmente foram encontradas em municípios sergipanos, tais como: Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro, Ribeirópolis e Aracaju, Larnjeiras. Todas elas foram visitadas nas comunidades periféricas das cidades, e, o atendimento foi de inteira comunicação e acolhimento. Uma delas inclusive pensou que era para benzer os visitantes, e já estava com um ramo de vassourinha nas mãos para a realização do benzimento.

Os aspectos dos altares das benzedadeiras com seus símbolos, foram estudados como fenômenos que influenciam na cura, servindo de conexão entre o exterior e o interior do indivíduo. Os símbolos contidos nos altares chamam a atenção e a percepção da pessoa que os observe e nesse caso foi realizada a pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico, realizando observações, fotografias dos altares, símbolos existentes, de forma que a análise fotográfica dos fatores que influenciam no benzimento.

Constatou-se ainda que ao realizarem os benzimentos em casa ou em espaços abertos, na natureza, na residência do indivíduo, as benzedadeiras costumam levar consigo seus ramos de plantas, oram em ritmo rápido, utilizam as mãos para benzer que são símbolos da prática do benzimento, sendo até elas mesmos símbolos do ofício que exercem.

Existia antes da pesquisa a preocupação de que as benzedadeiras já não existiam, devido ao avanço tecnológico e de seguimentos religiosos que “pregam” e difundem a cura pela mídia social. Porém, constatou-se, que elas não desapareceram; muito embora tenham diminuído de número; as pessoas das comunidades onde elas residem continuam a procurá-las como recurso de cura. Claro, que existe uma escassez, uma vez que a nova geração não quer aprender o benzimento, e que a tradição de ensinar para alguém da família no intuito da continuidade não está sendo realizado por motivo de desinteresse.

Outro ponto importante a ser observado é que também foram encontrados os benzedores, inclusive pais de santo. Esses informaram em diálogo que ensinam seus filhos a entenderem o benzimento, seus rituais, suas orações, chás, gesticulações, de forma interna, para

que haja uma possível continuidade do ritual de benzimento. Se a benzedeadas não conseguem ensinar aos jovens familiares de casa o benzimento, por motivo já exposto no texto, e passar o legado para eles, caso elas venham a falecer, os pais de santo, possivelmente, alcançarão esse objetivo com seus filhos de santo.

Assim, para elucidar as considerações finais, resgatou-se o problema da pesquisa, e constatou-se que há uma influência dos símbolos nos altares das benzedeadas quando o ritual acontece. Os símbolos existentes, as orações realizadas, os banhos prescritos, os chás ofertados, tudo o que envolve o ritual sob o som da voz das benzedeadas é carregado de espiritualidade e fé que também é transmitido para o indivíduo que está recebendo o benzimento. Os símbolos dos altares transmitem uma presença espiritual muito forte, uma vez que cada um deles tem um significado positivo para a cura.

Ademais, foi observado ao decorrer dos diálogos e fotografias realizadas que na maioria das benzedeadas pesquisadas e dos benzedores, sofreram preconceito, advindas de praticantes de religiões cristãs e assim, por consequência se isolam por essas situações. Contribuindo dessa forma, para os familiares mais jovens não desejarem aprender o ofício do benzimento até com possível receio da perseguição.

Nesse ínterim, existem aquelas que não têm um altar material exposto em sua residência, mas atendem em seu lar ou vão até a casa do indivíduo necessitado, símbolo primordial de convivência familiar e segurança espiritual.

Outro motivo explicitado, existe a crença difundida por incautos religiosos às pessoas, que, quem aprende o ofício do benzimento, mesmo que seja por uma benzedeadas familiar, corre o risco de adquirir alguma enfermidade do indivíduo que ela for benzer. Essa crença tem por intuito fomentar o medo, que consequentemente gera o desinteresse em pessoas mais novas em aprender.

Cabe apontar, ainda, que durante as visitas, surgiram mães e pais de santo que são benzedeadas e benzedores, atitude que reafirma o compromisso que eles têm junto às comunidades onde residem em continuar na resistência ao racismo religioso. A riqueza da cultura popular que todas elas têm enaltece o espírito para a esperança e autoestima. Vale ressaltar que até um determinado momento, achava-se que teria apenas benzedeadas para realização da pesquisa.

Outrossim, foi dito que existem os que nascem com aptidão em benzer, e consequentemente escolhe alguém de casa para ensinar a prosseguir após sua morte, e existem

os que são simpatizantes são chamados para aprender, o ofício com o objetivo além de curar em não deixar que seja esquecido o ofício de benzer.

Em número menor do que antes, as benzedeadas ainda existem, fortalecem a autoestima e curam inúmeras pessoas seja de sua própria comunidade ou as que vêm de outras localidades à sua procura. Não fazem distinção racial, religiosa ou gênero. Seus altares são repletos de símbolos que trazem uma intimidade com o sagrado e invocam a espiritualidade em todo ambiente. O indivíduo se envolve em concentração e receptividade nesse ambiente enaltecendo a confiança no ritual de benzimento que lhe será benéfico para a cura.

Desse modo, na expectativa da pesquisa ter contribuído para elucidar aquilo que ela se propôs, desde o planejamento acadêmico inicial, ao se indagar sobre a contribuição exercida dos símbolos nos altares das benzedeadas no tocante à saúde do indivíduo, percebeu-se que faz-se necessário a produção de outras pesquisas sobre esta temática, bem como de outros pontos observados, a exemplo, do preconceito sofrido pela maioria das benzedeadas e benzedores pesquisados, tanto nas Ciências da religião, como em pesquisas multidisciplinares de outros programas de pós graduação, a exemplo da sociologia, da antropologia.

REFERÊNCIAS

- A. A, **O Livro Azul**, Ed. A. A, 1ª Ed. 1994, p. 41- Alcoólicos Anônimos.
- ALMEIDA, G. S., PEROVANO FILHO, Natalino. **Identidades étnicas e Etnociências nas práticas de Rezadeiras**. Odeere, v. 6, n. 2, p. 79-95, 2021.
- ALVES, M. J. dos S., **Terepêutica Popular: A “Cura” Pelas Benzedadeiras Enquanto Modo de Cuidado** . Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Católica de Pernambuco, UNICAMP, 2016.
- ALVES, M. J. dos S., **Terapêutica Popular: A “CURA PELAS BENZEDEIRAS- Enquanto modo de cuidado: orientador Marcos Túlio Caldas**, 2017- Editora Associação Brasileira das Editoras Universitárias, 132 f.
- ARANTES, A. A., **O que é cultura popular** – São Paulo: Brasiliense, 20024- Coleção Primeiros Passos; 36- 4ª reimpr. da 14ª ed. de 1990.
- BACKTIN, M., **Estética da Criação Verbal**- Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra: prefácio e tradução francesa Tzvetan Todorov – 4ª ed- São Paulo: Martins Fontes, 2003 (coleção biblioteca universal).
- BADEN. Powell- **Os afro-sambas**, Baden Powell & Vinicius de Moraes e Quarteto em Cy- 1966. Gravadora Phillips.
- BARROS, M. A., de, **A benzedeira: experiência como o Sagrado**, 1 ed. Curitiba, Ed. Appris, 2022.
- BERGER, P. L., **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**; tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho; revisão da tradução de Gentil Avelino Trirron; Petropolis, Rio de Janeiro, 2017.
- BERGER, P. L.; L. T., **Modernidade Pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno**. Editora Vozes. Petrópolis. RJ 2004.
- BLANC, Cláudio- **As religiões do mundo**- Barueri, SP: Camelt, 2021 Ed. Instituto Brasileiro

de Cultura LTDA-IBC. 2021

_____. BLANC, Cláudio- **As religiões do mundo**- Barueri, SP: Camelt, 2021 Ed. Instituto Brasileiro de Cultura LTDA-IBC. 2021.

BORAY, José Luis Vásquez, **O Fenômeno Religioso (Símbolos, Mitos e Ritos das Religiões)**, Editora Paulus, 2008.

BORGES, M. R., **Gira de Escravos. A Música dos Exus e Pombagira na umbanda** da Bahia, São Cristovão, Ed. UFS, 2014.

BORGES, Miguel Angelo Velanes. Saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras em comunidades de Camaçari: diálogos entre saberes populares e educação formal. **V Encontro Estadual de Ensino de História ANPUH**, 2019.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico; Tradução de Fernando Tomaz, Ed. Bertrand Brasil, União Editora Ltda, 1989.

CASTELANI, José, **Cartilha do Aprendiz**, Editora A Trolha, ano 2004,

CÂMARA, Yls Rabelo. Das bruxas, saudadoras, santeiras, cuspidadeiras e meigas europeias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 18, p. 502-514, 2020.

CAMARGO, A., **Rituais com Ervas: Banho, defumações e benzimentos**- 6 ed. São Paulo: 2015.

CAPOSSA, Romão F.J, *et al.* **É tempo de cura**, Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana, n. 49, Ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

CARDOSO, A. da S. *et al.* **O “olhar antropológico do designer”: uma abordagem simbólica das benzedadeiras de Maceió-AL**. 2018.

CAVALCANTI, C. A. M., **Religiões e Religiosidades: entre a tradição e a modernidade** São Paulo: Paulinas, 2010- Coleção estudos da ABHR; v. 7.

CONECTAS- **O que é o racismo religioso e como ele afeta a população negra** .

https://www.conectas.org/noticias/o-que-e-racismo-religioso-e-como-ele-afeta-a-populacao-negra/?utm_campaign=newsletter_- acesso 19/06/2024.

CORDEIRO, Bruno Garattoni, **A Reinvenção do Cérebro**. Revista Super Interessante, março-2019, pag.24

COUTINHO, Amanda Lucena et al. **Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do semiárido paraibano**. 2018.

DALLARI, Dalmo de Abreu, Os direitos da mulher e da cidadã por Olimpia Gourges, Ed. Saraiva, 2016

DE AZEVEDO, Gilson Xavier & Carolina Teles LEMOS, **As benzedadeiras na tecitura da cultura, religião e medicina populares**, Goiânia, Agbook, 2018.

DE CARVALHO, Sergio Zanata; DE MELO BONINI, Luci Mendes; JIMENEZ-SCABBIA, Renata Almeida. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal por benzedadeiras/benzedores e rezadeiras/rezadores de Anhembi e Mogi das Cruzes–SP. **Correlatio**, v. 16, n. 2, p. 133-152, 2017.

Desenhos pré-históricos 'ignorados' podem revelar o 'mais antigo' código de escrita. BBC.News, 2016. <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-38129750>> Acesso em: 01/06/2024.

DE MEDEIROS LIMA, Diana; DE OLIVEIRA, Kleber Andolfato. Rezadeiras e Benzedadeiras do Assentamento Bernardo Marim-Pureza/RN. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

DOS SANTOS RODRIGUES, Franciel; DE ARAGÃO, Patricia Cristina. Vozes que curam e vozes que narram: o ritual de cura na voz da Rezadeira Nazaré. **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 324-339, 2020.

DOS SANTOS, Otávio Augusto Chaves Rubino; LAGE, Allene Carvalho. Epistemologias da floresta: ecologia e modos de vida integrados com a natureza. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 3, p. 328-348, 2020.

DURKHEIM, Émile- **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na**

Austrália Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996- Coleção Tópicos. Editora Martins Fontes Editora Ltda.

ELIADE, Mircea- **O Sagrado e o Profano**- 1ª edição: março de 1992- Tradução de Rogério Fernandes. Adaptação para a edição brasileira: Silvana Vieira, revisão gráfica: Edvaldo Ângelo Batista e Jonas Pereira dos Santos, prod. Gráfica: Geraldo Alves, pag. Renato C. Carbone Ed. Martins Fontes, 1992.

ERPEN, Jackson, **O verdadeiro Sentido da Missa.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2017-12/o-verdadeiro-sentido-do-sacrificio-da-santa->

FERREIRA, Teresinha de Jesus. **Memórias, histórias e saberes de benzedeadas (os), rezadeiras (os), raizeiras (os) e ialorixás de Viçosa e Ponte Nova-MG.** 2023.

FIGUEIREDO, Janaína, **Nação Angola, Caboclos, Nkisis e as novas mediações**, 1ª Ed. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 2021.

GARANTONE Bruno e Thiago CORDEIRO, A reinvenção do cérebro: Ler e controlar pensamentos. Implantar memórias, aumentar a inteligência, transmitir informações por telepatia. Existem cientistas tentando fazer tudo isso, 27/02/2019, Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-reinvencao-do-cerebro>>. Revisitado dia 24/06/2024.

GALVAN, Alda Luiza – **Psicologia e religião : uma abordagem sobre a cura no meio popular.** Taubaté-São Paulo: Cabral Editora e Livraria Umoiversitária, 2005, 159 p.

GOMBERG, Estélio- **Leituras Afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúde**, Ana Catarina de Souza Mandarin, Estélio Gomberg (org) – São Cristóvão: Editora UFS; ADUFBA, 2009.

GUILOUSK, B. COSTA, D.R.D. da, **Ritos e Rituais. II JOINTH. Subjetivação Contemporânea e Religiosidade.** PUCRS. 2012.

HILLMAN, James, **Uma busca interior em psicologia e religião**, tradução Aracéli Martins Elman; revisão José Joaquim Sobral, São Paulo: Ed. Paulus, 1984, Coleção Amor e psique

IGMR-**Instrução Geral do Missal Romano**- pgs 94-95, 2023, Ed. CNBB.

JUNG, Carl Gustav- **O símbolo da transformação da missa**/C.G.Jung;trad. de Pe. Dom MateusRamalho Rocha: revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. - 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

JUNG, G.Carl- **O homem e seus símbolos**- Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. especial- Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. il.

_____JUNG, Carl Gustav - **O homem e seus símbolos** – 3º Edição- Tradução de Maria Lúcia Pinho.Rio de Janeiro: Editora Collins Brasil, 2016.

_____JUNG, Carl Gustav - **O homem e seus símbolos** – 3º Edição- Tradução de Maria Lúcia Pinho.Rio de Janeiro: Editora Collins Brasil, 2016,

_____JUNG, Carl Gustav - **O homem e seus símbolos** – 3º Edição- Tradução de Maria Lúcia Pinho.Rio de Janeiro: Editora Collins Brasil, 2016.

_____JUNG, Carl Gustav - **O homem e seus símbolos** – 3º Edição- Tradução de Maria Lúcia Pinho.Rio de Janeiro: Editora Collins Brasil, 2016

_____JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. 192 p. **Psicologia e religião** / C. G. Jung; tradução do Pe. DomMateus Ramalho Rocha; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. — Petrópolis : Vozes, 1978. (Obras completas de C. G. Jung; v. 11/1: Psicologia e religião). Tradução de: Zur Psychologie westlicher und östlicher Religion: Psychologie und Religion.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung ; [tradução MariaLuíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. Título original : Die Archetypen Und Das Kollektive Un Bewusste, ISBN 85.326.2354-9 (Brochura) ISBN 85.326.2355-7 (Encadernado) 1. Arquétipo (Psicologia) 2. Inconsciente 3. Psicanálise 1. Título.

_____JUNG, CG. (Cari Gustav), 1875-1961- 92p **Psicologia e alquimia** / CG. Jung; tradução MariaLuiza Appy, Margaret Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão literária Dora MarianaRibeiro Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy; revisão Técnica, Jette Bonaventure. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1990. (Obras completas de CG. Jung; v. XII) - Tradução de: Psychologie und Alchemic.

_____JUNG, CG. (Cari Gustav), 1875-1961- J92p **Psicologia e alquimia** / CG. Jung; tradução Maria Luiza Appy, Margaret Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão literária Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy, revisão Técnica, Jette Bonaventure. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1990. (Obras completas de CG. Jung; v. XII). Tradução de: Psychologie und Alchemie.

KARDEC, Alan, **Livro do Espiritos**, coleção 1858, 10 Ed, francesa, tradução Ery Lopes, atualizado 2024, consulta 19/06/2024 , luzespitia.org.br

LEMOS, Maria Fabiana Martins. **O uso das plantas medicinais para a cura das doenças da aldeia e sua relação com o trabalho das benzedeiras e rezadeiras na tradição indígena Tapeba, Potyguara e Tabajara**. 2023.

LEWIS, H. Spencer, **A arte da cura à distância, concentração e memorização**, Biblioteca.

LIMA, Itamar da Silva, **Benzedeiras- fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde**, 1ª Ed., Belo Horizonte, 208.

LOPES, Deise., **Benzedeiras atraem pessoas de diversas religiões em busca de paz espiritual**. Correio Brasiliense, Brasília-DF, 2018- Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/2018/04/29/interna_cidadesdf,677065/benzedeiras-atraem-pessoas-de-diversas-religoes-em-busca-de-paz-.shtml>

MANDARINO, Ana Catarina de Souza - **Leituras Afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúde**. Estélio Gomberg (org) – São Cristóvão: Editora UFS; ADUFBA, 2009.

MENESES, Jonatas – **Pentecostalismo e os rituais de cura divina: personagens e percursos** – São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

MIGUEL, Luiz, **Liturgia Passo a Passo, As vestes sagradas**. p. 1, Ed. Paulus 2019.

MURARO, José Marie, **Textos da Fogueira**, Ed. Letraviva Ltda, 2000, Brasília.

O'Connel, Mark – **Interpretação e significado dos símbolos**, Mark O'Connel, Raje Airey; Tradução Débora Ginza. São Paulo: Lafonte, 2021.

O’Connel, Mark – **Interpretação e significado dos símbolos**, Mark O’Connel, Raje Airey; Tradução Débora Ginza. São Paulo: Lafonte, 2021.

OLIVEIRA, Ilzer de Matos Oliveira. NETO, Pedro Menezes Feitoza – **Direito de Povos de Terreiro, 2/** organização Thiago Azevedo Pinheiro Iloshino, Bruno Barbosa Heim. Andréa Letícia Carvalho Guimarães e Winne Bueno- Salvador, BA: Editora Mente Aberta; Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico 30/09/2022.

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva et al. **Rezadeiras da Paraíba: etnografia de uma crença enraizada**. Revista Informação e cultura, 2019

PEIXOTO, Adriana, 2022, Parlamento catalão perdoa 1000 pessoas acusadas de bruxaria, 400 anos depois. Disponível em: <zap.aeiou.pt/parlamento-catalão-perdoa-1000-bruxaria-459861>, visitado em 20/05/2024.

Polícia autoriza protesto na Suécia que queimará Bíblia e Torá. G1.Globo, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/14/policia-autoriza-protesto-na-suecia-que-queimara-biblia-e-tora.ghtml>> Acesso em 03/04/2024.

POMPA, Cristina: **Missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial**, Bauru, São Paulo; EDUSC, 2003, Coleção Ciências Sociais.

PRANDI, Reginaldo, **Mitologia dos Orixás/ Reginaldo Prandi**; ilustrações de Pedro Rafael: 1ª edição-São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Prefeitura de Aracaju irá pagar indenização por racismo religioso contra terreiro de candomblé. CartaCapital, 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/justica/prefeitura-de-aracaju-ira-pagar-indenizacao-de-r-20-mil-por-racismo-religioso-contra-terreiro-de-candomble/>> Acesso em: 01/06/2024

QUINTANA, Alberto, **A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**: São Paulo: Edusc, 1999.

RAMALHO, Zé, 1981, **Canção a galopada**, Gravadora Epic Record – Terceiro álbum do cantor denominado: A terceira lâmioca.

RELIGIÃO, In Dicio, dicionário online português. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=0LEYn>>, acesso em 12/09/2023.

RIBEIRO, Elder Pereira; DE SENA, Márcio Luis Moreira; ORESTE, Liverson Ferreira Santos. **Diálogo com o Sagrado: Narrativas das benzedeiras e rezadeiras de Santo Amaro. ODEERE**, v. 3, n. 6, p. 366-374, 2018.

ROSA CRUZ, 6ª Edição em língua portuguesa, dezembro, 2006.

SÁTYRO, Dinan Dhom Pimentel, **Afinal, o que é umbanda?** -Dinan Dhom Pimentel Sátyro, WalterCardoso Sátyro- Rio de Janeiro – Novo Ser, 2013.

SANT'ANA, Elma; SEGGIARO, Delizabete. **Benzedeiras e Benzeduras**. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2008.

SANT'ANA, Elma. **Benzedeiras, Benzedores, Benzeduras**. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

SANTOS, Babalawô Ivanir dos, Maria das Graças O. NASCIMENTO, Juliana B. CAVALCANTI, Mariana GINO, Vitor Almeida, **Intolerância Religiosa no Brasil, Relatório e Balanço**, 2ª Ed. CEAP- Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, 2018.

SANTOS, Boabertura de Souza, **Se Deus Fosse um ativista dos Direitos Humanos**, 2ª Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2014.

SCHILBRACK, Kevin. Tradução: Eduardo R. Cruz. Conceito de religião. REVER. São Paulo. V. 22. Número 2. Ano 2022.

SEIXAS, Raul, Raul Seixas & Paulo Coelho, 1974, Gravadora Philips (Universal Music), Ed. 3º – 600 mil copias- 1º disco de ouro.

SEMINÉRIO, Franco Le Presti. **A religião como fenômeno psicológico**. Universidade Federal do Riode Janeiro, p.165. 1998.

SILVA FILHO, Geraldo Barbosa da; OLIVEIRA, Maria do Socorro Feitosa de Souza; SILVA, Maria Clemilda da. **Xô olho grande! As ameaças de extinção das rezadeiras tradicionais e o surgimento das novas rezadeiras dos meios digitais**. Trabalho de Conclusão de Curso.

Brasil. 2022.

SIQUEIRA, André Boccasius. **Etnoconhecimento de benzedadeiras e rezadeiras: resistência ao tempo e à tecnologia**. Revista Húmus [recurso eletrônico]. São Luís, MA: UFMA, 2021. Vol. 11, n. 25, p. 119-132., 2021.

SODRÉ, Muniz: **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**- Rio de Janeiro: Imago Ed; Salvador. BA. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUSA NASCIMENTO, Luiz Augusto. **Mulheres que ecoam Saberes: as rezadeiras e benzedadeiras do médio Sertão maranhense e as elocuções híbridas**. Odeere, v. 7, n. 1, 2022.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão Teixeira- **Leituras Afro-brasileiras: territórios, religiosidades e saúde**, Ana Catarina de Souza Mandarino, Estélio Gomberg (org) – São Cristóvão: Editora UFS; ADUFBA, 2009.

TILICH, Paul – **Dinâmica da Fé**, 3ª edição – Editora Sinodal – 1985- Tradução de Walter O. Schlupp.

TILICH, Paul – **Dinâmica da Fé**, 3ª edição – Editora Sinodal – 1985- Tradução de Walter O. Schlupp.

VALENTE, Waldemar; **Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro**, Edição Ilustrada Companhia Editora Nacional, São Paulo – SP, Livraria Civilização Brasileiro, 1955. Série V, Vol. 280, Biblioteca Pedagógica Brasileira. 22.45.

WHITHEAD, Alfred North, **Simbolismos: seu significando e efeito**, Ed. Elea 2022, Rio de Janeiro/RJ.1ª Ed. Tradução Thigo Nolasco.

APÊNDICE I

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Prezado (a) participante,

Agradecemos a sua participação voluntária nessa pesquisa que tem como objetivo analisar os aspectos dos altares das benzedadeiras, contextualizando-os, através dos teóricos que dialogam sobre a importância dos símbolos e do simbólico na sociedade. A pesquisa está sob a orientação da Profa. Dra. Maria Jeane S. Alves.

A entrevista que faremos conterão algumas perguntas sobre a atuação do Islam em Itabaianinha-SE; a compreensão da religião islâmica e sua interface com a saúde mental e a autopercepção que você tem em relação a prática religiosa na sua saúde mental, verificar se há relatos de islamofobia. Para sua participação é importante que você saiba:

- Não existem respostas certas ou erradas;
- A qualquer momento você pode desistir de participar, não havendo problemas quanto a isto;
- É garantido o anonimato das entrevistadas, porém autorizo divulgação da minha imagem, se necessário;
- Responda as questões de forma espontânea e tranquilamente;
- Não deixe de responder a nenhuma questão;
- Será fornecido número de telefone para você entrar em contato com a pesquisadora, caso tenha alguma dúvida ou questão a ser esclarecida, bem como ter acesso aos resultados da pesquisa;
- Lembramos que o sucesso desta pesquisa depende da sua sinceridade.

_____, ____/____/2024

CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA ACIMA REFERIDA, ESTANDO CIENTE DOS SEUS OBJETIVOS E POSSIBILIDADES QUE ME FORAM ESCLARECIDAS.

Salvador do Nascimento Filho
Contato: (79) xxxxx-xxxx

Assinatura do Participante



APÊNDICE II



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

PARA:

DE: Salvador do Nascimento Filho

LOCAL: Aracaju, São cristóvão, Barra dos Coqueiros, Ribeirópolis e Nossa Senhora do Socorro-SE.

ASSUNTO: Solicitação de autorização para a efetuação de pesquisa, através de registros fotográficos, base para a elaboração de um estudo sobre Imagens.do Sagrado: a representação simbólica na prática da benzeção.

Prezado (a) senhor (a)

Como discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe, venho, formalmente, solicitar sua autorização para efetuar registros fotográficos dos altares de benzimentos.

A residência e/ou locais diversificados das benzedeiras/benzedores foi o espaço escolhido para os registros fotográficos dos seus altares, não havendo a especificidade de determinadas características individuais (gênero, faixa etária).

A coleta de dados será realizada onde for mais conveniente para o/a participante, sendo que o contato com o benzedor/benzedeira será feito pelo próprio pesquisador devidamente treinado para tal prática, respeitando os critérios de não causar nenhum inconveniente às pessoas que sejam abordadas.

Os dias escolhidos para a realização da pesquisa serão durante a semana e a equipe é composta por um pesquisador da Pós-Graduação em Ciências da Religião.

A aplicação não requer recursos materiais do estabelecimento e encontra-se dentro dos parâmetros éticos essenciais para a pesquisa com seres humanos. Vale destacar que, em momento algum, será feita referência a pessoa, sem mesmo a identificação do benzedor/benzedeira ou de terceiros, sendo que a pesquisa será mantida no padrão de sigilo das informações das pessoas abordadas.

Enfim, em qualquer caso de dúvida ou maiores informações, estamos à disposição para o contato.

Com a certeza de vossa atenção, agradeço antecipadamente.

Salvador do Nascimento Filho
Tel.: (79) xxxxx-xxxx

Orientadora Prof. Dra. Maria Jeane dos S. Alves

Benzedor/Benzedeira